

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

**LAURA SANTOS DE BARROS**

**AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO NO BRASIL E O  
HACKTIVISMO: UMA ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS AO  
ANONYMOUS NOS PORTAIS FOLHA.COM E G1**

Porto Alegre

2013

**LAURA SANTOS DE BARROS**

# **AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO NO BRASIL E O HACKTIVISMO: UMA ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS AO ANONYMOUS NOS PORTAIS FOLHA.COM E G1**

Trabalho apresentado junto ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Ms. Camila Cornutti Barbosa

## **Conceito Final:**

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

## **Banca examinadora:**

---

Ms. Ana Lúcia Migowski

---

Ms. Willian Araújo

---

Orientador Ms. Camila Cornutti - UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus familiares, pelo amor incondicional e por sempre estarem ao meu lado. À minha mãe, pela constante preocupação e por me apoiar em todos os momentos.

Aos meus amigos, que nunca me deixaram desanimar e fazem a minha vida mais feliz.

À minha orientadora Camila, pela paciência, atenção e dedicação;

À Fabico, que não só me proporcionou conhecimento, mas também permitiu que eu conhecesse excelentes pessoas e vivenciasse momentos inesquecíveis. À UFRGS, pelo ambiente acolhedor e por oportunizar as melhores experiências.

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise do fenômeno hacktivismo e da atuação do Anonymous durante as manifestações do Brasil em 2013. O objetivo da pesquisa é investigar a legitimidade do hacktivismo como prática de protesto através da repercussão das ações do coletivo ciberativista, que se destacou por seu engajamento durante o período das manifestações, tanto nas ruas, quanto nas redes sociais. Para entendermos como se deu a colaboração do coletivo durante este período, foram utilizados dois procedimentos metodológicos. Através da revisão bibliográfica, esclarecemos conceitos que permeiam tanto as manifestações, quanto o fenômeno hacktivismo e o surgimento e estrutura do Anonymous, como internet, ciberativismo e cultura hacker. Posteriormente, a análise de conteúdo das publicações dos portais Folha.com e G1 nos permitiu compreender que as ações do coletivo que repercutiam mais se encontravam tanto no âmbito tático do hacktivismo, quanto do ciberativismo e da disseminação de informação. Vemos que o ciberativismo e o hacktivismo estão imanentes um ao outro, e imanentes aos grandes movimentos sociais nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Hacktivismo, Anonymous, Ciberativismo, Manifestações no Brasil em 2013

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Diagrama de Baran Fonte: FRANCO, Augusto (2009, p. 4) .....	14
Figura 2: As fronteiras do hacktivismismo Fonte: SAMUEL, 2004, p. 4 .....	28
Figura 3: Capa da Folha de S. de Paulo do dia 12 de junho.....	47
Figura 4: Editorial de O Estado de S. Paulo do dia 13 de junho .....	48
Figura 5: Gráfico retirado do Facebook referente ao crescimento da página Anonymous Br4sil divulgado pelo portal R7 no dia 20 de junho .....	53
Figura 6: Imagem da publicação do item 5.3.1 .....	61
Figura 7: Imagem da publicação do item 5.3.2 .....	63
Figura 8: Imagem da publicação do item 5.3.3 .....	64
Figura 9: Imagem da publicação do item 5.3.4 .....	65
Figura 10: Imagem da publicação do item 5.3.5 .....	66
Figura 11: Imagem da publicação do item 5.3.6 .....	67
Figura 12: Imagem da publicação do item 5.3.7 .....	68
Figura 13: Imagem da publicação do item 5.3.8 .....	69
Figura 14: Imagem da publicação do item 5.3.9 .....	70
Figura 15: Imagem da publicação do item 5.4.1 .....	73
Figura 16: Imagem da publicação do item 5.4.2 .....	74
Figura 17: Imagem da publicação do item 5.4.3 .....	75
Figura 18: Imagem da publicação do item 5.4.4 .....	76
Figura 19: Imagem da publicação do item 5.4.5 .....	77
Figura 20: Imagem da publicação do item 5.4.6 .....	78
Figura 21: Imagem da publicação do item 5.4.7 .....	79
Figura 22: Imagem da publicação do item 5.4.8 .....	80
Figura 23: Imagem da publicação do item 5.4.9 .....	81
Figura 24: Imagem da publicação do item 5.4.10 .....	82
Figura 25: Imagem da publicação do item 5.4.11 .....	83
Figura 26: Imagem da publicação do item 5.4.12 .....	84

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Classificação das publicações do portal Folha.com.....60

Tabela 2: Classificação das publicações do portal G1.....71

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Internet e ciberativismo .....	13
2.1 Internet .....	13
2.2 Ciberativismo .....	16
3. A cultura <i>hacker</i> e o hacktivismo .....	21
3.1 A cultura hacker.....	21
3.2 Hacktivismo.....	24
3.3 Classificações no hacktivismo.....	31
4. Anonymous e as manifestações no Brasil em 2013.....	38
4.1 Anonymous .....	38
4.2 Manifestações do Brasil em 2013.....	45
4.3 Anonymous nas manifestações do Brasil em 2013 .....	52
5. Análise da repercussão da participação do Anonymous nas manifestações do Brasil em 2013.....	56
5.1 Procedimentos metodológicos.....	56
5.2 Categorias de análise.....	59
5.3 Análise do portal Folha.com .....	59
5.3.1 Grupo hacker invade conta dedicada à Dilma em rede social .....	61
5.3.2 Contas da “Veja” no Twitter são hackeadas.....	62
5.3.3 Florianópolis terá protestos em frente à prefeitura e na casa do governador .....	64
5.3.4 Protestos alavancam venda de máscaras na 25 de Março, em SP .....	65
5.3.5 Manifestantes marcam para amanhã novo protesto em frente à casa de Cabral.....	65
5.3.6 ‘Anonymous’ lidera ativismo digital nos protestos, diz estudo.....	66
5.3.7 ‘Anonymous’ funciona como resistência política ao controle do indivíduo, diz pesquisa .....	68
5.3.8 Manifestantes prometem ato em frente ao Palácio Guanabara.....	69
5.3.9 Conta do G1 no Twitter é hackeada.....	70
5.4 Análise do portal G1 .....	71
5.4.1 Hackers invadem site da Gaviões da Fiel para apoiar manifestações .....	73
5.4.2 Site do PMDB é invadido .....	73
5.4.3 Site da Adepol no Maranhão é invadido .....	74

5.4.4 Redes sociais difundem e dividem protestos no Brasil .....	75
5.4.5 Vendas de filme e HQ 'V de vingança' crescem na web após protestos .....	77
5.4.6 Membros do 'Anonymous' falam sobre seus objetivos .....	78
5.4.7 Acabar com corrupção é foco do Anonymous, contam integrantes .....	79
5.4.8 Ativistas virtuais saem às ruas para protestar e difundir ideias .....	80
5.4.9 Anonymous Rio convoca protesto na recepção ao papa no Palácio Guanabara .....	80
5.4.10 Anonymous Rio convoca outra manifestação durante visita do papa.....	81
5.4.11 Twitter do G1 é invadido.....	82
5.4.12 Manifestantes vão aproveitar visita do papa no Rio de Janeiro para protestar.....	83
6. Considerações Finais .....	87
REFERÊNCIAS .....	89



## 1. Introdução

O ano de 2013 foi emblemático para o Brasil em termos de mobilizações sociais. No mês de junho, mais de um milhão de pessoas<sup>1</sup> foi às ruas de todo o país para demonstrar sua insatisfação com o poder público em âmbito municipal, estadual e federal. Descontente com o aumento do preço do transporte público, a população se mobilizou pela internet e foi às ruas em mais de 100 cidades no Brasil. Neste contexto, percebemos as redes sociais como ambiente essencial para a mobilização dos brasileiros, uma vez que proporcionaram a convocação aos protestos, cobertura jornalística colaborativa e distribuída feita pelos próprios manifestantes e espaços de discussão. Mais do que uma ferramenta, as redes sociais se mostraram componente integrante e fundamental para a realização dos protestos no Brasil em 2013, que foram permeados pela cultura da rede.

O que se viu no período das manifestações foi um exemplo dos fenômenos ciberativismo, uma ressignificação do ativismo político na era da sociedade em rede, e hacktivismo, uma tipologia do ciberativismo que envolve conhecimentos técnicos para a criação de novas tecnologias ou interferência tática ambigualmente legal e ilegal com finalidades políticas. No âmbito destes fenômenos, destacou-se o Anonymous, coletivo de ciberativistas, descentralizado, coordenado e que atua de forma anônima em ações relacionadas à defesa da liberdade de expressão e dos direitos humanos. O Anonymous já possuía visibilidade em âmbito internacional devido às suas investidas *hacker* a grandes corporações e órgãos governamentais, como forma de protesto, práticas que caracterizam o fenômeno hacktivismo. Foi em 2010 que as atividades hacktivistas realizadas pelo Anonymous alcançaram o topo da agenda midiática internacional, quando o grupo efetuou ataques de negação de serviço (DDoS) às empresas que se recusavam a repassar doações ao Wikileaks. Em 2011, o grupo entrou para a lista dos 100 mais influentes do mundo da revista Time.

No Brasil, o Anonymous assumiu a autoria de diversos ciberataques que ocorreram durante o período de junho e julho a páginas da web e perfis de redes sociais de representações governamentais e empresas da mídia tradicional brasileira, como forma de apoio às manifestações. O Portal Brasil, página oficial do Governo Federal, e a conta da Veja

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298755-manifestacoes-levam-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-em-todo-pais.shtml> - Acesso em 21/11/2013

no Twitter são exemplos de alvos do coletivo<sup>23</sup>. As páginas relacionadas ao coletivo no Facebook, Twitter e Youtube, durante esse mesmo período, eram alimentadas com conteúdos quase sempre relacionados aos protestos, como convocações, compartilhamento de links, vídeos, convite para discussões. A visibilidade do grupo permitiu que as informações disseminadas por eles em suas redes sociais e páginas da web chegassem a um grande número de pessoas. Sua participação foi notável não somente por seus ciberataques às instituições, mas também pelo papel de veículo que assumiram ao auxiliar no compartilhamento de informações.

O Anonymous, por ser um coletivo que se organiza de forma distribuída, anonimamente e sem hierarquia, representa uma forma de organização que reflete diretamente a cultura e a estrutura da rede. Por essa razão, o Anonymous foi escolhido como entidade que representa o fenômeno hacktivismo para o estudo deste trabalho. Tendo em vista sua participação intensa e destacada nas manifestações – que foram as maiores das últimas duas décadas no Brasil – buscamos compreender como o fenômeno do hacktivismo colaborou para que elas ocorressem. Nosso objetivo investigar a legitimidade do hacktivismo como prática de protesto através da repercussão de suas ações na mídia durante as manifestações do Brasil em 2013.

Para conseguirmos responder ao nosso problema de pesquisa e atingir os objetivos deste trabalho, buscamos inicialmente compreender os conceitos que permeiam os fenômenos relacionados às manifestações do Brasil e o hacktivismo. Para tanto, no segundo capítulo deste trabalho, analisamos questões referentes à estruturação e o surgimento da internet, pois são concepções essenciais para entendermos como as redes interferem nas interações sociais do século XXI. Ainda no primeiro capítulo, trabalharemos o ciberativismo, uma reconfiguração do ativismo político proporcionado pela conexão em rede. Baseamos-nos em autores como Antoun (2001), Castells (2003), Silveira (2010; 2011; 2012;), Montardo & Araujo (2012), Levy (1998), entre outros.

No terceiro capítulo, veremos conceitos relacionados à cultura hacker e sua colaboração para a constituição da cultura da internet e sua expansão. Buscaremos esclarecer o conceito de hacker e o que caracteriza um indivíduo assim denominado através de referências como Levy (1998), Castells (2003) e Malini & Antoun (2013). Em um segundo momento deste capítulo, abordaremos o hacktivismo como uma tipologia do ciberativismo.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/politica/noticias/hackers-derrubam-site-oficial-do-governo-->  
Acesso em 24/11/2013

<sup>3</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296409-conta-da-veja-no-twitter-e-hackeada.shtml> - Acesso em 24/11/2013

Traremos para discussão as definições até então traçadas por autores como Denning (1999), Wray (1999), Vegh (2003) e Samuel (2004) e posteriormente as formas de classificar o hacktivismo.

O quarto capítulo é dedicado à contextualização do nosso objeto estudo. Para isso, utilizamos publicações de periódicos midiáticos online, artigos de opinião, notícias e vídeos. A primeira parte do capítulo é dedicada ao Anonymous, seu surgimento, estruturação e principais casos em que atuou. Na segunda parte do capítulo, traremos um panorama das manifestações do Brasil em 2013, ressaltando os principais atos, dias e como se deu a cobertura midiática da situação. Em uma terceira parte, analisaremos a participação, de forma geral, do Anonymous nas manifestações.

Nosso procedimento de análise empírica será apresentado no quinto capítulo, onde realizaremos análise de conteúdo de publicações dos portais Folha.com e G1 relacionados à participação do Anonymous nas manifestações. Assim, buscamos compreender como o Anonymous colaborou para os protestos através da repercussão de suas ações em dois dos principais portais de notícias nacionais. A análise de conteúdo, cujas referências utilizadas neste trabalho são Bardin (1979), consistirá em, primeiro, uma categorização baseada em grau de importância do coletivo no evento retratado na publicação. Posteriormente, uma qualificação da atividade exercida pelo grupo que acabou repercutindo no evento noticiado pelo portal.

As considerações finais deste trabalho apresentarão um apanhado de ambas as análises, bibliográfica e empírica, de forma a alinhar os conceitos trabalhados com os fatos que ocorreram no Brasil em 2013. Apresentaremos uma reflexão dos resultados de forma a se abrir mais possibilidades para análises futuras referentes ao ciberativismo e o hacktivismo e sobre a projeção da cultura da rede na sociedade contemporânea.

## **2. Internet e ciberativismo**

Neste capítulo buscaremos compreender como o poder comunicacional dos indivíduos foi ampliado através da internet. Para isso, será traçado um breve histórico da rede mundial de computadores, caracterizando sua estrutura e o desenvolvimento da cultura em rede e fazendo um paralelo comparativo com a comunicação da era industrial. Posteriormente, apresentaremos a apropriação das dinâmicas da internet pelo ativismo e sua relação com a expansão da rede, determinando o que se pode chamar de ciberativismo – ressignificação do ativismo político que envolve questões de identidade e empoderamento dos indivíduos.

### **2.1 Internet**

Ainda que a origem da internet seja bastante difundida, marcá-la neste trabalho monográfico se faz importante diante do desejo de exploração das apropriações das dinâmicas da própria internet pelo ativismo. A arquitetura informacional na qual se estrutura a internet foi pensada por Paul Baran em um contexto de Guerra Fria, em plena corrida armamentista. A necessidade de armazenamento de dados de forma segura exigiu que o governo americano pesquisasse diferentes estruturas comunicacionais, a fim de que a informação não fosse perdida caso os sistemas de armazenamento sofressem ataque físico. Foi assim que, em 1969, surge a Arpanet, sistema de redes de computadores que utilizava a comutação de pacotes ao invés da comutação de circuitos, conforme recomendava Baran em seus estudos [Fig. 01]. A Arpanet era uma rede militar que interligou os computadores de quatro campi de diferentes universidades (UCLA, Universidade de Stanford, Santa Barbara e Utah) (MALINI; ANTOUN, 2013) e pode ser considerada a primeira versão da internet, pois era distribuída, autônoma e anônima, onde todos podiam se comunicar com todos.

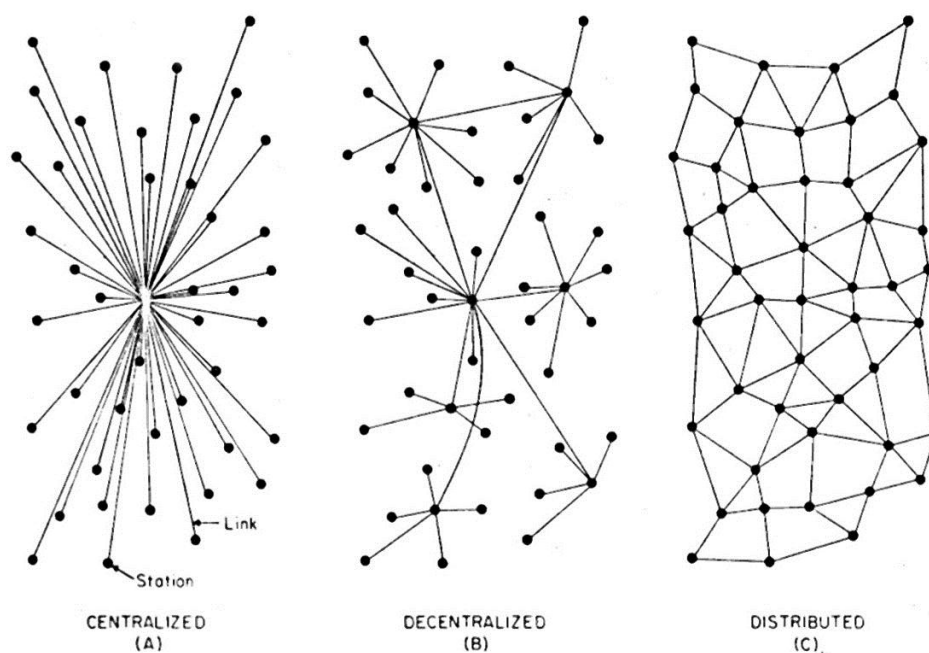


Figura 1: Diagrama de Baran

Fonte: FRANCO, Augusto (2009, p. 4)<sup>4</sup>

Na imagem acima, os três diagramas apresentam o mesmo número de nós, 47, porém interligados de maneiras diferentes e representando instituições de poder diferentes. No diagrama A, a comunicação dos nós se dá por completa centralização, onde 46 nós podem comunicar-se apenas com um nó central, contendo este toda a informação. No diagrama B, a comunicação é descentralizada, porém hierárquica, onde 40 nós podem comunicar-se somente com outro nó, havendo um nó central que está em contato com os nós intermediários. Um ataque nuclear poderia destruir o sistema de fluxo informacional nesse diagrama, caso o alvo fosse o nó central, ou causar danos nos nós intermediários, portanto não era efetivo. No diagrama C, vemos o sistema estruturado horizontalmente, unindo pontos ordinários que se multiplicam anárquica e extensivamente (LEMOS, 2003), permitindo que a informação flua por todos os nós, em pacotes, ao mesmo tempo, sem ser perdida. O diagrama C representa a estrutura da internet, onde os indivíduos são os nós e se comunicam todos com todos instantaneamente.

Durante a década de 1970, a rede da Arpanet não se limita mais somente aos quatro campi universitários. Estudantes e pesquisadores das universidades se apropriam das tecnologias da rede e passam a desenvolver computadores acessíveis, com sistemas operacionais com maior compatibilidade a diferentes máquinas. O sistema operacional UNIX,

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.slideshare.net/augustodefranco/o-poder-nas-redes-sociais-2a-versao> - Acesso em 24/11/2013

a linguagem de programação C, os microcomputadores e a internet (com ligação por cabos de telefonia) foram desenvolvidos nessa década e logo popularizados entre as comunidades de programadores – tanto no âmbito acadêmico, quanto empresarial. Eles trocavam informações acerca de processos de desenvolvimento e melhoramento das tecnologias de forma coletiva, o que ia tornando a utilização do computador cada vez mais viável. Estes programadores, que ampliaram o alcance da rede, criaram novas tecnologias, compartilharam seus conhecimentos e colaboraram na melhoria e acessibilidade de tecnologias existentes foram os primeiros *hackers*.

Mas é na década de 1980 que a rede mundial de computadores se consolida e alcança a sociedade civil. A já chamada internet, não mais exclusiva dos militares, passa a contar com os primeiros usuários não oriundos da cultura militar ou universitária. Com a aparição destes usuários, surgem também as primeiras plataformas sociais (como os fóruns, grupos de discussão e *email*) que permitem comunicação distribuída: “essa abundância de mensagens virtuais sem controle central e com forte espaço para todo o tipo de expressão fez emergir uma nova estrutura de organização social: as comunidades virtuais” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 35).

Em um cenário onde predominaram os meios de comunicação de massa, o poder comunicacional dos indivíduos era bastante inferior ao que é posteriormente é proporcionado pela rede informacional. Conforme visto no Diagrama de Paul Baran [Fig. 01], a descentralização do diagrama B pode ser pensada como uma representação da mídia de massa, onde poucos emitem para muitos – sendo esses poucos, instituições como grandes veículos, Estados e corporações. No diagrama C, os indivíduos têm o poder de comunicar-se com muitos diretamente, ao mesmo tempo, sem necessitar de um intermediário que o represente. Como afirma Yochai Benkler (2007, p. 6)<sup>5</sup>, a internet representa uma nova ecologia dos meios onde a difusão de informação passa a ser distribuída e “os indivíduos estão livres para ter um papel mais ativo que o que era possível na economia informacional industrial do século XX”. Levy explica:

Um aparelho de televisão é um receptor passivo, uma extremidade de rede, uma periferia. Um computador é um instrumento de troca, de produção e de estocagem de informações. Ao canalizar e entrelaçar múltiplos fluxos, torna-se um centro virtual, instrumento de poder. (LEVY, 1998, p. 42)

---

<sup>5</sup> “individuals are free to take a more active role than was possible in the industrial information economy of the twentieth century” (BENKLER, 2007, p. 6, tradução da autora)

A internet é um meio de trocas, com tantos emissores quanto receptores, e o poder comunicacional permitido graças a ela representa uma revolução em termos sociais, econômicos e políticos. A aproximação de indivíduos independente do distanciamento geográfico possibilitada pela internet, gerando comunidades virtuais, além do empoderamento dos indivíduos, reconfigura culturalmente as interações sociais em âmbito global. A cibercultura, assim chamada, é a cultura da complexificação das trocas comunicacionais proporcionadas pelas conexões em rede – de muitos para muitos – é a descentralização intensificada dos processos comunicacionais.

É evidente, portanto, que fazem uso das dinâmicas da internet os movimentos sociais e políticos, a fim de não somente informar, como também recrutar, envolver e agendar. O tema e objetivos deste trabalho se inserem, portanto, neste contexto. Como afirma Silveira (2011, p.131), “o ativismo, ou seja, a atividade militante em prol de uma causa política, social ou cultural, ampliou seu potencial com a expansão da internet.”

## 2.2 Ciberativismo

Sandor Vegh (2003, p.71) define o ciberativismo como “um movimento politicamente motivado que ocorre na internet”<sup>6</sup>, onde a internet proporcionaria facilidades tecnológicas para que os ativistas alcancem seus objetivos. Dessa forma, para o autor, as práticas de ativismo online<sup>7</sup> podem ser entendidas como proativas ou reativas – sendo a segunda ocasionada principalmente em oposição a um controle imposto por autoridades. Vegh (2003) compôs, portanto, um modelo que categoriza diferentes formas de ciberativismo. Este modelo enfatiza a direção da iniciativa: (1) a forma como a informação é enviada e recebida, (2) o chamado para ação ou (3) o início de uma ação ou reação à determinada situação.

A primeira categoria se chama conscientização/promoção (*awareness/advocacy*) e seu objetivo é tornar públicas informações que venham a ser relevantes de determinada causa. A internet, neste caso, é utilizada para ampliar o alcance destas informações, servindo de suporte alternativo para a divulgação. É notável a importância da internet como canal de comunicação, tendo em vista o baixo custo, tempo reduzido e o número de usuários impactados que ela proporciona. Além de subir conteúdo em *websites* e compartilhá-lo por *e-mail*, a internet proporciona redes de distribuição (fóruns, listas de discussão, redes sociais), o que facilita ainda mais a disseminação e a construção deste conteúdo entre os ativistas.

---

<sup>6</sup> “a politically motivated movement relying on the internet” (VEGH, 2003, p. 71, tradução da autora)

<sup>7</sup> Neste trabalho, ciberativismo e ativismo online são adotados como sinônimos (MONTARDO; ARAUJO; FREITAS, 2012).

A segunda categoria é chamada por Vegh de organização/mobilização (*organization/mobilization*), que basicamente convoca os ativistas para a ação, ocorre de três maneiras diferentes. Primeiro, os ativistas se organizam online para uma ação off-line, em determinado local e data. Segundo, podem organizar uma ação a ser realizada off-line, porém é mais eficiente se realizada online, como um abaixo-assinado ou contato com um congressista ou representante político através de *e-mail*. A terceira etapa da organização para a mobilização trata de realizar uma ação que só seria possível online, como uma campanha spam em massa com a função de saturar um servidor com mensagens. Esta terceira fase, no entanto, entra na próxima categoria de ciberativismo.

A terceira categoria, chamada de ação/reação (*action/reaction*), é baseada na internet, ou seja, não poderia ser executada de forma off-line. A categoria abrange ataques online a servidores e websites como formas de resistência política por parte de indivíduos ou grupos que, de acordo com o autor, são frequentemente chamados de *hackers*. É nesta categoria que situamos os hacktivistas.

A definição e a classificação compostas por Vegh, no entanto, limitam-se a descrever o ativismo político na internet, ignorando a resignificação que o meio proporciona a estas práticas. Separar as práticas de ativismo *online* e *offline* é apenas considerar a migração do fenômeno social para as novas tecnologias de informação e comunicação. Castells (2003, p. 114) propõe um questionamento: “será puramente instrumental o papel da internet na expressão de protestos sociais e conflitos políticos?”. É necessário entender que a complexidade da internet reconfigura o ativismo. Ela não somente amplia a disseminação do movimento, mas também conforma toda sua atuação e as maneiras de apropriação dessas possibilidades. “O ativismo por meio das novas ferramentas tecnológicas surge na própria definição de padrões dessas tecnologias.” (MONTARDO; ARAUJO, 2012, p. 127), ou seja, para Montardo & Araujo, este fenômeno social que é o ativismo deve ser considerado imanente às redes telemáticas como a internet.

Castells (2003) faz uma analogia histórica com a Era Industrial para se compreender o papel da internet no desenvolvimento dos movimentos sociais. Não é possível pensar no movimento operário isolado da fábrica industrial, o cenário organizacional da época. O movimento operário só pode acontecer porque estava lá a fábrica industrial, como cenário de trabalho que reprimia os trabalhadores, determinando a causa, o local e a maneira que ocorriam as manifestações. A internet, da mesma forma, é componente indispensável do ativismo da Era da Informação. Muitas manifestações que ocorrem atualmente têm seus



princípios e fundamentos em tempos antigos, porém assumem um novo sentido no contexto da rede ao se tornarem “trincheiras de identidade cultural para a construção de autonomia social num mundo dominado por fluxos de informação homogêneos, globais” (2003, p. 116).

Silveira (2010) identifica o ciberativismo como um conjunto de práticas que ocorrem em redes cibernéticas, principalmente na internet, em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais. Para o autor, o ciberativismo se confunde com a própria expansão da internet, em uma relação mútua de influências. Além disso, “os ciberativistas não têm coloração ideológica definida nos marcos tradicionais. Suas ações espalham-se em um amplo espectro de motivações que vão de questões ambientais até as causas feminista ou de solidariedade aos refugiados palestinos.” (2009, p. 132). Para Levy, o ciberespaço permite a construção da identidade dos coletivos sociais sem reducionismos:

O Estado, as religiões, os mídia, outras formas culturais, sociais, até mesmo econômicas, pretenderam representar coletivos humanos, dar-lhes uma forma. Mas todas essas tentativas de representação — a mais caricatural sendo a que a televisão tenta dar da sociedade — são parciais e redutoras. Surpreende que Internet seja irrepresentável e que a Web seja oceânica e sem forma. Talvez seja assim porque encarnam a primeira materialização não redutora da cultura, ou seja, do contexto ou do hipercontexto mediador. Torna-se visível hoje que a totalidade dinâmica da sociedade é irrepresentável. (LEVY, 1998, p.46)

Temas recorrentes como a defesa de privacidade, a liberdade de expressão e de compartilhamento de arquivos digitais tendem a causar confusões nas forças partidárias tradicionais e, muitas vezes, podem romper limites das antigas lealdades à esquerda ou à direita. Esses posicionamentos políticos tradicionais já não acompanham a complexidade da sociedade informacional e encontram dificuldade em situar-se nos contextos das ações ativistas. Isso porque a diversidade de identidades que moldam as ações ciberativistas em causa, na realização das ações e na maneira de apropriação das possibilidades, já não suporta essa divisão política do mundo industrial. “O ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2003, p. 115).

A internet não somente proporciona sua estrutura em rede distribuída e horizontal, onde os fluxos comunicacionais são desordenados; além desta estrutura, ela proporciona a união de indivíduos que formam um coletivo por terem esta causa ou causas em comum, mas que tragam consigo identidades diversas, o que impede generalizações tradicionais de classe, idade e nacionalidade. “Que cada subjetividade se arrisque a produzir seu movimento na rede” afirma Antoun (2013, p.24). A internet permite a aglomeração e a formação de grupos

por interesses e crenças, simplesmente; e os ativistas, da mesma forma, participam de ações pelas quais nutram certa identificação, sem nem mesmo fazer parte do conjunto defendido pela causa.

A importância de compreender o panorama das identidades no atual estágio social é fundamental para o entendimento da lógica dos movimentos ciberativistas. Conforme lembra Castells (2001), é, por meio das práticas, principalmente, das discursivas, que esses movimentos constroem sua autodefinição, ou seja, sua identidade a ser compartilhada entre seus apoiadores. (MONTARDO; ARAÚJO; FREITAS, 2012, p. 167)

Um exemplo de ciberativismo e seu apartidarismo foi o conjunto de protestos contra a III reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio, que ocorreu entre os dias 30 de novembro e 2 de dezembro de 1999 em Seattle, Estados Unidos. A cobertura do evento feita pelos veículos midiáticos tradicionais, tanto brasileiros quanto estrangeiros, gerou muita insatisfação nos ativistas. O surgimento do Independent Media Center (IMC) permitiu que as vozes dos manifestantes em Seattle fossem ouvidas pelo resto do mundo (ANTOUN, 2001).

De acordo com Antoun (2001), ambientalistas, anarquistas, sindicalistas, defensores dos direitos humanos, todos em oposição à globalização motivados por razões diversas tiveram, em primeiro momento, suas manifestações omitidas pela mídia. Raros momentos em que a mídia falava em protestos isolados na cidade, os manifestantes eram chamados de delinquentes e anarcopunks, enquanto na realidade se tratavam de dezenas de milhares de pessoas (MENDONÇA, 2009) com motivações variadas, mas objetivos em comum. Vê-se que dimensão dos protestos era muito superior ao que era retratado pela mídia.

A indecente cobertura jornalística da velha mídia corporativa e centralizada, da qual foi enfocada apenas a face mais generalizada e agressiva — a da TV aberta ou por cabo —, teria só o amargo sabor de fim de século e milênio, não tivesse ela sido afronta da pela emergência de uma nova mídia, o Independent Media Center (IMC) — sediado sobretudo na Internet —, que, ao final do movimento conhecido como Batalha de Seattle, tornou-se o principal órgão de notícias sobre o acontecimento. (ANTOUN, 2001, p. 136)

O IMC foi criado por organizações e ativistas com a finalidade de cobrir os movimentos de protestos que estavam acontecendo em Seattle. Faziam a cobertura dos fatos minuto a minuto e disponibilizavam na internet reportagens, áudios, vídeos e fotos de forma colaborativa (qualquer pessoa poderia postar seu trabalho no site). Além disso, os jornalistas independentes participavam ativamente dos protestos, fazendo o que o colunista Naomi Klein chamou de uma fusão de mídia e ativismo (ANTOUN, 2001). O site obteve tantas visitas – na

época, chegou a ter dois milhões de visitantes – que as manifestações ganharam, finalmente, visibilidade na mídia tradicional. Os Centros de Mídia Independente (IMC) foram se multiplicando nos Estados Unidos e no mundo e, após um ano desde seu surgimento, já se contava mais de 30 centros similares em todo o mundo, reportando e participando de protestos diversos que se relacionassem com atividades antidemocráticas (ANTOUN, 2001).

A interação possibilitada pelo ciberespaço permitiu que o mundo inteiro pudesse se engajar nas causas que moveram os protestos em Seattle. A internet teve papel essencial na Batalha de Seattle ao servir de mídia alternativa, permitindo participação, interação e visibilidade às diversas causas que ali clamavam. De acordo com Montardo & Araújo (2012), ao passarmos para um fluxo comunicacional distribuído, diminuímos o poder dos conglomerados da mídia, dando voz aos grupos sociais que antes deles necessitavam para se manifestarem.

Ademais, percebe-se como o ativismo contribui para a expansão da internet, no momento em que exige que mais plataformas de compartilhamento e interação sejam criadas, a fim de dar voz aos mais diversos movimentos. Vê-se, portanto, o ciberativismo como um fenômeno social em constante emergência (MONTARDO; ARAUJO, 2012) e que está imanente à expansão da internet (SILVEIRA, 2010; MONTARDO; ARAUJO, 2012). Para Silveira (2010, p. 31), o ciberativismo “influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação na conformação da internet” o que nos leva a entender, mais uma vez, como a atuação social, mobilização e engajamento são valores da rede (ANTOUN; MALINI, 2010).

Nesse capítulo trouxemos uma breve compreensão sobre o contexto de surgimento e expansão da internet, além das mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas que ela vem proporcionando. Em seguida, abordamos o ciberativismo como fenômeno social diferente do ativismo político, que é imanente à expansão da internet e que seguem emergindo concomitantemente. No próximo capítulo deste trabalho retrataremos melhor a cultura da internet, os valores da rede e a importância da cultura hacker para a produção destes valores.

### 3. A cultura *hacker* e o hacktivismo

No terceiro capítulo deste trabalho, retomaremos e aprofundaremos a questão da participação dos *hackers* no desenvolvimento e expansão da internet, como mencionado no capítulo anterior. Traremos definições do termo *hacker*, buscando situar as discrepâncias em sua utilização e, posteriormente, dissertaremos sobre a cultura da internet e a importância da cultura *hacker* para a produção dos valores da rede. Ainda neste capítulo, analisaremos o hacktivismo como fenômeno social, traçando sua definição e principais características enquanto manifestação, e apresentaremos as classificações técnicas, comparando as diferentes formas de práticas hacktivistas.

#### 3.1 A cultura *hacker*

Partimos do pressuposto de que *hackers* são pessoas com conhecimentos técnicos em informática cuja paixão é inventar programas e desenvolver novas formas de processamento de informação e comunicação eletrônica (LEVY, 1984). A curiosidade instiga um *hacker* a obter soluções e resultados incomuns em sistemas informáticos. São programadores de computador que solucionam problemas informáticos através de métodos não convencionais (SILVEIRA, 2010) e as atividades e técnicas *hacking* podem ser entendidas como manipulações e modificações não triviais ou não autorizadas em sistemas de computação, que extrapolam os limites do que é considerado funcionamento normal por seus criadores.

Podemos entender que os *hackers* têm papel fundamental no desenvolvimento e na expansão da rede. Steven Levy, em seu livro *Hackers: Heroes of the Computer Revolution* (1984), observa questões importantes da cultura e ética *hacker*: mais do que transgressores de sistemas, os *hackers* promovem, em sua maioria, a disseminação de conhecimento e a livre circulação de informação. Ao fazerem novas descobertas, os *hackers* compartilham o conhecimento adquirido na rede, portanto a função desta cultura na construção da internet é essencial, tendo em vista que, através do compartilhamento de suas descobertas e comunicação livre, fomentam a inovação tecnológica. “O movimento *hacker* desenvolverá uma ética baseada no reconhecimento, não na remuneração” (UGARTE, 2008, p. 4).

Para Castells (2003), a cultura *hacker* concerne o conjunto de valores e convicções que se desenvolveu das redes de programadores que interagem online, colaborando conjuntamente em projetos autonomamente definidos de programação criativa. Na realidade, ela herda valores do âmbito acadêmico – berço do surgimento da rede – onde se pratica

meritocracia e a produção tecnológica é compartilhada e visa melhorias para a sociedade. Como exemplo da cultura *hacker*, podemos citar Richard Stallman, *hacker* fundador da *Free Software Foundation*. Na década de 1970, Stallman queria fixar um problema existente em uma impressora e solicitou à fabricante o código-fonte para que pudesse corrigi-lo. A empresa, por razões comerciais, negou a solicitação. Este fato frustrou Stallman e fez com que ele pensasse em uma nova ordem informática (ANTOUN, 2013).

Stallman decidiu produzir um sistema operacional baseado no Unix, pois assim o sistema seria portátil e os usuários do Unix poderiam migrar para ele com facilidade. Em 1984, o programador norte-americano conclui seu feito, batizando-o de GNU, seguindo a tradição *hacker* de utilizar acrônimos, no caso, “*GNU is not Unix*”. Esta caminhada em busca de um sistema operacional foi denominada de Projeto GNU, o marco fundador do Movimento do *Software Livre*. (ANTOUN, 2013. p. 42)

Com o GNU, surgiu também o *copyleft*, que permite que qualquer um utilize o programa, copie e modifique. “O *copyleft* utiliza o mesmo modelo da lei de direitos autorais, mas invertendo-o em termo do propósito habitual: em vez de ser um meio de privatizar o software, se torna um meio de mantê-lo livre” (ANTOUN, 2013, p. 44). Nesse sentido, vê-se como a cultura *hacker* colaborou para o desenvolvimento e influenciou decisivamente a democratização da e na internet. Como afirma Antoun, “só pode haver cooperação se houver liberdade de circulação da informação. E é uma liberdade que recusa a lógica da competição como valor produtivo, pois competir significa o predomínio da crença em um só vencedor, gerando um duplo monopólio: o conhecimento do produto e o produto do conhecimento” (2013, p. 45).

A cultura *hacker* está enraizada na cultura da internet. Castells afirma que os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos e essa produção social é estruturada culturalmente. A internet, como sistema tecnológico, também é socialmente produzida, sendo moldada pela cultura de seus produtores – “a cultura da internet é a cultura dos criadores da internet” (CASTELLS, 2003, p. 34). Por produtores ou criadores, entendemos como os primeiros usuários da internet, cuja prática da internet é diretamente reintroduzida no sistema tecnológico. Ao afirmar isso, o autor assume a cultura *hacker* como uma das camadas que configuram a estrutura cultural da internet, juntamente com outras três camadas: a cultura tecnomeritocrática (dos cientistas e pesquisadores), a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial.

No topo do construto cultural que levou à criação da Internet está a cultura tecnomeritocrática de excelência científica e tecnológica [...] Essa tecnomeritocracia

foi inscrita numa missão de dominação (ou contradominação) do mundo pelo poder de conhecimento, mas conservou sua autonomia e confiou numa comunidade de pares como a fonte de sua legitimidade autodefinida.

A cultura *hacker* especificou a meritocracia ao fortalecer os limites internos da comunidade dos tecnologicamente iniciados e torná-la independente dos poderes existentes. [...] Só a capacidade de criar tecnologia (a partir de qualquer contexto) e de compartilhá-la com a comunidade são valores respeitados. Para os *hackers*, a liberdade é um valor fundamental, particularmente a liberdade de acesso à sua tecnologia e a de usá-la como bem entendem. (CASTELLS, 2003, P.53)

A cultura *hacker* mantém os pressupostos meritocráticos da cultura científica e tecnológica como valor fundamental. Além da reputação, a curiosidade também é uma forte motivadora. Assim, os *hackers* acabam por desenvolver novos *softwares* e plataformas como formas para resolver problemas e, posteriormente, são compartilhados na rede. As facilidades desses novos *softwares* e plataformas são apropriadas pela sociedade em geral.

A apropriação da capacidade de interconexão por redes sociais de todos os tipos levou à formação de comunidades on-line que reinventaram a sociedade [...] Elas adotaram os valores tecnológicos da meritocracia, e esposaram a crença dos *hackers* no valor da liberdade, da comunicação horizontal e da interconexão interativa, mas usaram-na para sua vida social, em vez de praticar a tecnologia pela tecnologia.

Por fim, os empresários da Internet descobriram um novo planeta, povoado por inovações tecnológicas extraordinárias, novas formas de vida social e indivíduos autônomos, [...] Em vez de se entrincheirar nas comunidades formadas em torno da tecnologia da Internet, iriam assumir o controle do mundo usando o poder que vinha com essa tecnologia. [...] a cultura empresarial orientada para o dinheiro partiu para a conquista do mundo e, nesse processo, fez da Internet a espinha dorsal de nossas vidas. (CASTELLS, 2003, p. 53)

As quatro culturas funcionam como engrenagens, movimentando umas as outras e permitindo o avanço tecnológico do ciberespaço no contexto da cultura da internet criada por eles. Enquanto a cultura tecnocrática deposita seus esforços no desenvolvimento tecnológico para que a humanidade prospere, os *hackers* assumem essa função também através da inovação e compartilhamento de técnicas em ambientes virtuais de rede que reinventam a sociedade. Esta composição explicaria uma ideologia de liberdade que é abertamente difundida na internet (CASTELLS, 2003). Vemos, portanto, como surgiram e se mantêm os valores da rede.

A título de desambiguação do termo, o autor Manuel Castells afirma:

Os *hackers* não são o que a mídia diz que são. Não são uns irresponsáveis viciados em computador empenhados em quebrar códigos, penetrar em sistemas ilegalmente, ou criar o caos no tráfego de computadores. Os que se comportam assim são chamados “*crackers*”, e em geral são rejeitados pela cultura *hacker*, embora eu

pessoalmente considere que, em termos analíticos, os crackers e outros cibertipos<sup>8</sup> são subculturas de um universo *hacker* muito mais vasto e, via de regra, não destrutivos. (CASTELLS, 2003, p. 38)

Um *cracker*, da mesma forma que o *hacker*, é um programador e possui conhecimentos informáticos acima da média, porém possui motivações adversas, como o benefício próprio. A prática de *cracking* envolve a quebra de sistema de segurança, programação de vírus, roubo em ambiente virtual, entre outras atividades que podem ser consideradas ilegais e sem ética. Os *crackers* não se encaixam na ética *hacker*, uma vez que não a seguem, e podem comprometer o acesso de outros usuários a *softwares*.

### 3.2 Hactivismo

O termo hactivismo foi citado pela primeira vez em um e-mail enviado entre os membros de um grupo *hacker* autodenominado *The Cult of the Dead Cow*<sup>9</sup> em 1996 (MILLS, 2012; KNAPPENBERGER, 2012). Com a finalidade de promover comunicação e internet livres para todos – em especial a pessoas que viviam em países cujo regime de governo era repressivo – o grupo adotou o termo para explicar a atividade à qual se dedicava na época: “desenvolver *softwares* com os quais pessoas de outros países pudessem se comunicar com segurança, mesmo se o seu governo as estivesse espionando”<sup>10</sup> (KNAPPENBERGER, 2012).

Desde sua primeira utilização, a palavra hactivismo é empregada para associar ativismo político e desobediência civil<sup>11</sup> a atividades de *hacking*. De fato, o termo é uma união das palavras “*hack*” e “ativismo”. Porém, como será visto neste capítulo, a pluralidade de expressões deste fenômeno não nos permite utilizar uma definição estanque, que apenas some a significação dos vocábulos que o compõem. Devido às crescentes ocorrências ativistas na internet, impulsionadas e paralelas ao avanço tecnológico dos processos comunicativos da rede, fez-se necessário entender o hactivismo como uma das tipologias do ciberativismo. Da mesma forma que o ciberativismo, o hactivismo possui uma carga de subjetividade proporcionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação que não pode ser ignorada ao buscar seu sentido.

---

<sup>8</sup> Não é objetivo deste trabalho analisar as subculturas *hacker*.

<sup>9</sup> Grupo *hacker*, também conhecido como cDc, fundado em 1984, em Lubbock, Texas.

<sup>10</sup> “...writting software that people in other countries could use to communicate securely, even if their government was spying on them.” Depoimento dado por Chris Wysopal, no documentário “We Are Legion”. (Knappenberger, 2012, tradução da autora)

<sup>11</sup> O conceito de desobediência civil será melhor aprofundado ao longo do presente trabalho.

É importante notar-se que, ao entender o ciberativismo como qualquer forma de ativismo no ciberespaço, com todas as características de uma ação alimentada e moldada pelas possibilidades do meio, deve-se buscar entender o hacktivismo da mesma maneira. Ou seja, o hacktivismo, por ser uma forma de expressão ciberativista (VEGH, 2003; CASTELLS, 2003; SILVEIRA, 2010; MONTARDO; ARAUJO, 2012), carregará consigo o cunho político e social e toda sua complexidade de significação.

Hacktivismo ainda é um fenômeno que causa confusão nos diversos contextos em que é utilizado. A ambiguidade do termo *hacker* é a principal razão desta confusão, tendo em vista que, dependendo da fonte e da perspectiva, *hacker* e hacktivismo terão conotações diferentes nos âmbitos militar, midiático, político, técnico, ativista ou em uma comunidade *hacker* (VEGH, 2003). Portanto, ao longo deste capítulo, buscar-se-á dialogar com diversas definições elaboradas para o hacktivismo, analisando a abrangência de cada uma e os limites impostos. Posteriormente, comparar-se-ão as formas de hacktivismo, sua tipologia e classificação, formuladas por diferentes autores, a fim de compreender o fenômeno em sua totalidade.

Um dos primeiros trabalhos científicos sobre hacktivismo, publicado em 1999 por Dorothy Denning, o define como “[...] a combinação entre hacking e ativismo. Abrange operações que fazem uso de técnicas hacker contra o site da internet de seu alvo, com a intenção de interromper os serviços normais do site, porém sem causar sérios danos.”<sup>12</sup> (DENNING, 1999). A definição de Denning não se mostra apropriada por uma série de razões. Primeiramente, a autora limita as várias formas de atividade hacktivista a somente ataques a websites e, de igual modo, restringe o hacktivismo a casos que não tenham causado sérios danos ao alvo. Além disso, a autora subestima a motivação política e social das ações, que é uma das principais expressões do fenômeno, ignorando também, consequentemente, as finalidades das ações hacktivistas.

Vegh, (2003) ao categorizar as formas de ciberativismo, descreveu “ação/reação” como a classe em que se encaixa o hacktivismo, considerando-o “uma ação incidente única, ou campanha, politicamente motivada, tomada por atores não estatais em retaliação para expressar desaprovação ou para chamar atenção para uma questão defendida pelos ativistas” (VEGH, 2003). Existe uma preocupação com o autor em assinalar que hacktivismo não necessariamente é causado por *hackers*, como podemos ver na definição, pois isto levaria a

---

<sup>12</sup> “[...] the marriage of hacking and activism. It covers operations that use hacking techniques against a target’s Internet site with the intent of disrupting normal operations but not causing serious damage.” (Denning, 1999, tradução da autora)



uma confusão no que se refere à ambiguidade do termo *hacker*, como já mencionado neste trabalho.

Um dos mais conhecidos casos de hacktivismismo foi o movimento pró-Zapatista em apoio à luta dos povos indígenas de Chiapas contra a opressão do governo mexicano. “Cercado e isolado pelos *mass media*, o Subcomandante Marcos, utilizando a Internet, rompe o cerco e se torna o primeiro movimento de comunidades tradicionais a utilizar as redes digitais para sensibilizar a opinião pública internacional” (SILVEIRA, 2010). A rede de apoio concebida em favor dos Zapatistas contribuiu para a disseminação mundial de informações do seu líder, o Subcomandante Marcos.

O grupo *hacker* Electronic Disturbance Theater, em apoio à causa dos Zapatistas, produziu uma série de ações de desobediência civil eletrônica em 1997 contra o governo mexicano e entidades afiliadas, como o governo dos Estados Unidos e instituições financeiras. As ações consistiram em derrubar as operações de servidores web através da intensa carga de requisição de acessos, o que resultou em processamento lento seguido de queda dos serviços. As requisições foram emitidas através de um *software* desenvolvido por eles chamado *FloodNet*, posteriormente lançado ao público e amplamente utilizado por ações similares (VEGH, 2003). Em entrevista ao programa de rádio *The Connection*, da WBUR de Boston, membros do EDT afirmaram estarem buscando visibilidade para a causa, e não tinham intenção de cometer crime algum. (CONAN *apud* VEGH, 2001, p. 76).

Ao se falar de hacktivismismo, a carga ideológica de liberdade de informação oriunda da cultura *hacker* se expande a motivações de cunho político e social. Hacktivismismo e *hacking* não correspondem à mesma coisa. O hacktivismismo é uma junção dos métodos de transgressão *hacker* em favor de uma causa ou em resistência à determinada situação, é uma forma de ativismo. Alexandra Samuel (2004), que define o hacktivismismo como “o uso não violento de ferramentas digitais ambíguas legais ou ilegais para finalidades políticas”, traçou os limites da definição de hacktivismismo com a finalidade de esclarecer ambiguidades comuns que estes termos acarretam, e os posicionou no quadro a seguir. O quadro elaborado por Alexandra Samuel (2004) traça os limites entre o hacktivismismo e o ciberativismo, a desobediência civil, o ciberterrorismo e o *hacking*, de forma a ressaltar as características entre as quais eles divergem e as que podem ser comuns. A determinação de fronteiras entre os termos facilita a diferenciação de cada um dos fenômenos e permite que se entenda a razão pela qual há confusão na classificação deles. A posição dos termos no quadro acontece a título de precisão,

fazendo-se necessário lembrar que os fenômenos não são opostos entre si, mas sim, muitas vezes, pertencentes ao mesmo conjunto de características.

As linhas que separam hacktivismo de outras áreas de atividade política (ou apolítica) são táticas, de princípios e culturais. No nível tático, hacktivistas adotam ferramentas e estratégias que são mais diretas e transgressivas do que as ferramentas usadas por ativistas online, pois eles acreditam que as táticas de confronto do hacktivismo podem ser mais efetivas que as formas convencionais de ativismo online. Por razões de princípio, eles param muito aquém do ciberterrorismo em respeito ao bem-estar humano, e convertem o *hacking* para hacktivismo, visto que eles acreditam que suas habilidades devem ser aproveitadas para fins sociais significativos. E por razões culturais, bem como as razões táticas, eles divergem da tradicional desobediência civil offline, a fim de abordar questões sobre igualdade de condições digital: este campo é tanto sua casa quanto (muitos hacktivistas acreditam) um domínio político cada vez mais poderoso.<sup>13</sup> (SAMUEL, 2004, p. 5)

---

<sup>13</sup> The lines that separate hacktivismo from related areas of political (and apolitical) activity are tactical, principled, and cultural. At a tactical level, hacktivists adopt tools and strategies that are more direct and transgressive than than the tools used by online activists, because they believe that the confrontational tactics of hacktivismo can be more effective than more conventional forms of online activism. For reasons of principle, they stop well short of cyberterrorism out of respect for human welfare; and turn from hacking to hacktivismo because they believe their skills should be harnessed to meaningful social ends. And for cultural as well as tactical reasons, they diverge from tradition of offline civil disobedience in order to tackle issues on the digital playing field: this field is both their home and (many hacktivists believe) an increasingly powerful political realm. (SAMUEL, 2004, p. 5)

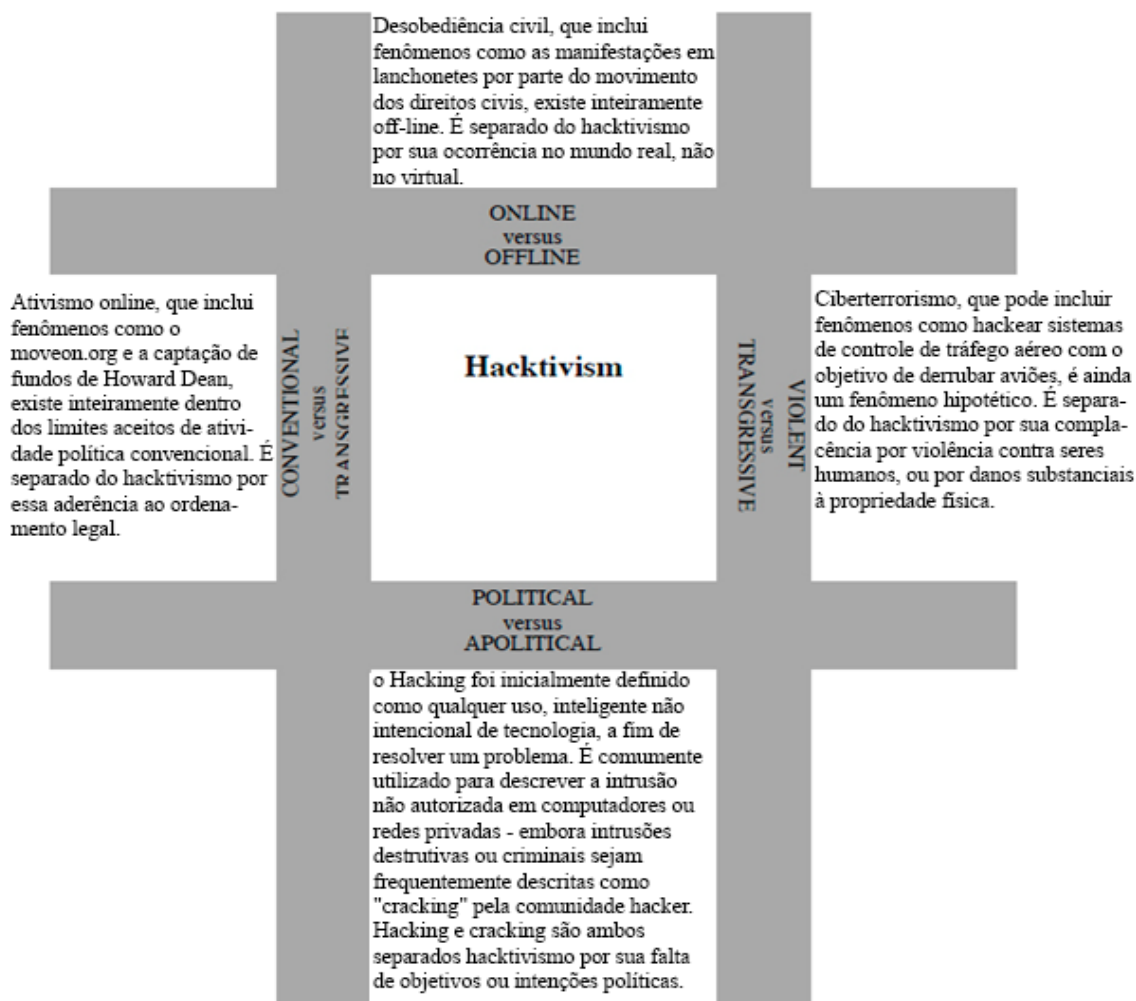


Figura 2: As fronteiras do hacktivismismo  
 Fonte: SAMUEL, 2004, p. 4

No que concerne o ciberativismo (no quadro, chamado de ativismo online) e o hacktivismismo, a diferença entre os dois é que o hacktivismismo utiliza técnicas de transgressão, enquanto o outro atua dentro da linha da lei. O hacktivismismo é uma tipologia do ciberativismo (MONTARDO; ARAUJO, 2012) que atua de forma transgressora, isso porque eles possuem finalidades e motivações em comum, porém a forma de agir a fim de alcançar seus objetivos mudará. Ações de ciberativismo podem dar origem a ações de hacktivismismo e vice-versa, como no exemplo visto da luta dos indígenas de Chiapas, onde, graças à disseminação de informações pelo Subcomandante Marcos na internet, a causa tornou-se conhecida e o grupo *hacker Eletronic Disturbance Theater* agiu. Suas ações transgressoras – o grupo derrubou servidores de instituições aliadas ao governo do México – ganharam visibilidade na mídia internacional, arrematando um artigo de capa do *New York Times* em uma edição de outubro de 1998 (WRAY, 1999).

Entre desobediência civil e hacktivism, a maior diferença é que um ocorre offline e outro online. O termo desobediência civil foi utilizado pela primeira vez pelo autor Henry David Thoreau, no ano 1849. O autor, ao discordar das atitudes do governo dos Estados Unidos com relação à escravidão no país e à guerra contra o México, passou a manifestar sua insatisfação através de ações transgressoras, porém não violentas, em forma de protesto, como se recusar a pagar impostos. São outros exemplos da aplicação da desobediência civil Mahatma Gandhi, no processo de independência da Índia e do Paquistão, e Martin Luther King em defesa dos direitos civis nos Estados Unidos. No contexto da internet, a desobediência civil foi chamada por Stefan Wray de desobediência civil eletrônica (1999) e definida como “uma massa eletrônica descentralizada de ação direta, utilizando bloqueios e ocupações virtuais”<sup>14</sup> (WRAY, 1999, *online*). A desobediência civil eletrônica, para Wray e, posteriormente, Samuel (2004), caracteriza uma forma de expressão hacktivista.

O terrorismo, por si só, é um ato de violência física ou psicológica contra um governo ou uma população governada com o objetivo de causar medo e terror. O ciberterrorismo acontece no contexto do ciberespaço e utiliza de conhecimento técnico e tático, causando violência com o mesmo objetivo; as transgressões do hacktivism, por outro lado, não são violentas. A autora Dorothy Denning (2001) afirma que o ciberterrorismo é o ataque premeditado, motivado politicamente, contra sistemas ou programas de computador, informações ou dados, resultando em violência a alvos não combatentes e perpetrados por agentes clandestinos ou grupos subnacionais. Para a autora, também são considerados ciberterrorismo “ataques politicamente motivados que causam sérios danos, como graves dificuldades econômicas ou perda sustentada de energia ou água”<sup>15</sup> (2001, p. 281). Tendo em vista que ainda não houve eventos cujas características se pareçam com as mencionadas por Samuel e Denning, ambas as autoras avaliam o ciberterrorismo ainda como fenômeno hipotético.

O autor Maynard (2011), no entanto, cita casos de ciberataques como os da Rússia à Estônia<sup>16</sup>, o da Geórgia<sup>17</sup> (MAYNARD, 2011) como exemplo de ciberterrorismo. Para o

---

<sup>14</sup> [...] a form of mass decentered electronic direct action, utilizes virtual blockades and virtual sit-ins. (WRAY, 1999, *online*, tradução da autora)

<sup>15</sup> Attacks that cause serious harm, such as severe economic hardship or sustained loss of power or water, might also be characterized as cyberterrorism. (DENNING, 2001, p. 281)

<sup>16</sup> Em 2007, houve a retirada da estátua do “Soldado de Bronze” de Tallin, na Estônia. A estátua era uma homenagem ao Exército Vermelho, soviético, e sua vitória sobre o nazismo; em retaliação à sua retirada, o governo estônio recebeu diversos ciberataques durante um mês inteiro. De acordo com o New York Times, a investida, oriunda de computadores do mundo inteiro, pode ter sido acionada pelo governo da Rússia ou por integrantes da etnia russa e obrigou as autoridades estonianas a defenderem seu país. Os ataques paralisaram a

autor, a diferença mencionada por ele está na justificativa do ataque, onde o hacktivismo não visa prejudicar capacidade logística de um país, mas sim chamar atenção para uma causa em específico. O ciberterrorismo, por outro lado, visa prejudicar o sistema de informação atacado e seu funcionamento, podendo afetar a população. Muitas vezes o ciberterrorismo pode ser perpetrado, de acordo com o autor, por governos.

Hacktivismo e ciberterrorismo diferem-se muito em motivação, escala e efeito (VEGH, 2003). O primeiro herda atributos da cultura libertária *hacker*, constituídos juntamente com o desenvolvimento da internet ao longo de sua existência (CASTELLS, 2003) e fundamentações de cunho político-social. A complexidade do termo ocasiona constantes equívocos, propositais ou não: a mídia e governos frequentemente vinculam hacktivismo a ciberterrorismo ou ciberguerra. Além disso, tanto o hacktivismo, quanto o ciberterrorismo pode levar a uma ciberguerra, no momento em que os ataques passam a ser retribuídos em caráter engajado e mutuamente.<sup>18</sup> (VEGH, 2003).

[...] artigos sobre *hackers* e *hacking* usam cada vez mais tom e linguagem sensacionalistas, as motivações não são discutidas em artigos sobre *hackers*, o discurso está mudando de *hackers* como criminosos para *hackers* como ciberterroristas, há um foco maior acerca do ciberterrorismo agora, mesmo que ainda não tenha acontecido, a linguagem da mídia confunde as diferenças entre hacktivismo e ciberterrorismo. (VEGH, 2003, *online*)<sup>19</sup>

Com relação ao *hacking*, como falado anteriormente, a principal diferença é a motivação política. O hacktivismo é um fenômeno social complexo e que se expande em conjunto com a internet. A expansão da internet não somente compreende um avanço em nível tecnológico, mas também uma evolução nas formas de interação e de relacionamento da sociedade. Tendo estes fatores em vista, percebe-se a complexidade de estabelecer padrões para fenômenos sociais que acontecem no contexto da internet. As fronteiras traçadas entre um fenômeno e outro, ressaltando suas diferenças e colocando em evidência seus pontos em comum foi elaborada com base em situações reais que ocorreram no passado, porém, no contexto de uma internet dinâmica, não se podem propor fronteiras e delimitações rígidas para

---

infraestrutura do país, obstruindo os websites de muitos órgãos governamentais e desestabilizando as operações do principal banco do país. O governo russo nega qualquer envolvimento no caso. (MAYNARD, 2010)

<sup>17</sup> No caso da Geórgia, o alvo foi o blog de um professor de Sujumi, capital da região autônoma de Abjázia. As críticas feitas pelo professor aos governos da Rússia e Geórgia provocaram uma reação tamanha que foi capaz de colapsar o Twitter e o Facebook. (MAYNARD, 2010)

<sup>18</sup> Falaremos mais sobre ciberguerra no capítulo seguinte do presente trabalho.

<sup>19</sup> [...] articles on hackers and hacking increasingly use sensationalist tone and language, motivations are not discussed in news articles about hacking, the discourse is shifting from hackers as criminals to hackers as cyberterrorists, there is a larger focus on cyberterrorism now, even if it has not yet happened, the language of the media blurs the differences between hacktivism and cyberterrorism. (VEGH, 2003, tradução da autora)

e entre estes fenômenos. As formas de interação na rede estão em constante mudança e evolução, o que, conseqüente e inevitavelmente, acarreta em mudanças no ciberativismo em sua totalidade.

### 3.3 Classificações no hacktivismo

Alguns autores, ao dissertar sobre hacktivismo, buscaram classificar suas ações em diferentes tipologias, utilizando muitas vezes como atributo a forma de agir. A forma de agir dos hacktivistas pode envolver algumas características, como técnica, a legalidade das ações, a frequência, o objetivo, entre outras.

De acordo com Wray, as ocupações e bloqueios virtuais, atividades de área ambígua em termos de lei, compõe a desobediência civil eletrônica. O *hacking* politizado, que seria outra categoria apresentada pelo autor, também englobaria ações diretas, porém os atores se utilizariam do anonimato e suas atividades seriam expressamente ilegais – como invadir o servidor de um website e mudar seu código HTML, por exemplo. Para o autor, na desobediência civil eletrônica não há anonimato e *hacking* politizado corresponderia ao hacktivismo dos dias atuais.

O fenômeno hacktivismo recente, no entanto, já não comporta mais esta separação apresentada por Wray. Se analisarmos manifestações mais recentes, o grupo Anonymous<sup>20</sup> é um exemplo deste desarranjo de ocorrências, onde todos os participantes se utilizam do anonimato e os protestos variam entre invasões *hacker* em sistemas (que exige conhecimento técnico e é uma atividade ilegal) e ocupações virtuais (atividade que pode ser ilegal ou legal). O próprio autor, prevendo mudanças na maneira de agir e interagir dos ativistas, afirmou “Um fato muito importante a enfatizar é que o hacktivismo, forma atual de *hacking* politizado, está muito no seu princípio. É cedo demais para traçar decisões conclusivas ou fazer previsões concretas quanto à direção que ele tomará.” (Wray, 1999, *online*). De qualquer forma, conforme o que foi visto neste trabalho até agora, não é incorreto posicionar o hacktivismo como forma de desobediência civil eletrônica, devido à sua natureza transgressora e sua finalidade política.

A autora Dorothy Denning (2001) chama as formas de operar o hacktivismo de *hacking* que, de acordo com ela, denomina “operações que exploram computadores em formas que são incomuns e muitas vezes ilegais, geralmente com a ajuda de um *software* especial (“ferramentas de *hacking*”)”. Estas operações são quatro: ocupações virtuais e

---

<sup>20</sup> O grupo Anonymous será melhor retratado a seguir neste trabalho.

bloqueios; bombas automáticas de *email*; invasões de computadores e sistemas web; vírus e *worms*<sup>21</sup> de computador. Elas caracterizam somente a forma de agir do hacktivista, subestimando, talvez, a motivação para a utilização de cada um destes ataques.

Outra autora que elabora uma classificação no hacktivismo é Alexandra Samuel (2004). A autora primeiramente enumera as formas de hacktivismo, se referindo às ações hacktivistas, para posteriormente determinar as tipologias de hacktivistas, isto é, referenciando as pessoas que são hacktivistas. As ofensivas cometidas por hacktivistas – ou seja, as formas de hacktivismo – são chamadas por Samuel (2004) de prejuízos e são classificadas em nove diferentes categorias (ampliando a gama de operações que havia sido enumerada por Denning): deformação de sites, redirecionamento de sites, ataque de negação de serviço, roubo e distribuição de informação, paródias de sites, sabotagem virtual e desenvolvimento de *software*. É importante notar que as ofensivas enumeradas pela autora podem ser perpetradas também sem uma motivação política, porém, neste trabalho, consideraremos como pressuposto a motivação política, uma vez que se está falando em hacktivismo. De acordo com a autora:

diferentes formas de hacktivismo fazem referência às diferentes culturas políticas, representam diferentes orientações políticas e prestam-se a diferentes tipos de declarações políticas. Essas diferenças exprimem que as escolhas táticas dos hacktivistas sobre quais formas de hacktivismo encarregarem-se representam diferenças maiores ainda no caráter de diferentes tipos de hacktivismo. (SAMUEL, 2004, p. 8)<sup>22</sup>

A deformação de sites consiste em hackear em um servidor da web e substituir a página web original pela mensagem que se quer propagar. Nos termos do hacktivismo, tendo em vista a finalidade política, a mensagem a ser apresentada terá cunho político – normalmente criticando a instituição detentora do website que foi hackeado.

Para o redirecionamento de site, da mesma forma que a deformação, é necessário invadir o servidor da web de um site em específico e redirecionar o seu endereço para outra página da web. No instante que o usuário digita o endereço do site que deseja visitar, o

---

<sup>21</sup> De acordo com Denning “A diferença é que um *worm* é uma peça autônoma de software que se espalha por si próprio, ao passo que um vírus se liga a outros arquivos e segmentos de código e se espalha através desses elementos, geralmente em resposta às ações tomadas pelos usuários (por exemplo, abrir um anexo de e-mail)” (2001, p. 278, tradução da autora).

<sup>22</sup> “Different forms of hacktivismo reference different political cultures, represent different political orientations, and lend themselves to different kinds of political statements. These differences mean that hacktivists' tactical choices about which forms of hacktivismo to engage in represent larger differences in the character of different types of hacktivismo. (Samuel, 2009, p. 8 tradução da autora)

redirecionamento o leva para uma segunda página que, em uma ação hacktivista, faz críticas às ações da entidade que teve o site redirecionado.

Os ataques de negação de serviço (DoS)<sup>23</sup> são ataques a um sistema de computador ou rede que causa perda de serviços aos usuários. Não se trata de uma invasão de sistema, mas sim da sua invalidação por sobrecarga, através do consumo de todos os seus recursos computacionais ou obstrução dos canais de comunicação entre os utilizadores da rede – fazendo com que não consigam se comunicar adequadamente. Nos ataques distribuídos de negação de serviço (DDoS)<sup>24</sup>, existe um computador mestre que comanda computadores “zumbis” (máquinas infectadas, fazendo com que o ataque de negação de serviço seja compartilhado) para que acessem a um determinado servidor ao mesmo tempo. Em função da sobrecarga de acessos, o servidor passa a não conseguir atender a mais nenhum pedido de acesso e pode, até mesmo, reinicializar ou travar. A derrubada de servidores por DoS ou DDoS objetiva chamar atenção a uma causa que ativistas considerem de interesse público, a fim de demonstrar sua insatisfação, não somente à instituição atingida, mas também ao público visitante do site. Ataques de negação de serviço também buscam a veiculação da causa pela mídia, aproveitando-se da visibilidade que estes ataques proporcionam.

O roubo e a distribuição de informação consistem na invasão de uma rede privada para roubar a informação ali presente, podendo os hacktivistas publicá-la ou não. O objetivo deste ataque é envergonhar a organização e sua falta de segurança e prejudicar a imagem da mesma. Normalmente, a informação roubada não tem maior utilidade para o *hacker*, a não ser descredibilizar a organização.

Sabotagem virtual são atividades que manipulam ou causam dano às tecnologias de informação de um alvo, como vírus e *worms*. O nível de dano pode variar, podendo simplesmente replicar e redistribuir o vírus entre os contatos do indivíduo infectado, como também destruir os dados contidos no sistema infectado.

A ocupação virtual ocorre quando uma grande quantidade de manifestantes (centenas ou milhares) acessa a um site ao mesmo tempo, atualizando diversas vezes até que seu tráfego fique lento e caia. Para que esta ação obtenha sucesso, é necessário que haja um grande volume de pessoas, e é isso que o diferencia de um ataque de negação de serviço. Para Samuel, a ocupação virtual pode ser considerada uma forma mais democrática e representativa de hacktivismo. Um usuário não precisaria clicar muitas vezes para atualizar a página, tendo em vista que há *softwares* que, ao serem acionados, realizam o trabalho de

---

<sup>23</sup> Denial of Service.

<sup>24</sup> Distributed Denial of Service.



atualizar o site múltiplas vezes em poucos segundos. Um exemplo deste *software* é *FloodNet*, desenvolvido pelo *Electronic Disturbance Theater*.

As paródias de sites imitam o site da organização alvo e são alocadas em endereços URL similares ao site original da organização. É a ação menos transgressiva do hacktivism, ainda assim pode trazer reações legais por parte da organização atingida com a paródia.

Ao classificar os tipos de hacktivistas, Samuel considerará a forma como eles agirão, portanto, fez-se necessário entender as ofensivas hacktivistas. De acordo com a autora (2004), os hacktivistas podem ser considerados em três tipos: *cracking* politizado (*political cracking*), codificação politizada (*political coding*), hacktivism performativo (*performative hacktivism*). Os dois primeiros são caracterizados por carregarem atributos de ativistas programadores-*hacker*, enquanto o terceiro de ativistas artistas. O *cracking* politizado possui orientação fora da lei e comumente se manifesta através da deformação e redirecionamento de sites, ataques de negação de serviço, sabotagem e roubo de informação. A codificação politizada tem orientação transgressiva, isto é, permanecem na zona ambígua do legal e ilegal, através de atividades como o desenvolvimento de *software*. O hacktivism performativo, que também possui orientação transgressiva, age através das paródias de sites e ocupações virtuais.

Outras diferenças apontadas por Samuel são posicionadas em função da legalidade ou ilegalidade. Hacktivistas que agem na esfera do transgressivo utilizam nomes reais ou pseudônimos rastreáveis; são grupos de dimensões médias, dependendo da participação da massa; são multinacionais (são oriundos de países diferentes). Hacktivistas da esfera ilegal utilizariam pseudônimos não rastreáveis ou seriam anônimos; trabalhariam sozinhos ou em pequenos grupos, somente; poderiam ser oriundos do mesmo país (num contexto de ação contra seu próprio país), multinacional, ou mesmo internacional (visando um conflito internacional). A pesquisa de dissertação da autora envolve entrevistas com 59 pessoas de diferentes países, envolvidas ou não com o hacktivism. A partir destas entrevistas, a autora chega, então, a esta classificação aproximada que, inclusive, relata o relacionamento entre os integrantes destas três tipologias hacktivistas: “Estes três tipos de hacktivism não são apenas úteis para construtos intelectuais. Eles representam diferenças significativas de origem e orientações hacktivistas diferentes, e traduzem em ferozes debates internos.”<sup>25</sup>(SAMUEL, 2004, p. 38). Através dessa metodologia a autora pode determinar estas características específicas em cada grupo.

---

<sup>25</sup> These three types of hacktivism are not just useful intellectual constructs. They represent meaningful differences in the origins and orientations of different hacktivistas, and translate into fierce internal debates (SAMUEL, 2004, p. 38, tradução da autora)

Até o momento, os três autores analisados propõem classificações no hacktivismismo baseando-se na forma como agem os hacktivistas, em seu tipo de operação. Pode-se supor que tenham partido dessa característica para classificá-lo devido à sua singularidade em comparação com outros fenômenos sociais na internet. O ato transgressor é o que principalmente diferencia o hacktivismismo de outras manifestações ciberativistas. É evidente que a maneira transgressora por que optam seus atores causa conflito em qualquer discussão sobre o assunto, em função da questão de legalidade das ações. A partir do momento em que se determinam as esferas de legalidade destas operações – e também quais são estas possíveis operações – é que se consegue, supostamente, traçar outros atributos do fenômeno, como as características dos perpetradores, os alvos, entre outros.

Sandor Vegh (2003) propõe uma análise de muitos atributos simultaneamente, elaborada com base nos casos de hacktivismismo que foram estudados por ele. Inicialmente ele faz uma apreciação da ocorrência das operações em âmbito nacional ou internacional, determinando quem podem ser os atores envolvidos. Posteriormente, o autor reúne os atributos de uma operação hacktivistas e os avalia em grau e propriedade.

O autor, que classifica as ofensivas hacktivistas como ciberataques, afirma que estas investidas até então nunca haviam sido, de alguma forma, ligadas a governos. Para o autor, os ciberataques podem ocorrer em âmbito interno ou externo ao país, estando o governo ciente ou não da execução de sua execução. No âmbito interno, os ciberataques podem partir dos cidadãos que - insatisfeitos com algumas políticas impopulares ou violações do direito da minoria ou censura – realizam ações visando seu próprio governo. Ainda no âmbito interno, os ciberataques seriam parte de um movimento de independência realizado por ativistas contra um governo que clama autoridade sobre eles. Já em âmbito externo, *hackers* atacam computadores de governos estrangeiros com os quais seu próprio país estava em paz, devido a algum conflito militar. Também no âmbito externo, a outra possibilidade seria a guerra.

Considerando os ciberataques um ato ofensivo por natureza, podemos diferenciá-los através de algumas características, como a identidade do perpetrador, o alvo do ataque, a frequência e duração, o seu objetivo e o dano causado (VEGH, 2003).

A identidade dos perpetradores podem ser indivíduos, grupos vagamente definidos (como associações temporárias de pessoas com objetivo em comum), grupos bem definidos (coalizões, grupos já definidos) ou Estados. Como alvos dos ataques, tem-se o governo, corporações, organizações afiliadas, outros grupos ou mesmo indivíduos. A frequência e duração podem compor ações incidentes únicas, uma campanha (expandido por certo tempo)

ou engajamento (séries interativas de defesas mútuas). Os objetivos podem ser obter dominância ao causar dano ou comprometer o sistema de informação e comunicação do oponente; expressar desaprovação ou ampliar a ciência pública. Os danos causados são classificados entre três: quebra/derrubada do sistema de informação, perda da informação ou baque na imagem pública ou política do oponente.

Levando em conta os ciberataques politicamente motivados, Vegh afirma que eles ocorrem nas seguintes situações “em resposta a um incidente ou condição, como parte de um conflito existente, como parte de uma campanha militar recorrente e como parte de uma guerra convencional”<sup>26</sup> (2003, p. 82) – estando as duas primeiras mais ligadas ao hacktivismismo e as duas últimas em um contexto de ciberguerra. Considerando também a frequência e a duração das investidas, ciberataque (sendo este um incidente único), cibercampanha e ciberguerra (engajamento mútuo), pode-se perceber uma intensificação nos termos da investida, podendo o hacktivismismo se tornar uma ciberguerra.

Quando o hacktivismismo é elevado a nível de Estado (em termos de agenda ou atores), e quando se torna um engajamento sustentado entre partidos conectados a um conflito convencionalmente armado, cujo objetivo é dominação do adversário, o hacktivismismo se torna uma ciberguerra. (VEGH, 2003, p. 83)

É importante destacar que, em termos táticos, de motivação, de intensidade e de objetivo final, o hacktivismismo somente poderia vir a evoluir para uma ciberguerra se anteriormente passasse por ciberterrorismo, o que o faria perder suas características de fenômeno ciberativista e buscar causar terror e utilizar de violência. É possível afirmar isso ao analisar as origens do hacktivismismo, conforme já realizado no presente trabalho. Um exemplo que retrata bem esta situação é o caso do grupo Legion of Underground (LoU), grupo *hacker* que, após a quebra de alguns *firewalls* que bloqueavam alguns websites na China, fez uma declaração de guerra contra o país. A declaração causou desaprovação em outros conhecidos grupos hacktivistas, conforme descreveu Denning, em seu trabalho:

Em uma conferência de imprensa no Internet Relay Chat (IRC) no final de dezembro de 1998, um membro da LoU declarou ciberguerra às infraestruturas de informação da China e do Iraque. Ele citou abusos dos direitos cívicos e disse que o LoU clamava pela destruição completa de todos os sistemas computacionais na China e no Iraque.

A declaração de ciberguerra levou a coalizão de outros grupos *hacker* lançando-se contra a campanha no início de 1999. Uma carta assinada pelo 2600, o *Chaos Computer Club*, o *Cult of the Dead Cow* (CDC), *! Hispahak*, *L0pht Heavy*

---

<sup>26</sup> “in response to na incidente or condition, as parto f na existing conflict, as part of an ongoing militaristic campaign, and as part of an ongoing convetional war” (VEGH, 2003, p. 82, tradução da autora)

*Industries, Phrack, Pulhas*, e vários membros da comunidade *hacker* holandesa, denunciou a ciberguerra, dizendo: “Declarar ‘guerra’ contra um país é a coisa mais irresponsável que um grupo de *hackers* poderia fazer. Isso não tem nada a ver com hacktivismo ou ética *hacker* e não é nada de que um *hacker* poderia se orgulhar.” Reid Fleming do CDC disse: “Ninguém pode legitimamente esperar melhorar o acesso livre de uma nação à informação tentando desativar suas redes de dados.” No momento em que a carta saiu em 7 de janeiro, o LoU já havia emitido um informe no mesmo dia dizendo que a declaração de guerra no IRC não representava a posição do grupo. (Denning, 2001, p. 275)<sup>27</sup>

Posteriormente, o LoU emitiu uma declaração pelo IRC afirmando que não apoiava qualquer tipo de dano às redes ou sistemas computacionais de outras nações, e que tampouco usaria suas habilidades técnicas para tais fins.

Após abordar, neste capítulo, a importância dos *hackers* para o desenvolvimento rede mundial de computadores e também buscar compreender o fenômeno hacktivismo, podemos constatar que as manifestações sociais que ocorrem no contexto virtual auxiliam na configuração deste contexto. Isto é, tanto as práticas de hacktivismo quanto de ciberativismo são fundamentais na manutenção dos valores de liberdade da internet. Além disso, tendo em vista que a rede reconfigurou a sociedade em diversos âmbitos graças às novas possibilidades comunicacionais – e que as manifestações que ocorrem online estão diretamente ligadas a questões off-line – percebemos também que a cultura da internet não se limita ao meio virtual. Os valores de rede se transferem para a sociedade informacional.

Ao passarmos para a análise de nosso objeto empírico – as manifestações do Brasil em 2013 – buscamos compreender de que forma o hacktivismo colaborou com os protestos realizados. No próximo capítulo analisaremos o Anonymous, comunidade ciberativista e hacktivista internacional que vem se fazendo presente nos principais protestos ao redor do globo, e sua participação nos protestos do Brasil em 2013.

---

<sup>27</sup> In a press conference on Internet Relay Chat (IRC) in late December 1998, an LoU member declared cyberwar on the information infrastructures of China and Iraq. He cited civil rights abuses and said LoU called for the complete destruction of all computer systems in China and Iraq. The declaration of cyberwar prompted a coalition of other hacking groups to lash out against the campaign in early 1999. A letter cosigned by 2600, the Chaos Computer Club, the Cult of the Dead Cow (CDC), !Hispahak, L0pht Heavy Industries, Phrack, Pulhas, and several members of the Dutch hacking community denounced the cyberwar, saying “Declaring ‘war’ against a country is the most irresponsible thing a hacker group could do. This has nothing to do with hacktivism or hacker ethics and is nothing a hacker could be proud of.” Reid Fleming of the CDC said “One cannot legitimately hope to improve a nation’s free access to information by working to disable its data networks. By the time the letter went out on January 7, LoU had already issued a statement that day saying that the declaration of war on IRC did not represent the position of the group. (Denning, 2001, p. 275, tradução pela autora)

## 4. Anonymous e as manifestações no Brasil em 2013

Neste capítulo buscaremos retratar o Anonymous como um dos principais representantes do fenômeno hacktivismo na atualidade, traçando um breve histórico da formação deste coletivo descentralizado e também do conceito de anonimato adotado por essas pessoas. Posteriormente, delimitaremos nosso objeto empírico – as manifestações do Brasil em 2013 – trazendo um panorama do ocorrido e analisando a participação do Anonymous nas ações das ruas, de forma a compreender como o hacktivismo colaborou para os protestos.

### 4.1 Anonymous

O Anonymous é uma “comunidade anônima” de ativistas que propaga a ideia da livre circulação de informação na internet. Este coletivo de pessoas, descentralizado, coordenado e que atua de forma anônima em ações relacionadas à defesa da liberdade de expressão e dos direitos humanos, vem adquirindo cada vez mais visibilidade desde o seu surgimento em 2003. Foi em 2010 que as atividades hacktivistas realizadas pelo Anonymous alcançaram o topo da agenda midiática internacional, quando o grupo efetuou ataques de negação de serviço (DDoS) às empresas que se recusavam a repassar doações ao Wikileaks. Em 2011, em reflexo aos seus feitos, o grupo entrou para a lista dos 100 mais influentes do mundo da revista Time. Desde então, o grupo vem se destacando em protestos por todo mundo, como coletivo de ciberativistas, inclusive nas manifestações no Brasil em 2013.

O Anonymous teve origem em 2003 juntamente com o 4chan, um fórum especializado em troca de imagens – ou *imageboard* – dedicado inicialmente aos fãs de animação japonesa. No 4chan, os usuários podem manter sua identidade preservada, utilizando apenas a referência *anonymous* (que significa anônimo em inglês), pois seu fundador acreditava que ao deixar os membros anônimos, os faria serem julgados pelos seus próprios méritos (LANDERS, 2008, *online*).

Aos poucos o 4chan foi ganhando novos usos e passou a ser “um canal de comunicação intensa e efêmera” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 169), visto que os *logs* do material compartilhado no fórum não ficavam armazenados por mais do que algumas horas em função da memória do servidor do *imageboard*. Conforme afirmam Malini & Antoun (2013), o 4chan permitiu a coletivos e movimentos testarem rapidamente o potencial das ferramentas fornecidas e começaram a “produzir efeitos virais, gerar manias, modas e

sucessos instantâneos” (2013, p. 169). O *board* /b/, canal mais popular do 4chan cujos assuntos aleatórios variam desde pornografia até fotos de gatos, foi palco das primeiras discussões políticas pelos “Anons” – abreviação de *anonymous*, como os próprios usuários do 4chan se auto intitulavam.

Em 2008, as investidas *hacker* contra a igreja da Cientologia por parte dos Anonymous do /b/, assim como seus protestos nas ruas, os levaram a serem conhecidos mundialmente como um coletivo de hacktivistas.

Em 14 de janeiro de 2008, um vídeo com o ator Tom Cruise fazendo apologia das maravilhas da Igreja da Cientologia foi parar no YouTube. A seita das celebridades de Hollywood não gostou e entrou com um pedido de violação de direitos autorais contra o canal de internet, exigindo a imediata remoção do conteúdo. Ganhou na Justiça, mas a censura desencadeou uma série de ações contra a igreja. Tanto na rede quanto nas ruas. (ROVAI, 2013, *online*)

Os Anonymous se organizaram para a realização de ações que fossem ao mesmo tempo humorísticas e que demonstrassem sua insatisfação à censura cometida pela Cientologia. Surgiu então o Projeto Chanology, que clamava pela liberdade de expressão na internet e se opunha às práticas da Igreja da Cientologia de sigilo às suas crenças. Chris Landers, em *City Paper* Baltimore (2008), descreveu o Projeto Chanology como:

Uma batalha que opõe um grupo de ativistas anárquico e sem líderes, composto em sua maioria de jovens com bons conhecimentos de tecnologia organizados através de fóruns on-line e salas de chat, contra uma religião formada na década de 1950, cujos adeptos acreditam que um escritor de ficção científica previu o curso para salvação do mundo.<sup>28</sup> (LANDERS, 2008)

Diversas plataformas foram utilizadas para divulgar a causa e conscientizar o público de fora dos *imageboards*. Além do envio de vídeos e criação de websites, os Anonymous passavam trotes telefônicos aos centros da igreja, enquanto *hackers* Anonymous desempenhavam ataques distribuídos de negação de serviço (DDoS) em sites da igreja. Esses ataques distribuídos de negação de serviço mantiveram fora do ar os websites regionais e globais da igreja durante os dias 18 e 25 de janeiro, obrigando a instituição a contratar empresas de segurança da informação. O Anonymous ganhou adeptos à ideia de protestar contra a censura da internet e também contou com o apoio e participação de ex-membros da igreja.

---

<sup>28</sup> “a battle that pits an anarchic, leaderless group of mostly young and tech-savvy activists organized through online forums and chat rooms against a religion formed in the 1950s whose adherents believe a science-fiction writer laid down the course to world salvation.” (LANDERS, 2008, *online*, tradução da autora)

O Projeto Chanology ganhou proporções mundiais e manifestações ocorreram nas ruas de diversos países, como Estados Unidos, Austrália, Reino Unido, Canadá, entre outros, levando, em uma única data, aproximadamente 8 mil pessoas às ruas (KNAPPENBERGER, 2012). Muito manifestantes, por serem anônimos, escondiam os rostos com lenços e máscaras. A utilização da máscara do Guy Fawkes<sup>29</sup> se tornou símbolo do Anonymous durante os protestos, tanto nas ruas quanto nos vídeos criados pelo grupo, e permaneceu, posteriormente, como marca da comunidade em outros atos.

O caráter sensacional que a identidade Anonymous projetou recebeu destaque na mídia. Os vídeos de denúncia espetaculares; os ataques bem sucedidos às páginas da Cientologia; a preservação da identidade dos participantes; as máscaras de Guy Fawkes – objeto permeado de significação devido à história do próprio Guy Fawkes e do personagem V; e a origem do coletivo, o *board /b/* do 4chan, logo ganharam a atenção dos principais veículos americanos. A FOX News e na CNet News, em 2009, descreveram o 4chan, palco das articulações dos Anonymous, como “máquina esquerdista de preconceitos cheia de terroristas domésticos” e “centro de cultura e memes da Internet”, respectivamente (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 169).

O Anonymous ainda causava confusão dos espectadores acerca do que seria o grupo, ou comunidade, cujos membros desconhecem as identidades dos companheiros e sequer buscam conhecer. Em entrevista a Chris Landers (2008), membros do Anonymous deram suas opiniões acerca do que era esta comunidade Anonymous e do conceito de Anonymous. Conforme Landers (2008):

"Anonymous não é uma organização," um homem do norte da Virgínia explica. "Se você usar a internet e a usar de forma que a liberdade de expressão seja fundamental, querendo usá-la como forma de ver e experimentar coisas sem ser guiado por grandes meios de comunicação, pela Madison Avenue, ou por interesses especiais, então você poderia ser um membro do Anonymous." (LANDERS, 2008, online)<sup>30</sup>

Na mesma entrevista, outro “Anon” complementa “É multinacional, multicultural, multidenominacional. Você tem judeus, ateus, mórmons, cristãos, hindus, budistas, wiccas,

---

<sup>29</sup> Guy Fawkes foi um católico inglês do séculos XVII que pretendia explodir o Parlamento e o rei Jaime I, porém foi descoberto e sentenciado à morte. A máscara ganhou popularidade através da história ficcional em quadrinhos V de Vingança, de Alan Moore, cujo personagem principal, V, explode o Parlamento inglês, que estava sob regime fascista. Alan Moore é anarquista declarado e reflete sua filosofia na história V de Vingança. (FERNANDES, 2013)

<sup>30</sup> "Anonymous is not an organization," a man from Northern Virginia explains. "If you use the internet, and you use it in a way that free speech is paramount, and you want to use it as a way to see and experience things without being guided by big media, by Madison Avenue, or by special interests, then you could potentially be a member of Anonymous." (LANDERS, 2008, online, tradução pela autora)

unitários, qualquer que seja, estão todos juntos e são, basicamente, a massa coletiva... a mente coletiva da massa da internet”<sup>31</sup> (LANDERS, 2008). Para os membros, os novos adeptos ao coletivo, incluindo ex-seguidores da igreja Cientologia, “veem o Anonymous como uma maneira de falar – de contar sua história sem ter que dizer quem eles são”<sup>32</sup> (LANDERS, 2008). E ainda mencionaram que a “liberdade na internet permitiu que as pessoas adquirissem consciência social que foi evoluindo rapidamente.”<sup>33</sup> (LANDERS, 2008). Landers faz uma analogia para definir o funcionamento dos participantes do Anonymous:

Em um e-mail, DOC<sup>34</sup> descreve Anonymous como "a primeira superconsciência com base na Internet." Anonymous é um grupo, no mesmo sentido em que um bando de aves é um grupo. Como você sabe que eles são um grupo? Porque eles estão viajando na mesma direção. Em um determinado momento, mais pássaros podem entrar, sair, voar em outra direção completamente diferente. (LANDERS, 2008)

Após a série de mobilizações contra a Igreja da Cientologia, que rendeu a alguns participantes intimações e condenações em tribunais americanos, o Anonymous se consolida como entidade ativista e hacktivista, passando a atuar frequentemente em manifestações relacionadas à defesa da liberdade de expressão.

A #OpChanology, além de marcar a ascensão dos Anonymous como um movimento político – “o Anonymous havia emergido de seu santuário online e se disposto a melhorar o mundo” (COLEMAN, 2012, p. 97) –, também levou a dois outros fatos relevantes. Primeiro, com a onda de novos apoiadores, os ideais do coletivo ultrapassaram, e muito, os limites do 4Chan e ganharam vários outros espaços na Internet. Daí começam a se organizar as primeiras redes no IRC, além do surgimento de vários sites e perfis em redes sociais identificados com os Anonymous. Estava claro que, ante um fenômeno em ebulição, o 4Chan se tornara pequeno demais.

Em segundo lugar, a entrada massiva de apoiadores que, em princípio, não tinham conhecimento das origens do coletivo levou a uma série de discussões internas em diversos canais de comunicação, com a emergência de duas grandes correntes em meio à infinidade de grupos identificados como Anonymous. [...] Como ocorreria em muitas das ocasiões vindouras, essa tensão foi encarada com naturalidade pelo coletivo, cujos apoiadores sempre respeitaram o uso extremamente variado, e para as mais distintas finalidades, da marca “Anonymous”. (MACHADO, 2013, p. 76)

---

<sup>31</sup> It's multinational, multicultural, multid denominational. You have Jewish people, atheists, Mormons, Christians, Hindus, Buddhists, wiccans, Unitarians, whatever, who are all coming together, who are basically the collective mass . . . the collective mass mind of the internet." (LANDERS, 2008, tradução pela autora)

<sup>32</sup> see Anonymous as a way to speak out--as a way to tell their story without having to say who they are. (LANDERS, 2008, tradução da autora)

<sup>33</sup> freedom in the internet allowed people to have social conscience that was rapidly evolving. (LANDERS, 2008, tradução da autora)

<sup>34</sup> Doc é o pseudônimo de um dos Anonymous entrevistados por Landers.



O ápice de sua popularidade ocorreu dois anos depois, em 2010, quando Julian Assange, fundador do Wikileaks, é preso sob acusação de estupro na Suécia após a organização divulgar informações confidenciais referentes às relações diplomáticas americanas.

WikiLeaks é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página documentos e imagens confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis e sigilosos. Em 2010, a página causou muito desconforto ao governo americano com a publicação de documentos confidenciais que poderiam afetar diretamente as relações diplomáticas dos Estados Unidos com países como Rússia, Venezuela, Argentina, Itália, Afeganistão e outros. Dentre esses documentos, registros oficiais secretos das guerras do Iraque e Afeganistão, que incluíam estatísticas de mortes das guerras e até mesmo vídeos de operações. Conforme afirma Maynard, “consequência imediata disto, uma impressionante perseguição policial de dimensões internacionais ganhou os jornais” (2011, p.1).

Julian Assange, o fundador da organização, surge como herói na política internacional e, ao mesmo tempo, passa a ser enquadrado como perigoso terrorista virtual e um esturador digno de ser perseguido pela Interpol (MAYNARD, 2011, p.5). Isso porque, no mês de dezembro de 2010, Assange é preso em Londres sob denúncia de estupro leve<sup>35</sup> pela Scotland Yard em uma busca coordenada pela Interpol. Embora Assange tenha negado as acusações, o fundador do Wikileaks está, atualmente, asilado na Embaixada do Equador para não ser extraditado para Suécia. Além disso, o Wikileaks teve suas transações financeiras bloqueadas por algumas empresas que lhe prestavam serviço, como MasterCard, Visa e PayPal, sistemas que gerenciavam as doações dos usuários para a organização. De acordo com notícia publicada no portal Terra, no dia 2 de dezembro:

A Amazon deixou de hospedar o WikiLeaks após receber pedidos do Comitê de Segurança e Assuntos Governamentais do Senado dos EUA, presidido por Joe Lieberman, o que fez com que o site ficasse fora de serviço na maior parte do dia antes de retornar a seu provedor sueco Bahnhof.

A página do WikiLeaks foi vítima de ataques sistemáticos desde que no domingo começou a divulgar documentos diplomáticos confidenciais americanos, que deixaram a política externa do país em péssima situação.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> O jornalista recebeu uma acusação de coerção ilegal, duas acusações de assédio sexual e uma de estupro, todas elas supostamente cometidas em 20 de agosto.

<sup>36</sup> Disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/internet/amazon-cria-polemica-ao-expulsar-wikileaks.eceae4bddea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> – Acesso em 24/11/2013

A perseguição a Julian Assange e ao Wikileaks é explicada por Silveira: “o Wikileaks trabalha com vazamentos, com a confirmação de fatos que os poderosos tentaram esconder, com o imaginário do perigo e com a necessidade dos poucos heróis que assumem os riscos de enfrentar o poder muitas vezes descomunal” (2011, p. 12). Para Maynard, “A liberação de documentos coordenada por Julian Assange provocou debates sobre a liberdade de expressão, críticas e muita desconfiança quanto ao nível de policiamento no mundo contemporâneo” (2011, p.2).

Se por um lado, organismos de inteligência governamentais e grupos conservadores atacavam o Wikileaks, por outro, a organização de Julian Assange ganhava adeptos que se mobilizavam para demonstrar sua insatisfação com a perseguição. Hackers Anonymous passaram a se organizar na chamada Operação Vingança Assange e, através de ataques DDoS, investiram contra os sistemas da MasterCard, Visa, Amazon, PayPal e do banco PostFinance. O fato de os *hackers* Anonymous poderem, através de conhecimento técnico e tático informático, prejudicarem grandes corporações e mostrarem poder de reação, indo contra a vontade governamental, ocasionou uma série de consequências. Primeiramente, o resultado dos ataques a essas empresas foi um prejuízo de milhões de dólares para elas (MACHADO, 2013), além de dano à imagem e reputação que, não somente teve sua falta de segurança exposta, como também sua posição de transigência à vontade do governo americano. Ademais, a eficiência técnica dos Anonymous promoveu o movimento e garantiu cobertura midiática global. A visibilidade que suas operações receberam permitiu a legitimação do coletivo que impressionou espectadores do mundo todo ao se colocar em oposição à deliberação do Estado – impopular e vista como um desfavor à esfera pública em detrimento dos interesses privados do governo.

A ação do Anonymous, grupo que não surgiu por conta da prisão de Assange, ganhou diversos adeptos em diversas partes do mundo justamente pelo fato dos ataques serem realizados através de diversos computadores – alguns deles são máquinas de pessoas que nem imaginam isto – em um cenário descentralizado. Em vídeos postados no Youtube, o grupo afirmou suas pretensões. “*We are not a terrorist organization*”, avisavam em 9 de dezembro de 2010, em uma carta/manifesto, na qual também indicavam os seus possíveis alvos e repetindo que a Internet é das pessoas, não de governos e corporações. Numa explícita inspiração *cyberpunk*, realizaram uma espécie de simbiose entre Max Headrom e Guy Fawkes num dos anúncios para celebrar a liberdade de Assange (em 16 de dezembro de 2010). (MAYNARD, 2011, p.7)

E Machado complementa:

Os Anonymous já atuavam como uma fluída, heterogênea e distribuída rede de células independentes que, ao agir, variavam em metodologia, alvos e ideais. Seu caráter múltiplo e diverso, a cada dia, fomentava novas formas de ação e de engajamento políticos. Após tal operação, a história do movimento em nível internacional seguiu seu curso, de modo que adeptos do coletivo se veriam envolvidos em vários dos grandes acontecimentos políticos vivenciados pelos Estados Unidos e por outros países do mundo. (MACHADO, 2013, p.78)

Ao fazermos uma análise do Anonymous, podemos entender que seu processo de surgimento e de consolidação como coletivo de hacktivistas é um reflexo direto da apropriação da internet pelo ativismo político. Por isso, percebe-se que o movimento e suas causas foram alcançando cada vez mais legitimidade e aprovação do público.

As investidas do Anonymous, embora mais de uma vez acusado pelo governo americano e pela mídia de causar o terror, buscavam muito mais demonstrar a insatisfação do coletivo para a instituição do que propriamente prejudicá-la. Os ataques distribuídos de negação de serviço contavam com a participação de pessoas que quisessem cadastrar seus computadores para gerar os múltiplos acessos aos sistemas-alvos e, assim, sobrecarregá-los – uma investida que também poderia pensada como ocupação virtual. Da mesma forma, os próprios integrantes do Anonymous desconhecem os companheiros, que podem participar ou não das diferentes operações, o que dificulta a classificação do coletivo em um movimento organizado. Nas ações em que há exposição de dados obtidos dos sistemas-alvos, o objetivo era expor falhas na segurança desses alvos, prejudicando sua reputação e imagem. Suas motivações eram principalmente a livre circulação de informação na internet e a liberdade de expressão, valores que os Anonymous julgam de interesse público e para o bem comum.

Seu local de encontro inicial, o 4chan, que os permitia manterem-se anônimos para que fossem julgados por seus argumentos, somente, é uma característica clássica da cultura *hacker* (MACHADO, 2013). As discussões políticas despontaram no fórum, reuniram os indivíduos insatisfeitos com posicionamentos de instituições e os mobilizaram para a ação – processo comum do ciberativismo, conforme descreveu Vegh (2003). Conseguiram, através da visibilidade que obtinham com os ciberataques e os vídeos sensacionalistas, visibilidade para a causa e apoiadores. O Anonymous se posiciona ao lado da população e do direito da livre circulação de informação, em detrimento das restrições que grandes indústrias, governos e outras instituições poderosas. Vê-se aí por que a marca Anonymous consegue engajamento

dos seus participantes e dos adeptos às defesas das causas discutidas. Em 2011, o grupo entrou para a lista dos 100 mais influentes do mundo da revista Time<sup>37</sup>.

Além das operações aqui descritas, o Anonymous realizou uma campanha de ciberataques nas empresas da indústria do entretenimento de Hollywood, teve participação com a disseminação de informação na Primavera Árabe, e também nas manifestações brasileiras do ano 2013, conforme será abordado a seguir.

## **4.2 Manifestações do Brasil em 2013**

O ano de 2013 foi emblemático para o Brasil em termos de mobilizações sociais. No mês de junho, mais de um milhão de pessoas<sup>38</sup> foi às ruas de todo o país para demonstrar sua insatisfação com o poder público em âmbito municipal, estadual e federal. As redes sociais proporcionaram a convocação aos protestos, cobertura jornalística colaborativa e distribuída feita pelos próprios manifestantes e espaços de discussão, que evidenciaram a heterogeneidade de ideologias que permeava as manifestações. Mais do que uma ferramenta, as redes sociais se mostraram componente integrante e fundamental para a realização dos protestos no Brasil em 2013.

O aumento na tarifa do transporte público foi o ponto de partida e estopim para que a população de ao menos sete capitais brasileiras passasse a se mobilizar em protesto no primeiro semestre de 2013. A insatisfação com o valor da passagem em conjunto com a falta de qualidade do transporte público nas principais metrópoles foi o que deu início às convocações para mobilizações nas ruas através do Facebook. Grupos ativistas, como o Movimento Passe Livre (MPL), utilizavam a funcionalidade da rede social para marcar eventos e convidar pessoas para comparecerem às ruas e defenderem a causa da redução da passagem do transporte público. Em pouco tempo a causa tornou-se conhecida e foi abraçada por milhares de pessoas, que não somente foram às ruas, mas também compartilhavam informações em tempo real no Facebook, Youtube, Twitter e outras plataformas acerca das manifestações, da causa e de seus objetivos.

---

<sup>37</sup> Disponível em [http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2111975\\_2111976\\_2112122,00.html](http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2111975_2111976_2112122,00.html) – Acesso 24/11/2013

<sup>38</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298755-manifestacoes-levam-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-em-todo-pais.shtml> - Acesso 24/11/2013

O MPL convocou a população para os primeiros protestos<sup>39</sup>, ainda em maio e nos primeiros dias de junho, em diversas cidades do país; porém outros coletivos ativistas também apoiaram na convocação e se fizeram presentes. Partidos de esquerda, veículos de mídia independente e o Anonymous se destacaram nas mobilizações – cuja participação popular já reunia, nos protestos do dia 13 de junho, milhares de pessoas em cidades como São Paulo (que chegou a ter cinco mil pessoas)<sup>40</sup>, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Goiânia, Maceió, Brasília, Belo Horizonte, Natal e Salvador. As manifestações, que variavam entre passeatas e ocupações em frente a prédios de instituições públicas ou estádios de futebol, utilizavam gritos de guerra e cartazes com dizeres que defendiam o passe livre no transporte público, a redução do preço da tarifa e que condenavam os gastos públicos com a Copa do Mundo de 2014 e pouco investimento em necessidades básicas, como educação e saúde. Houve atos de depredação, como pichação a propriedades privadas e incêndio a ônibus em algumas capitais, ainda que a maioria dos manifestantes tivesse participação pacífica, apenas. Para conter as milhares de pessoas, a polícia militar utilizava bombas de efeito moral, *spray* de pimenta e balas de borracha, além de prender manifestantes por desobediência – atitudes que resultaram em mais insatisfação por parte da população.

Inicialmente, os principais veículos da mídia tradicional se posicionaram contra os protestos, utilizando termos pejorativos para descrever as mobilizações, como vandalismo, e omitindo ocorrências de violência policial contra os manifestantes. Houve um desmerecimento pela defesa à redução da tarifa do transporte público e a grande massa de milhares que estavam nas ruas foi retratada, muitas vezes, como arruaceiros.

No Jornal da Globo do dia 12 de junho, o jornalista Arnaldo Jabor afirmou que a grande maioria dos manifestantes seria composta por jovens de classe média e que a manifestação seria decorrente de ignorância política e da influência dos protestos na Turquia. Em editorial publicado no dia 13 de junho, o jornal Folha de São Paulo descreve os manifestantes como “jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados”. No mesmo dia, o editorial do Estado de São Paulo acusa os manifestantes de "aterrorizar a população" e diz que o vandalismo vinha sendo “a marca do protesto”, além de considerar "moderada" a ação da polícia.

---

<sup>39</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contr-aumento-das-tarifas-do-transporte.html> – Acesso em 24/11/2013

<sup>40</sup> Disponível em <http://br.noticias.yahoo.com/protesto-aumento-das-passagens-%C3%B4nibus-re%C3%BAne-2-mil-003542632.html> – Acesso em 24/11/2013

# FOLHA DE S. PAULO

Quarta-feira, 12 de junho de 2013



## Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista

São 3º e mais violento protesto, ativistas enfrentam PM e atacam ônibus e estações do metrô; 26 são detidos

**EUA e Japão fazem Bolsa de SP cair ao menor nível desde 2011**

Investidores estrangeiros vendem ações em meio a queda da Bolsa. O Índice S&P 500 caiu 1,2% e o Ibovespa, 1,5%. O dólar fechou em 1,84 real e o euro, em 1,57 real. O dólar ficou em 1,84 real e o euro, em 1,57 real. O dólar ficou em 1,84 real e o euro, em 1,57 real.

**Carregal dispensa subprocuradora por 'falta de simpatia'**

O procurador-geral da República, Anderson Garibaldi, dispensou a subprocuradora-geral, Fabiana Diniz, por falta de simpatia.

**Polícia de Turquia reprime ativistas em praça de Istambul**

Ativistas foram reprimidos em uma praça de Istambul. A polícia usou gás lacrimogêneo e outros meios para dispersar os manifestantes.



Um novo protesto contra a tarifa de transporte público, desta vez em frente ao Palácio do Estado, resultou em um conflito com a polícia no centro de São Paulo. Os manifestantes, liderados por integrantes do Partido Socialista (PS) e do Partido Comunista (PC), que rejeitam Paulo (PSD) e do governador Agostinho (PSD), que rejeitam Paulo (PSD) e do governador Agostinho (PSD), que rejeitam Paulo (PSD) e do governador Agostinho (PSD).

**Sargento da PM aponta sua arma, mas não dispara**

Um sargento da Polícia Militar apontou sua arma durante o protesto, mas não disparou.

**'Não temos controle, vírus recria', diz organizadora do ato**

A organizadora do protesto disse que não tem controle sobre o vírus e que ele se recria.

<b>CONFINA</b> Chefe sugere que parelha com os americanos agr como a China	<b>ACORDO</b> Dinheiro não é o único fator para a integração de SP com o mercado brasileiro	<b>COMISSÃO</b> Partido de São Paulo sugere que parelha com os americanos agr como a China	<b>PARTE DO TETO DE CONGRESSO CAÍ</b> Ativistas foram reprimidos em uma praça de Istambul.
-------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 3: Capa da Folha de S. de Paulo do dia 12 de junho

ESTADAO.COM.BR/Opinião

NOTÍCIAS POLÍTICA ECONOMIA ESPORTES LINK DIVIRTA-SE PME Opinião Acervo Rádio Eldorado F

Blogs · Co

• AGORA NO ESTADÃO •

ECONOMIA **Contrato da Petrobrás com a Odebrecht é investigado**

INCÊNDIO **OSX aprova pedido de recuperação judicial**

PREFEITURA DE SP **Fiscais envolvidos em fraude de ISS são afastados**

ESPORTES

Você está em Opinião

## Chegou a hora do basta

13 de junho de 2013 | 2h 08

Notícia **A+** **A-**

Enviar Recomendar 5,4 mil Compartilhar +1 Tweet 326

O Estado de S. Paulo

No terceiro dia de protesto contra o aumento da tarifa dos transportes coletivos, os baderneiros que o promovem ultrapassaram, ontem, todos os limites e, daqui para a frente, ou as autoridades determinam que a polícia aja com maior rigor do que vem fazendo ou a capital paulista ficará entregue à desordem, o que é inaceitável. Durante seis horas, numa movimentação que começou na Avenida Paulista, passou pelo centro - em especial pela Praça da Sé e o Parque Dom Pedro - e a ela voltou, os manifestantes interromperam a circulação, paralisaram vasta área da cidade e aterrorizaram a população.

O vandalismo, que tem sido a marca do protesto organizado pelo Movimento Passe Livre

Figura 4: Editorial de O Estado de S. Paulo do dia 13 de junho

Se por um lado a mídia tradicional rechaçava os protestos, por outro lado, nas redes sociais, os manifestantes compartilhavam textos, vídeos, áudios e fotos do que acontecia, buscando o apoio da população nos manifestos para, assim, legitimá-los. Os vídeos e fotos feitos pelos manifestantes que destacavam a truculência da polícia militar para com manifestantes, jornalistas e mesmo pessoas que não estavam envolvidas com o protesto causaram agitação nas redes sociais e obtiveram compartilhamentos acompanhados de textos indignados por parte da população, que discordava do uso da violência. O engajamento a favor da causa do transporte público logo se ampliou e a agenda dos manifestantes alcançou os brasileiros, que já se mobilizavam online para compartilhar informações que não chegavam

a público através da mídia tradicional. Além disso, essa negligência da mídia tradicional impulsionou ainda mais esse engajamento online.

De acordo com Luciano Martins Costa (2013), em artigo do Observatório da Imprensa – veículo que analisa a atuação da imprensa no Brasil – foi após o dia 13 de junho através de um artigo do jornalista Elio Gaspari, do Globo e da Folha de São Paulo, e do compartilhamento de vídeos flagrando o abuso da polícia militar, que houve o que ele chama de “virada na cobertura”.

Um dos relatos mais esclarecedores sobre o momento em que a passeata realizada na capital paulista na quinta-feira (13/06) deixou de ser pacífica é feito pelo colunista Elio Gaspari, na Folha de S.Paulo e no Globo (ver "A PM começou a batalha na Maria Antônia"). Ele descreve como uma equipe da tropa de choque se posicionou e agiu deliberadamente para provocar o tumulto.

Há também, na rede social digital, um vídeo mostrando um PM, aparentemente por orientação de um oficial, quebrando o vidro da viatura. A imagem, cuja autenticidade só pode ser confirmada pela própria Polícia Militar, está disponível no Youtube. (COSTA, 2013, *online*)

A partir de então, a postura da mídia tradicional mudou e passou a buscar o equilíbrio, legitimando as manifestações a nível nacional e repreendendo ações de violência de ambos os lados. Para Martins (2013), “Foi preciso que alguns jornalistas sofressem a violência no próprio corpo para que os jornais se dessem conta de que nem tudo é o que parece” e destacou em seu texto a importância de o público acompanhar os acontecimentos não somente pelos jornais e emissoras tradicionais, mas também pelas redes sociais – principalmente de entidades e representantes de instituições que estivessem de fato presentes ou envolvidos com as manifestações.

Com o número de pessoas aumentando gradualmente em cada evento das manifestações, que era da massa e sem líderes, ampliaram-se também as causas. De acordo com uma linha do tempo das manifestações formulada pelo portal G1<sup>41</sup>, no dia 17 de junho, 270 mil pessoas foram às ruas em mais de 30 cidades. No dia 20 de junho, o número de pessoas foi a 1,4 milhões de pessoas, em 130 cidades. Além da pauta do transporte público e da violência policial, cartazes que abordavam temas acerca de projetos de lei que foram votados pelo Congresso Nacional na época também passaram a fazer parte dos fatores mobilizadores. Entraram para a pauta das manifestações a derrubada da PEC 37, projeto legislativo que previa a retirada do Ministério Público de investigações criminais e as deixava a cargo das polícias civil e federal; a derrubada da “Cura Gay”, projeto de Decreto Legislativo

---

<sup>41</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/> - Acesso em 24/11/2013



que altera a resolução do Conselho Federal de Psicologia sobre a proibição dos psicólogos de tentarem mudar a orientação sexual de seus pacientes; a intensificação do descontentamento com a Copa do Mundo de 2014, ocasionada por declarações da Fifa, que se opunha às manifestações, assim como de ex-jogadores consagrados<sup>42</sup> que exaltavam o evento. Além dessas razões, viam-se cartazes contra a corrupção, em defesa de mais investimentos em saúde e educação, entre outros.

A diversidade da composição dos movimentos era notável, tendo em vista a quantidade de pessoas que já participavam, na rede e nas ruas. As diferentes classes sociais, gerações, valores, formas de se manifestar, entre outras variações, acarretaram em certo desvio de objetivos nos protestos, que já não eram os mesmos para todos os manifestantes. O contraste de ideologias participantes geraram intrigas durante alguns atos. Entre eles, manifestantes apartidários que não concordavam com a presença de bandeiras de partidos nas passeatas – que resultou não somente em agressão nas ruas, mas levantou a discussão política nas redes sociais acerca dos partidos e de sua existência. Também houve discórdia no uso do anonimato, proibido pela Constituição Federal, além da depredação do patrimônio público e privado como forma de protesto. Ativistas regulares desprezavam expressões similares a “O Gigante Acordou”, devido ao fato de que as lutas sociais sempre aconteceram por parte dos partidos e movimentos de esquerda, e não somente naquele período de junho. Essa variação de ideais, no entanto, não impediu as pessoas de seguirem indo às ruas e acabou por mostrar o descontentamento do povo brasileiro nas diferentes esferas sociais. Com relação à diversidade dos indivíduos que estavam nas manifestações, Pilatti, Negri e Cocco afirmam o seguinte:

A multidão da qual falamos não se confunde com a definição sociológica e determinista do devir “líquido” da sociedade pós-moderna. Ao contrário, a multidão é um conceito, político e ontológico, de classe: a classe que se constitui nessa cooperação entre singularidades. Só há multidão quando ela se faz a si mesma, como ocorre neste momento no Brasil. É o contrário da massa dos fragmentos que mídia e direita querem fundir ao entoar o Hino Nacional. (PILATTI; NEGRI; COCCO, 2013, online)

A filósofa Chauí apresenta uma conclusão acerca do apartidarismo das manifestações:

Simbolicamente, malgrado eles próprios e malgrado suas afirmações explícitas contra a política, os manifestantes realizaram um evento político: disseram não ao que aí está, contestando as ações dos Poderes Executivos municipais, estaduais e

---

<sup>42</sup> No dia 19 de junho, Pelé declarou, em vídeo gravado para a TV Tribuna e divulgado na internet, que os brasileiros deveriam deixar de lado as manifestações e apoiar a seleção. A declaração gerou mais indignação na população. Na mesma época, um vídeo de Ronaldo, gravado em 2011, afirmando “Com hospitais não se faz Copa do Mundo”, voltou a repercutir nas redes sociais e também causou descontentamento no brasileiros.

federal, assim como as do Poder Legislativo nos três níveis. Praticando a tradição do humor corrosivo que percorre as ruas, modificaram o sentido corriqueiro das palavras e do discurso conservador por meio da inversão das significações e da irreverência, indicando uma nova possibilidade de práxis política, uma brecha para repensar o poder. (CHAUI, 2013, online)

A presidente da república fez pronunciamento oficial sobre os protestos no dia 21 de junho, exaltando as mobilizações sociais pacíficas e prometendo medidas às reivindicações dos brasileiros, como a elaboração de um Plano Nacional de Mobilidade Urbana, a fim de melhorar a qualidade do transporte público no país, projetos de investimento em educação, além de chamar líderes dos movimentos ativistas participantes para dialogar. Em suas palavras “Precisamos de suas reflexões, experiências, energia, criatividade e capacidade de questionar erros do passado e do presente. Estamos acompanhando com muita atenção as manifestações. Elas mostram a força da democracia e o desejo da juventude de fazer o Brasil avançar”<sup>43</sup>. As manifestações do Brasil em 2013 tiveram, e vêm tendo, uma série de resultados e consequências. As conquistas políticas mais notórias foram:

- a) o preço da tarifa de ônibus se manteve ou reduziu em muitas capitais, com o apoio do Governo Federal;
- b) a PEC 37 foi arquivada;
- c) o projeto de lei que propõe a corrupção como crime hediondo foi aprovado;
- d) a proposição de um projeto pela Presidente da República em que 100% dos *royalties* do petróleo iriam para educação – projeto que havia sido reprovado na Câmara de Deputados, porém, ao ser modificado para 75% de educação e 25% saúde, foi aprovado.

Além dos resultados diretos, vimos uma politização dos brasileiros nas redes sociais, bem como o surgimento de novas plataformas para serem usadas em favor do ativismo – o que é uma clara característica do ciberativismo. Com as divergências nas reivindicações das milhões de pessoas, que se dispuseram em formato de rede, distribuída e horizontalmente, muitos espaços de discussão foram abertos nas redes sociais com o objetivo de promover o debate e construir conhecimento entre os próprios manifestantes. Foram criados grupos no Facebook, novos eventos nas ruas, tópicos em fóruns diversos, e tantas outras formas, online e offline, para proporcionar voz às pessoas e deixá-las expressarem seus descontentamentos com o país, além de buscar entendê-los melhor em grupo. Não só plataformas existentes como Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, Catarse foram utilizadas, mas também novas

---

<sup>43</sup> Discurso completo disponível <http://noticias.r7.com/brasil/apos-protestos-dilma-anuncia-plano-nacional-de-mobilidade-urbana-22062013> – Acesso em 24/11/2013

plataformas e aplicativos para celular foram surgindo, de maneira a cobrir, em muitos âmbitos, as necessidades das manifestações. Um exemplo de plataforma criada é o Causa Brasil ([www.causabrasil.com.br](http://www.causabrasil.com.br)), uma iniciativa das empresas W3Haus, Huia e Seekr, que rastreava *posts* relacionados às manifestações nas principais redes sociais e organizava em gráfico as reivindicações. No gráfico era possível visualizar as que estavam sendo mais comentadas naquela hora, quantas postagens relacionadas ao tema haviam sido feitas, plataformas, e ainda permitia o compartilhamento pelo usuário. Foi destaque também a criação do jogo para Facebook “V de Vinagre”, desenvolvido pela Flux Game Studio, devido à utilização do vinagre pelos manifestantes para interromper os efeitos das bombas de efeito moral e spray de pimenta lançados pela polícia militar durante os protestos. A criação de novas ferramentas é um exemplo de como o ciberativismo está alinhado à expansão da web, onde a iniciativa individual (por *hackers*) ou a iniciativa privada enxerga limitações nas ferramentas existentes e desenvolve novas, de forma a auxiliar o ativismo. O fenômeno ciberativismo prevê esse processo e as manifestações do Brasil em 2013 são exemplo, portanto, da ocorrência desse fenômeno.

### **4.3 Anonymous nas manifestações do Brasil em 2013**

O Anonymous foi personagem participante nas manifestações de junho de 2013 no Brasil. Em suas páginas brasileiras no Facebook, Twitter, canais no Youtube e site, suas postagens, durante aquele mês, estavam relacionadas a convocações, compartilhamento de links, vídeos, convite para discussões sobre os protestos. No Facebook, as páginas Anonymous Brasil, AnonymousBrasil, AnonymousBr, Plano Anonymous Brasil, entre outras, representam as diferentes frentes do coletivo no país, que ganharam milhares de seguidores ao longo do período de protestos devido ao intenso compartilhamento de conteúdo acerca do tema. De acordo com o portal de notícias R7, a principal página brasileira dos Anonymous deu um salto em número de seguidores, graças à ampla quantidade de postagens diárias “Eram 400 mil fãs na semana passada — hoje, são quase 850 mil”.

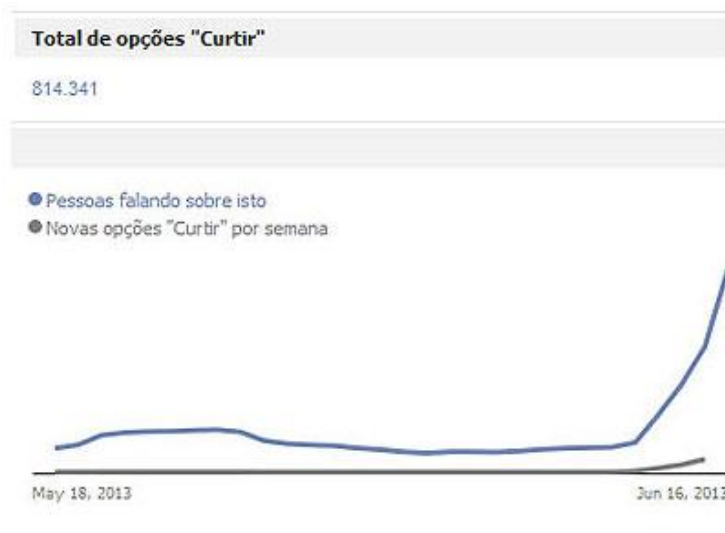


Figura 5: Gráfico retirado do Facebook referente ao crescimento da página Anonimous Br4sil divulgado pelo portal R7 no dia 20 de junho

Para o portal, o grupo foi referência durante os protestos e responsável pela disseminação de virais durante as manifestações, como as declarações polêmicas dos ex-jogadores Pelé e Ronaldo sobre a Copa do Mundo no Brasil. Além disso, produziram um vídeo que foi amplamente divulgado na rede propondo novas causas para a luta, chamado “As 5 causas”<sup>44</sup>.

Os hacktivistas do Anonimous assumiram uma espécie de liderança (ou, ao menos, servindo de referência) nas manifestações que ocorrem pelo Brasil afora. Eles já faziam parte dos protestos contra o preço das passagens, mas, depois que a meta de redução da tarifa foi atingida e deixou de ser a “força motriz” das passeatas, eles assumiram de vez a dianteira ideológica.<sup>45</sup>

Conforme divulgado na época em portais como o R7, Globo.com, Exame.com, G1, Terra e outros portais nacionais, investidas *hacker* cuja autoria foi assumida pelo Anonimous permearam todo o período das manifestações. Houve ciberataques relacionados à exposição de dados pessoais de autoridades governamentais, derrubada de websites e invasões e deformações de perfis em redes sociais e websites. As investidas foram frequentemente justificadas como forma de dar suporte às mobilizações nas ruas e online, de maneira a dar

<sup>44</sup> As 5 novas causas propostas pelo Anonimous eram: 1) Não à PEC 37, 2) Saída imediata de Renan Calheiros da presidência do Congresso Nacional, 3) Imediata investigação e punição de irregularidades nas obras da Copa, pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal, 4) Queremos uma lei que torne corrupção no Congresso crime hediondo, 5) Fim do foro privilegiado, pois ele é um ultraje ao Artigo 5º da nossa Constituição. O lançamento do vídeo causou polêmica durante as manifestações devido às diferenças ideológicas existentes entre os manifestantes, fato já mencionado neste trabalho.

<sup>45</sup> Disponível em <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/principal-pagina-do-anonymous-no-facebook-sair-do-ar-20130621.html> – Acesso em 24/11/2013

visibilidade às causas reivindicadas e projetar a insatisfação com aqueles que foram alvos – prejudicando sua imagem e visando uma mudança de atitude por parte deles.

O Anonymous divulgou na internet supostos dados pessoais, telefones e bens declarados de muitos dos principais líderes governamentais do Brasil, como a presidente, Dilma Rousseff, o ex-presidente Lula, Renan Calheiros, Aécio Neves, Marina Silva, Tarso Genro, entre outros<sup>46</sup>. No dia 17 de junho, *hackers* Anonymous invadiram o perfil da revista Veja no Twitter, acusando o veículo de fascista através da postagem: “Jornalismo fascista nós não precisamos de vocês.’ A #LUTA CONTINUA #Brasil #OGiganteAcordou #Brasil #rEvolução”<sup>47</sup>. No dia 18 de junho, o grupo assumiu a autoria da invasão ao site do PMDB, que objetivou celebrar a grande adesão de pessoas aos protestos. No mesmo dia, os sites da SPTrans e da Copa do Mundo também caíram, assim como as páginas da Secretaria da Educação Estadual de São Paulo, de Transportes, PM e PF. Até mesmo um suposto *affair* de um PM com uma mulher casada, conforme relata o portal R7, entrou na lista de vazamentos naquele dia.

No dia 22 de junho, o portal Exame.com noticiou a derrubada da página oficial do Governo Federal, O Portal Brasil ([www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br)) pelo Anonymous. Além disso, o coletivo já havia invadido outros sites do governo brasileiro, como o portal da Polícia Militar de Minas Gerais e das Câmaras de Aparecida, Severínia e Jacutinga. Conforme o portal da revista Exame “O grupo de *hackers* começou a derrubar sites públicos quando as manifestações ganharam força no país. O Anonymous faz, desde então, uma série de invasões e ataques de negação de serviço contra sites públicos e perfis de autoridades nas redes sociais”<sup>48</sup>.

A visibilidade do grupo, que foi ampliada no Brasil devido às atividades nos protestos, permitiu que as informações disseminadas por eles em suas redes sociais e páginas da web chegassem a um grande número de pessoas. Logo, vê-se que o Anonymos – a marca Anonymous – teve participação importante não somente por seus ciberataques às instituições, mas também pelo papel de veículo que assumiram ao auxiliar no compartilhamento de informações. Embora com as discrepâncias de ideologias entre os manifestantes, sendo eles Anonymous ou não, o grande fluxo informacional sobre as manifestações naquele período,

---

<sup>46</sup> Disponível em <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/ativo-no-facebook-anonymous-assume-lideranca-das-manifestacoes-pelo-brasil-20130620.html> – Acesso em 24/11/2013

<sup>47</sup> Disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/internet/perfil-da-veja-no-twitter-e-invadido-e-revista-e-chamada-de-fascista,4414d27e8e25f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> – Acesso em 24/11/2013

<sup>48</sup> Disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/politica/noticias/hackers-derrubam-site-oficial-do-governo-brasileiro> – Acesso em 24/11/2013

auxiliado pelas ferramentas do grupo, agendou os protestos e colaborou para uma consciência política coletiva entre os brasileiros. Por sua atuação notável durante os protestos, que incluíram atividades de *hacking*, militância nas ruas e ativismo nas redes, é que o Anonymous foi escolhido como objeto empírico para o estudo de hacktivismo neste trabalho monográfico.

## **5. Análise da repercussão da participação do Anonymous nas manifestações do Brasil em 2013**

No presente capítulo, pretendemos analisar, conforme o objetivo deste trabalho, a legitimidade do hacktivismo nas manifestações do Brasil em 2013 através da repercussão da participação do Anonymous. Inicialmente, traremos uma breve introdução sobre os procedimentos metodológicos utilizados até o momento nesta pesquisa e por quê. Posteriormente, apresentaremos os procedimentos metodológicos que virão a seguir, a saber, análise de conteúdo, por Bardin (1979). Através da análise de conteúdo, buscaremos entender como foi a repercussão das ações dos Anonymous durante as manifestações e como estas ações colaboraram para os protestos. Para entender estas questões, foram selecionados os portais de notícias G1 e Folha de S. Paulo, cujo recorte será exposto mais adiante.

### **5.1 Procedimentos metodológicos**

Para alcançar os objetivos deste trabalho monográfico, vimos a necessidade de utilização de dois procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo. Primeiramente, recorreu-se a pesquisa bibliográfica a fim de buscar esclarecer os principais conceitos envolvidos no tema deste trabalho – internet, ciberativismo, hacker e hacktivismo. Para compreender esses processos da rede, foram utilizados trabalhos científicos de autores das áreas de sociologia, filosofia, administração, direito e comunicação. A partir do entendimento das dinâmicas destes fenômenos sociais, tornou-se compreensível a interpretação comunicacional e sociológica da formação da entidade Anonymous e dos protestos no Brasil em junho de 2013, nossos objetos de estudo. Para traçar um histórico destes dois eventos, as fontes analisadas foram notícias, matérias e artigos de periódicos, assim como trabalhos acadêmicos.

Na segunda parte deste trabalho, buscaremos responder ao problema de pesquisa através da análise de conteúdo, que nos permitirá avaliar de que forma o hacktivismo colaborou para as manifestações de Brasil em 2013, tendo como objeto de pesquisa o Anonymous e como recorte as referências ao grupo feitas nos portais de notícias Folha de S. Paulo e G1, durante o período de 1º de maio a 09 de agosto de 2013. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 1979), portanto, a vemos como procedimento metodológico ideal de pesquisa para ser utilizado nos portais de notícias mencionados.

Embora as manifestações tenham ocorrido a nível nacional principalmente em junho, ao analisarmos o mês de maio podemos encontrar protestos prévios, em cidades que foram precursoras em atos contra o aumento da passagem do transporte público. Da mesma forma, ao incluirmos o mês de julho e início de agosto, será possível analisar eventos posteriores ao do aumento da passagem, como, por exemplo, a vinda do Papa Francisco ao Rio de Janeiro, que gerou uma série de manifestações que viam no evento uma oportunidade de ganhar visibilidade para as causas já mencionadas neste trabalho. Portanto, optamos por um período mais extenso, de forma a compreender eventos prévios às grandes manifestações de junho e os eventos que se seguiram após junho e que deram continuidade aos protestos, definindo nosso recorte de 1º de maio a 09 de agosto de 2013.

A escolha dos veículos na mídia online - portais Folha.com e G1 - deve-se ao fato do dinamismo proporcionado pelo meio, que permite acompanhar o intenso fluxo informacional das redes sociais. Os portais Folha e G1 são os principais veículos web localizados nas duas maiores cidades brasileiras, onde a concentração de pessoas nas ruas durante os protestos foram também maiores. O portal Folha.com é pertencente ao Grupo Folha, um dos maiores conglomerados midiáticos do Brasil, da mesma forma que o jornal Folha de S. Paulo, primeira empresa do grupo, fundado em 1921. O portal Folha.com foi escolhido para esta análise por razões de relevância nacional. Foi criado em 1995 e se afirma como o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa. De acordo com as informações da sua página, a audiência do portal Folha.com é de 17 milhões de visitantes únicos e 173 milhões de páginas vistas por mês e são postadas mais de 500 notícias por dia. O portal declara produzir conteúdo para internet seguindo os mesmos princípios editoriais priorizados pelo jornal, que seriam o pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independente.

O portal G1 é o portal de notícias oficial das Organizações Globo, maior grupo de empresas midiático da América Latina e que também possui a Rede Globo, rede de televisão de maior audiência no Brasil. Com sede no Rio de Janeiro, portal poderia proporcionar uma melhor cobertura dos acontecimentos na cidade, como a chegada do papa no mês de julho e as manifestações que ocorreram durante este período.

Para compreendermos como foram escolhidas as categorias de análise, é necessário, primeiramente, definir a análise de conteúdo como procedimento metodológico. De acordo com Bardin, a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos e descrição do conteúdo das mensagens”



(BARDIN, 1979, p.9). Podemos entendê-lo como procedimento de duas formas de análise, como afirma Bardin:

Na análise qualitativa, o que serve de informação é a *frequência* com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a *presença* ou a *ausência* de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração. (BARDIN, 1979, p. 21)

Ao trabalharmos com análise de conteúdo, estamos realizando a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e que recorre a indicadores (qualitativos ou não). Para Bardin (1979), a inferência entra como procedimento intermediário da análise, iniciado com a descrição (enumeração das características do texto) e finalizada com a interpretação (a significação das características). A inferência “vem a permitir a passagem, explícita e controlada, de uma a outra.” (1979, p. 39).

A análise de conteúdo pode conter duas funções, sendo a função heurística, um enriquecimento da tentativa exploratória, com aumento da propensão à descoberta, e a função de administração de provas, que seriam hipóteses em formato de questões ou afirmações provisórias, servindo de diretrizes e apelando para a análise sistemática, a fim de serem verificadas no sentido de uma confirmação. As duas funções podem coexistir de forma complementar. Dessa forma, para solucionar o problema de pesquisa deste trabalho e alcançar o objetivo aqui proposto, optamos por dar prosseguimento à análise de conteúdo da seguinte forma: localizaremos nos dois portais mencionados todas as notícias e matérias publicadas, no dado período, referentes à participação do Anonymous nas manifestações do Brasil em 2013. Para esta pesquisa, utilizaremos as palavras-chave “Anonymous” e filtraremos o resultado para publicações que sejam somente relacionadas com as manifestações no Brasil. A partir do resultado, selecionaremos apenas as que o grupo é retratado como assunto principal e/ou cujos eventos descritos como assunto principal sejam consequência de atividades principalmente do Anonymous. Essa análise responderá ao nosso problema de pesquisa - como o Anonymous colaborou para as manifestações - pois verificaremos quais foram os atos realizados pelo coletivo descritos na publicação e os classificaremos, de forma a categorizar as ações ao coletivo que mais repercutiram durante as manifestações. A classificação feita neste terceiro momento da análise foi baseada nas classificações apresentadas pelos autores Vegh (2003) e Samuel (2004), já referidos nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

## 5.2 Categorias de análise

Todas as publicações com menção ao Anonymous serão listadas e classificadas de modo a ressaltar a forma de como o coletivo é abordado. Foram escolhidas categorias de análise que classifiquem as ações repercutidas do coletivo em grau e qualidade. O grau de relação do Anonymous com a publicação pode ser:

- a) Assunto Principal: onde o Anonymous é o objeto da publicação, onde se busca explicar o coletivo em si, sua estrutura, existência, dados científicos acerca de suas ações em geral.
- b) Eventos consequentes de ações do Anonymous: ações ou eventos consequentes de ações executadas ou oriundas do coletivo são o principal assunto da publicação
- c) Somente citação: publicações em que a palavra Anonymous é somente citada, porém o conteúdo não traz o Anonymous como ator ou assunto principal. Estas publicações serão apenas listadas, porém a análise não será realizada.

A categoria de “Eventos consequentes de ações do Anonymous” terá subcategorias; elas foram pensadas de acordo com as propostas de classificação de ciberativismo e hacktivismo já apuradas neste trabalho nos capítulos 2 e 3 e refinadas para se adequarem ao contexto das manifestações do Brasil. Através delas, poderemos qualificar a forma de ação do coletivo que mais repercutiu.

- 1) Ciberataques: quando o Anonymous foi autor de investida *hacker*.
- 2) Mobilização/Disseminação: quando o Anonymous foi principal responsável pela convocação ou difusão de ato ou informação.
- 3) Presença em protestos: quando o Anonymous se destacou por presença em protestos nas ruas.
- 4) Consequência indireta em função da participação do Anonymous: evento em que marca Anonymous interferiu principalmente para o acontecimento, que, porém, não tenha sido ação direta do coletivo.

## 5.3 Análise do portal Folha.com

No portal Folha.com foram encontrados um total de 33 publicações utilizando a palavra-chave “Anonymous” no período de 01 de maio a 09 de agosto referindo-se ao coletivo aqui estudado. Dessas 33 publicações, 25 estavam relacionadas às manifestações no Brasil em 2013.

<b>Data</b>	<b>Nome da Publicação</b>	<b>Abordagem</b>
08/06/2013	Grupo fecha marginal Pinheiros em protesto contra aumento de passagens em SP	Somente citação
08/06/2013	Grupo promete novo protesto contra aumento de passagens em SP	Somente citação
11/06/2013	Juventude do PT engrossa protesto contra tarifas em São Paulo	Somente citação
12/06/2013	O Rebu	Somente citação
13/06/2013	Perfil dos detidos em protesto em SP vai de Poá a Alphaville	Somente citação
16/06/2013	Manifestações contra o aumento da tarifa unem punks a ativistas do 'paz e amor'	Somente citação
17/06/2013	Grupo hacker invade conta dedicada à Dilma em rede social	Eventos consequentes de ações do Anonymous
17/06/2013	Contas da "Veja" no Twitter são hackeadas	Eventos consequentes de ações do Anonymous
20/06/2013	Veja as reivindicações levadas às ruas durante manifestações	Somente citação
22/06/2013	Criador de evento que sugere 'greve geral' defende armamento e se diz de esquerda	Somente citação
23/06/2013	Atitudes e estilos vistos nas ruas revelam sentido do movimento	Somente Citação
23/06/2013	Acordes dissonantes na avenida principal	Somente Citação
25/06/2013	Florianópolis terá protestos em frente à prefeitura e na casa do governador	Eventos consequentes de ações do Anonymous
25/06/2013	Com apoio do Passe Livre, periferia de SP tem protestos hoje	Somente Citação
30/06/2013	Manifestantes voltam a ocupar entorno do estádio do Maracanã	Somente Citação
02/07/2013	Protestos alavancam vendas de máscaras na 25 de Março, em SP	Eventos consequentes de ações do Anonymous
03/07/2013	Manifestantes marcam para amanhã novo protesto em frente à casa de Cabral	Eventos consequentes de ações do Anonymous
14/07/2013	'Anonymous' lidera ativismo digital nos protestos, diz estudo	Assunto principal
14/07/2013	'Anonymous' funciona como resistência política ao controle do indivíduo, diz pesquisa	Assunto principal
15/07/2013	HUMOR: No covil do Exército de Libertação da Cura Gay	Somente Citação
21/07/2013	Manifestantes prometem ato em frente ao Palácio Guanabara	Eventos consequentes de ações do Anonymous

22/07/2013	Conta do "G1" no Twitter é hackeada	Eventos consequentes de ações do Anonymous
23/07/2013	PMs feridos em conflito no Palácio Guanabara não correm risco de morte	Somente Citação
23/07/2013	Ueba! O papa e o bicho-papão!	Somente Citação
25/07/2023	Manifestantes de SP saem em apoio a protestos no Rio	Somente Citação

[Tabela 01: Classificação das publicações do portal Folha.com]

A seguir, traremos a análise individual de cada uma das publicações da Folha.com que foram classificadas como “Assunto Principal” ou “Evento consequente de ações do Anonymous”, relatando seu conteúdo. Ao final da análise deste portal, verificaremos em quais subcategorias as publicações são classificadas. Cada subitem a seguir é a análise de uma publicação.

### 5.3.1 Grupo hacker invade conta dedicada à Dilma em rede social<sup>49</sup>

Data: 17/06/2013

**poder**

AA Maior | Menor | Enviar por e-mail | Comunicar erros | Link: <http://folha.com/no129>

17/06/2013 - 22h43

## Grupo hacker invade conta dedicada à Dilma em rede social

DE SÃO PAULO

Recomendar 4,7 mil | +1 40 | Ouvir o texto

Uma conta dedicada à presidente Dilma Rousseff na rede social Instagram foi hackeada na noite desta segunda-feira (17).

Na página do microblog havia uma mensagem atribuída à representação brasileira grupo hacker Anonymous, conhecida por assinar ataques internacionais a páginas virtuais de bancos e de órgãos governamentais.

O ataque foi relacionado aos [protestos que ocorreram hoje em 11 capitais brasileiras](#), incluindo São Paulo, Rio, Brasília e Belo Horizonte.

O grupo postou uma imagem do personagem V, do romance gráfico "V de Vingança" -- símbolo do Anonymous e tradicional em manifestações recentes pelo mundo-- estilizada com a bandeira brasileira.

Com a imagem foi publicada uma mensagem para Dilma. "SENHORA PRESIDENTA DA REPÚBLICA OU A SENHORA FAZ ALGUMA OU O BRASIL VAI PARAR. NÓS NÃO VAMOS TOLERAR MAIS. O GIGANTE ACORDOU. #AnonymousBrasil #VemPraRua #OGiganteAcordou #Brasil", escreveu o grupo.

A conta foi retirada do ar por volta das 22h30.

Reprodução/Instagram/Dilmaoficial

Figura 6: Imagem da publicação do item 5.3.1

<sup>49</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296822-grupo-hacker-invade-conta-de-dilma-em-rede-social.shtml> – Acesso em 24/11/2013

A publicação noticia que o perfil “dilmaoficial”, conta oficial dedicada à Presidente da República da rede social Instagram, havia sido hackeada. O ciberataque, conforme descrito na notícia, consistiu na invasão à conta da presidente e na deformação do seu perfil do Instagram pelos *hackers* Anonymous, que assinaram a invasão na própria página da rede social. A notícia ainda contextualiza brevemente o grupo, afirmando já serem conhecidos internacionalmente por seus ciberataques a instituições governamentais. De acordo com a publicação, o ataque ocorreu no dia 17 de junho e foi relacionado aos protestos que ocorreram hoje em 11 capitais brasileiras, incluindo São Paulo, Rio, Brasília e Belo Horizonte.

A publicação descreve que o grupo postou a imagem da máscara de Guy Fawkes, símbolo do Anonymous, estilizada com a bandeira do Brasil. Traz, também, na íntegra, a descrição da imagem que foi postada pelo grupo, cujo conteúdo incluía exigências de que a presidente tomasse atitudes quanto às manifestações que estavam ocorrendo e hashtags relacionadas aos protestos, como “#VemPraRua” e “#OGiganteAcordou”, além da assinatura do ataque, com “#AnonymousBrasil”. Ao lado da notícia, uma foto do perfil da rede Instagram invadido e com as modificações feitas pelo grupo.

Ao final, uma breve descrição de um ciberataque anterior, também relacionado ao grupo Anonymous, executado contra o perfil da “Veja”, na rede social Twitter.

### **5.3.2 Contas da “Veja” no Twitter são hackeadas<sup>50</sup>**

Data: 17/06/2013

---

<sup>50</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296409-conta-da-veja-no-twitter-e-hackeada.shtml> – Acesso em 24/11/2013

17/06/2013 - 13h47

## Contas da "Veja" no Twitter são hackeadas

DE SÃO PAULO

[Recomendar](#) 403
 [g+](#) 5
 [Ouvir o texto](#)

Atualizado às 15h26.

A [conta da revista "Veja"](#) e o de seu redator-chefe, Lauro Jardim ([@radaronline](#)), no Twitter foram hackeadas no começo da tarde desta segunda-feira (17).

Segundo a publicação, que divulgou nota por meio de seu site, a invasão aconteceu às 12h20, e a solicitação de bloqueio das contas já foi feita à empresa que controla a rede social.

Na página do microblog há uma mensagem atribuída ao grupo [AnonManifest](#), que seria uma espécie de representação brasileira da organização Anonymous, conhecida por assinar ataques internacionais a páginas virtuais de bancos e de órgãos governamentais, na qual diz ser o responsável pela invasão.

Entre as mensagens postadas há uma crítica a linha editorial da "Veja", denominada de fascista, e uma pedido para que as pessoas desliguem as televisões e saiam para as ruas.

"Jornalismo fascista nós não precisamos de vocês." A #LUTA CONTINUA #Brasil #OGiganteAcordou #Brasil #rEvolução. Aos mais velhos: Desliguem suas TVs, deixem o telejornal fascista de lado e venham para as ruas hoje, Vamos #LUTAR JUNTOS! @AnonManifest - Nem a polícia e nem Mídia irão nos calar! #BRASIL "

Figura 7: Imagem da publicação do item 5.3.2

A notícia relata que contas da Veja, @VEJA e @radaronline, são invadidas pelo @AnonManifest, representação brasileira do coletivo Anonymous, brevemente contextualizado por sua atuação internacional. De acordo com a publicação, a empresa já havia solicitado, imediatamente após o ciberataque, o bloqueio das contas invadidas.

Na publicação é possível ver algumas postagens feitas pelo grupo no perfil invadido @VEJA. Além de uma foto do perfil invadido, onde a descrição foi alterada, a Folha.com traz um tuíte, onde, de acordo com o portal, o coletivo crítica a linha editorial da "Veja", denominada pelo grupo de fascista, e convoca as pessoas para desligarem suas televisões e irem às ruas.

Outros tuítes são transcritos na notícia, como a divulgação de email, usuário e senha da conta da "Veja" no Instagram – o que caracteriza roubo e divulgação de informação – e o aviso de que mais ciberataques ocorreriam naquele mesmo dia (17) acompanhados de uma captura de tela do perfil @AnonManifest.

Ao final da publicação, um relato de outras páginas governamentais que também haviam sido invadidas recentemente por grupos *hacker* – página da Assembleia Legislativa da Bahia, do Procon de Rio Verde (GO) e da Secretaria de Transportes de São Paulo – acompanhado da transcrição do que havia sido postado pelos invasores na página do legislativo baiano e uma captura de tela da página invadida.

### 5.3.3 Florianópolis terá protestos em frente à prefeitura e na casa do governador<sup>51</sup>

Data: 25/06/2013

**cotidiano**

**PAÍS EM PROTESTO**

Maiores | Menores | Enviar por e-mail | Comunicar erros | Link <http://folha.com/no130>

25/06/2013 - 16h47

#### **Florianópolis terá protestos em frente à prefeitura e na casa do governador**

JEFERSON BERTOLINI  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM FLORIANÓPOLIS

Recomendar 3 +1 0 Duvir o texto



Um dia após encontro com a presidente Dilma Rousseff em Brasília, o prefeito de Florianópolis, César Souza Júnior, e o governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo, ambos do PSD, serão cobrados por manifestantes em dois protestos marcados para esta terça-feira (25).

O primeiro deles será ao lado da prefeitura, a partir das 16h. Organizado pelo MPL (Movimento Passe Livre) e pela FLT (Frente de Luta pelo Transporte), o ato vai pedir um desconto de R\$ 0,20 nas passagens de ônibus, que custam R\$ 2,90 em dinheiro e R\$ 2,70 no bilhete eletrônico.

Os manifestantes também querem "o estabelecimento de uma agenda de curto e médio prazo visando o barateamento sistemático das tarifas, rumo à tarifa zero no transporte público".

O outro protesto é organizado pelo grupo Anonymous Brasil e deve ocorrer na frente da casa do governador, na Avenida Beira-Mar Norte, à noite.

Na internet, o grupo informou que quer "justiça e direitos" e não quer "corrupção, PEC 37 e Copa".

Figura 8: Imagem da publicação do item 5.3.3

Na publicação o portal relata dois protestos que estavam previstos para ocorrerem naquele mesmo dia, sendo um organizado pelo MPL e Frente de Luta pelo Transporte (FLT) ao lado da prefeitura de Florianópolis e outro pelo Anonymous Brasil em frente à casa do governador do estado de Santa Catarina. A notícia traz as motivações dos protestos, sendo o do MPL e da FLT motivados pela causa da redução do valor do transporte público na cidade e o do Anonymous, pela "justiça e direitos" e contra "corrupção, PEC 37 e Copa", conforme descrito pelo portal.

Ainda na publicação, é relatado que tanto o prefeito (César Souza Júnior, PSD) quanto o governador (Raimundo Colombo, PSD) se posicionariam a favor das manifestações e que o comando da polícia militar teria afirmado garantir o direito de protesto, porém que coibiriam tentativas de vandalismo, se houvesse.

<sup>51</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1301109-florianopolis-tera-protestos-em-frente-a-prefeitura-e-na-casa-do-governador.shtml> – Acesso em 24/11/2013

### 5.3.4 Protestos alavancam venda de máscaras na 25 de Março, em SP<sup>52</sup>

Data: 02/07/2013

**cotidiano**

**PAÍS EM PROTESTO**

02/07/2013 - 03h30

## Protestos alavancam vendas de máscaras na 25 de Março, em SP

SABINE RIGHETTI  
DE SÃO PAULO

Recomendar 12 +1 0 Ouvir o texto

**PAÍS EM PROTESTO**

Assim como no Natal e no Dia dos Namorados, a onda de manifestações em São Paulo também impulsionou as vendas na rua 25 de Março. O sucesso agora são as máscaras utilizadas pelo grupo de hackers Anonymous.

A máscara, igual à usada pelo protagonista do gibi e do filme "V de Vingança", custa em média R\$ 12. Antes dos protestos, saía por R\$ 7.

O produto vem da China. A máscara original é licenciada para a Warner Bros.

"Já vendemos cerca de 8.000 máscaras desde o início dos protestos", conta Camila Coutinho, gerente da loja Brilhos e Fantasias, na ladeira Porto Geral, no centro.

O movimento agora "caiu um pouco". Há peças estocadas. Às vezes, um dos vendedores, José Donizete de Souza, veste-se "de manifestante" para atrair a clientela.

Figura 9: Imagem da publicação do item 5.3.4

A publicação fala do aumento nas vendas, na rua 25 de Março, durante o período dos protestos, da máscara de Guy Fawkes, máscara popularizada pelo filme “V de Vingança” e que se tornou símbolo do coletivo Anonymous. Na notícia, comenta-se o preço das máscaras, que subiu durante o período das manifestações em junho, pois havia muita procura. Desde o início dos protestos, mais de 8 mil máscaras haviam sido vendidas. No momento da publicação, vendedores já relatavam uma baixa nas vendas e já ofereciam descontos na compra, pois os protestos já eram menos frequentes. O produto era oriundo da China e não-original, já que a máscara original é produto licenciado para Warner Bros.

### 5.3.5 Manifestantes marcam para amanhã novo protesto em frente à casa de Cabral<sup>53</sup>

Data: 03/07/2013

<sup>52</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1304737-protestos-alavancam-vendas-de-mascaras-na-25-de-marco.shtml> – Acesso em 24/11/2013

<sup>53</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1305416-manifestantes-prometem-voltar-a-acampar-em-frente-ao-predio-de-cabral.shtml> – Acesso em 24/11/2013



03/07/2013 - 09h41

## Manifestantes marcam para amanhã novo protesto em frente à casa de Cabral

DO RIO

Recomendar 2 8+1 0 Ouvir o texto

Atualizado às 13h38.

A saída dos manifestantes acampados na avenida Delfim Moreira, na zona sul do Rio, perto da casa do governador Sérgio Cabral, já motivou um novo protesto, no mesmo endereço, marcado para amanhã, às 18h.

Desta vez, a convocação está sendo divulgada na página do Facebook do Anonymous Rio de Janeiro, uma comunidade virtual com mais de 140 mil seguidores.

Mais de 6 mil pessoas já confirmaram presença no ato divulgado como "Dez mil na rua do Cabral".

"Não temos qualquer participação neste protesto", disse Bruno Cintra, 22, um dos acampados que ocuparam por onze dias a esquina próxima à residência de Cabral. O grupo foi expulso do local pela polícia na madrugada de ontem.

Na página do Anonymous Rio, a nova manifestação é descrita como um "ato pelo impeachment do governador e em repúdio à brutalidade policial".

Figura 10: Imagem da publicação do item 5.3.5

A notícia relata uma convocação pelo grupo Anonymous Rio, no Facebook, para protesto na rua Delfim Moreira, onde reside o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Tanto a divulgação do ato, "Dez mil na rua do Cabral", quanto o evento no Facebook, "ato pelo impeachment do governador e em repúdio à brutalidade policial", foram feitas pelo grupo Anonymous Rio, conforme descrito. A página do Anonymous Rio possuía, de acordo com a notícia, 140 mil seguidores e no evento haviam 6 mil confirmações de presença.

Entre os manifestantes que já estavam acampados próximos rua Delfim Moreira, uma jovem relatou que eles não teriam qualquer ligação com o protesto organizado pelo Anonymous Rio.

### 5.3.6 'Anonymous' lidera ativismo digital nos protestos, diz estudo<sup>54</sup>

Data: 14/07/2013

<sup>54</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1310892-anonymous-lidera-ativismo-digital-nos-protestos-diz-estudo.shtml> – Acesso em 24/11/2013

14/07/2013 - 02h30

## 'Anonymous' lidera ativismo digital nos protestos, diz estudo

RUBENS VALENTE  
JOÃO CALOS MAGALHÃES  
DE BRASÍLIA

Recomendar <2,1 mil 8+1 9 Ouvir o texto

Nem movimento pela tarifa zero nem partidos, sindicatos ou políticos. Os responsáveis pelos maiores focos de atividade no Facebook nos dias-chave dos protestos de rua em junho foram os integrantes da rede de ativismo hacker "Anonymous".

A conclusão é de um estudo feito pela empresa InterAgentes, do cientista social Sérgio Amadeu, doutor em ciência política pela USP e ex-presidente do ITI (Instituto Nacional de Tecnologia de Informação), autarquia vinculada à Casa Civil da Presidência.

[Movimento funciona como resistência política ao controle do indivíduo, diz pesquisa](#)

Esses internautas, que se identificam apenas por apelidos e usam máscaras inspiradas no filme "V de Vingança" (2006), dominaram os "nós de relevância" no tráfego do Facebook nos dias 13, 17, 18 e 20 de junho, quando centenas de milhares de pessoas foram às ruas.

"Os 'Anonymous' tiveram relevância na disseminação das informações e na articulação da solidariedade ao que era o movimento inicial pela redução das tarifas e contra a Copa. Eles foram decisivos", disse Amadeu.

A pesquisa começou com a cópia de mais de 500 mil comentários e mensagens abertas ao público postadas na rede social e que continham cerca de 50 expressões-chave, como "protesto" e gritos de guerra dos manifestantes.

Figura 11: Imagem da publicação do item 5.3.6

Um estudo feito pela empresa InterAgentes, do cientista social Sérgio Amadeu, ex-presidente do ITI (Instituto Nacional de Tecnologia de Informação), autarquia vinculada à Casa Civil da Presidência, concluiu que os responsáveis pelos maiores focos de atividade no Facebook nos dias-chave dos protestos de rua em junho foram os integrantes do Anonymous. Na publicação do portal, nem os movimentos pela tarifa zero, nem partidos, sindicatos ou políticos foram tão relevantes na disseminação das informações acerca dos protestos, pois as páginas do coletivo dominaram os "nós de relevância" no tráfego do Facebook nos dias 13, 17, 18 e 20 de junho, quando centenas de milhares de pessoas foram às ruas.

A matéria explicou o processo de análise da pesquisa, que envolvia a análise de cópia de mais de 500 mil comentários e mensagens abertas ao público que fora postadas no Facebook e que continham cerca de 50 expressões-chave, como "protesto" e gritos de guerra dos manifestantes. Posteriormente, um software analisou a massa de dados e apontou os perfis que receberam maior atenção em comentários, compartilhamentos de informações sobre os protestos e convocações para as manifestações de rua. De acordo com o portal, o estudo estabeleceu um ranking com os cinco maiores "nós" de cada dia. Dos 20 listados, 12 traziam a bandeira "Anonymous".

Em uma segunda parte da matéria, o Folha.com contextualiza brevemente o grupo, destacando eventos internacionais em que o grupo foi relevante e ganhou atenção mundial. O

portal também chama a atenção para a forma de organização do coletivo, ou dos coletivos, conforme descrito na matéria, em que, dispostos e rede, coordenam ações de interesse em comum, como a liberdade de expressão.

No terceiro momento da publicação, há a afirmação do portal de uma possível investigação da Polícia Federal com o Anonymous, onde a PF estaria visitando a residência de membros participantes das redes sociais do Anonymous e os interrogando. De acordo com o Folha.com, a Polícia Federal não confirmou nenhuma das informações.

### 5.3.7 'Anonymous' funciona como resistência política ao controle do indivíduo, diz pesquisa<sup>55</sup>

Data: 14/07/2013



Figura 12: Imagem da publicação do item 5.3.7

A matéria fala de um estudo científico realizado pelo mestre em ciências sociais Murilo Bansi Machado, da UFABC (Universidade Federal do ABC), sobre o Anonymous Brasil e sua atuação anterior aos protestos de 2013. A publicação descreve alguns dos atos, estudados na pesquisa de Machado, do grupo no Brasil nos anos de 2011 e 2012, que já envolviam protestos contra corrupção; além disso, forneceu uma contextualização da estrutura do coletivo, que, de acordo com Machado, não pode ser entendida utilizando-se “conceitos da

<sup>55</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1310894-movimento-funciona-como-resistencia-politica-ao-controle-do-individuo-diz-pesquisa.shtml> – Acesso em 24/11/2013

política tradicional ou do senso comum”. Sobre os protestos de 2013, o portal relata que se assume, no estudo, que o Anonymous no Brasil atua como "resistência política" a uma "sociedade de controle" do indivíduo.

### 5.3.8 Manifestantes prometem ato em frente ao Palácio Guanabara<sup>56</sup>

Data: 21/07/2013

**poder**

O PAPA NO BRASIL

DISCURSOS DO PAPA VIA SACRA SÍMBOLOS

AA Maior | Menor Enviar por e-mail Comunicar erros Link <http://folha.com/no131>

21/07/2013 - 05h21

### Manifestantes prometem ato em frente ao Palácio Guanabara

ISADORA SPADONI  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Recomendar 47 +1 1 Ouvir o texto

**O PAPA NO BRASIL**

O grupo Anonymous Rio convocou para segunda-feira (22) uma manifestação em frente ao Palácio Guanabara, onde o papa Francisco será recebido pela presidente Dilma Rousseff, o governador Sérgio Cabral e outras autoridades.

O ato, marcado para as 18h --horário previsto para a chegada do pontífice--, foi divulgado na página do Anonymous Rio no Facebook. Mais de 7.000 pessoas já confirmaram presença.

Os ativistas reclamam do custo de R\$ 180 milhões aos cofres públicos com a vinda do papa e da violência policial nos protestos. Eles também são a favor do estado laico e contra a permanência de Sérgio Cabral, do vice-governador Luiz Fernando Pezão e do presidente da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), Paulo Melo, no poder.

Figura 13: Imagem da publicação do item 5.3.8

A notícia fala da convocação pelo Anonymous Rio para, no dia seguinte (22), um ato de manifestação em frente ao Palácio Guanabara, onde o papa Francisco seria recebido pela presidente e pelo governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. De acordo com a publicação, a convocação teve 7 mil confirmados no evento do Facebook criado e divulgado pelo Anonymous Rio. As reivindicações do protesto também foram mencionadas na notícia, entre elas a reclamação do custo de R\$ 180 milhões aos cofres públicos com a vinda do papa, da violência policial nos protestos, em favor do estado laico e contra a permanência de Sérgio Cabral, do vice-governador Luiz Fernando Pezão e do presidente da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), Paulo Melo, no poder.

Ao final da publicação, uma breve descrição do contingente que faria a segurança do papa durante a recepção no Rio de Janeiro. A notícia é acompanhada por uma imagem que

<sup>56</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1314390-manifestantes-prometem-ato-em-frente-ao-palacio-guanabara.shtml> – Acesso em 24/11/2013

retratava o percurso do papa Francisco durante sua estadia na cidade, com a agenda de missas e eventos, bem como a descrição da estrutura dos locais onde o papa faria suas aparições.

### 5.3.9 Conta do G1 no Twitter é hackeada<sup>57</sup>

Data: 22/07/2013



Figura 14: Imagem da publicação do item 5.3.9

No dia 22 de julho a conta do portal de notícias "G1" no Twitter (@G1) foi hackeada pelo grupo Anonymous Brasil, conforme relata o Folha.com. A notícia é acompanhada de uma foto do perfil do @g1 após a invasão, onde havia postagens feita pelo grupo. De acordo com o portal, as mensagens postadas faziam críticas à linha editorial do G1 e de outros grupos de mídia, principalmente em relação à cobertura dos protestos no Brasil. O portal transcreveu um dos tuítes e afirmou que às 15h15 o G1 já teria retomado a conta e apagado o que fora escrito pelos invasores.

Tendo sido feita a análise das 9 publicações do portal Folha.com, podemos constatar que:

- a) Três estão relacionadas a ciberataques do grupo a contas em redes sociais e websites. Os ciberataques – que envolvem invasões e deformações – foram todos executados contra contas de veículos midiáticos tradicionais e órgãos ou representações governamentais.

<sup>57</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/07/1314847-conta-do-g1-no-twitter-e-hackeada.shtml> – Acesso em 24/11/2013

- b) Três relacionadas a mobilizações online, que envolvem eventos específicos (nas cidades do Rio e Florianópolis) onde o Anonymous tomou a frente nas convocações pela rede social Facebook.
- c) Uma publicação sobre uma consequência indireta da participação do coletivo, que graças a seu amplo envolvimento com as manifestações, popularizou-se e contribuiu para o aumento das vendas das máscaras de Guy Fawkes.
- d) Nenhuma publicação noticiou a participação do Anonymous nas ruas retratando esse fato como assunto principal da publicação.

Percebe-se, portanto, que os ciberataques, característica comum do hacktivism, e a mobilização online foram as atitudes do coletivo que mais repercutiram no portal.

#### 5.4 Análise do portal G1

No portal G1 encontramos um total de 49 publicações utilizando a palavra-chave “Anonymous” no período de 01 de maio a 09 de agosto referindo-se ao coletivo aqui estudado. Dessas 49 publicações, 30 estavam relacionadas às manifestações no Brasil em 2013.

<b>Data</b>	<b>Nome da Notícia</b>	<b>Abordagem</b>
11/06/2013	MP quer responsabilizar movimento por quebra-quebra em São Paulo	Somente citação
15/06/2013	Hackers invadem site da Gaviões da Fiel para apoiar manifestações	Eventos consequentes de ações do Anonymous
17/06/2013	Veja fotos da manifestação em Campos dos Goytacazes, RJ	Somente citação
17/06/2013	Manifestação pacífica em Campos, Norte do RJ, tem até Hino Nacional	Somente citação
18/06/2013	Site do PMDB é invadido	Eventos consequentes de ações do Anonymous
18/06/2013	Site da Adepol no Maranhão é invadido	Eventos consequentes de ações do Anonymous
19/06/2013	Veja mais fotos da manifestação no AP	Somente citação
19/06/2013	Centenas protestam em Fortaleza antes de Brasil e México	Somente citação
19/06/2013	Milhares protestam em Fortaleza antes de Brasil e México	Somente citação
21/06/2013	Redes sociais difundem e dividem protestos no Brasil	Eventos consequentes de ações do Anonymous

26/06/2013	Veja imagens do protesto desta quarta-feira, no Recife	Somente citação
26/06/2013	Impasse entre manifestantes e governo marca protesto no Recife	Somente citação
27/06/2013	Vendas de filme e HQ 'V de vingança' crescem na web após protestos	Eventos consequentes de ações do Anonymous
30/06/2013	Membros do 'Anonymous' falam sobre seus objetivos	Assunto principal
01/07/2013	Acabar com corrupção é foco do Anonymous, contam integrantes	Assunto principal
01/07/2013	Ativistas virtuais saem as ruas para protestar e difundir ideias	Assunto principal
11/07/2013	Brasileiros 'descobrem' mobilização em redes sociais durante protestos	Somente citação
17/07/2013	Anonymous Rio convoca protesto na recepção ao papa no Palácio Guanabara	Eventos consequentes de ações do Anonymous
17/07/2013	Exército monitorará redes sociais durante visita do Papa e Copa de 2014	Somente citação
17/07/2013	Jovens brasileiros esperam apoio do Papa e não descartam protestar na JMJ	Somente citação
21/07/2013	Anonymous Rio convoca outra manifestação durante visita do papa	Eventos consequentes de ações do Anonymous
21/07/2013	Antes de viajar para o Rio, Papa anuncia a 'semana da juventude'	Somente citação
22/07/2013	Twitter do G1 é invadido	Eventos consequentes de ações do Anonymous
22/07/2013	Manifestantes vão aproveitar visita do papa no Rio de Janeiro para protestar	Eventos consequentes de ações do Anonymous
22/07/2013	Papa Francisco 'não será intimidado' por manifestações no Rio, diz Paes	Somente citação
22/07/2013	Papa viaja a um Brasil com menos católicos e mais descontentamento social	Somente citação
31/07/2013	Manifestantes invadem Câmara Municipal do Rio	Somente citação
01/08/2013	Manifestantes invadem Câmara Municipal do Rio	Somente citação
04/08/2013	Manifestante é preso por suspeita de pichar Palácio dos Bandeirantes	Somente citação
04/08/2013	Após ser liberado, manifestante nega ter pichado Palácio dos Bandeirantes	Somente citação

[Tabela 02: Classificação das publicações do portal G1]

A seguir, da mesma forma que foi feito com o portal Folha.com, será trazida a análise individual de cada uma das publicações do G1 que foram classificadas como “Assunto Principal” ou “Evento consequente de ações do Anonymous”, assim como o relato de seu conteúdo. Ao final, verificaremos em quais subcategorias as publicações são classificadas. Cada subitem a seguir é a análise de uma publicação.

## 5.4.1 Hackers invadem site da Gaviões da Fiel para apoiar manifestações<sup>58</sup>

Data: 15/06/2013

15/06/2013 20h04 - Atualizado em 15/06/2013 20h49

### Hackers invadem site da Gaviões da Fiel para apoiar manifestações

Grupo Anonymous escreveu mensagem de apoio aos protestos. Vídeo das manifestações também foi publicado na página.

Do G1, em São Paulo

 Tweepstar 382  Recomendar 2,7 mil  
124 comentários

Hackers invadiram o site da Gaviões da Fiel por volta das 19h deste sábado (15) para colocar uma mensagem de apoio às manifestações contra o aumento da passagem. Assinada pelo grupo "Anonymous Brasil", a mensagem diz que a "luta da população contra o aumento das passagens de um transporte que se diz público está cada vez maior e mais forte".

Junto da mensagem, o grupo publicou um vídeo do YouTube com imagens das manifestações e com o título "Vem pra rua". Como trilha sonora, o grupo usou a música "Vem Pra Rua", do Rappa. O "Anonymous Brasil" e o grupo "AntiSecBrTeam" reivindicam a autoria do ataque em suas contas no Twitter.

"Mas a única resposta do governo é uma repressão policial mais truculenta e arbitrária a cada ato. As últimas manifestações completamente pacífica foram recebida a bombas e balas de borracha. Ficou claro que a violência parte sempre da polícia", continuou a mensagem. "Eles querem nos calar, nos separar, nos enfraquecer. Mas nós não deixaremos! Ninguém vai nos deter em nosso direito de nos manifestar até a tarifa baixar", concluiu.

Figura 15: Imagem da publicação do item 5.4.1

A notícia fala da invasão e da deformação da página oficial da torcida Gaviões da Fiel pelo Anonymous e pela vertente AntiSecBrTeam no dia 15 de junho. De acordo com o G1, os invasores colocaram uma mensagem de apoio às manifestações contra o aumento da passagem, que foi transcrita pelo portal na notícia. Além da reivindicação pela redução do preço da passagem, o G1 transcreveu o texto onde os invasores criticavam a violência policial e que esta era a única resposta que haviam obtido até o momento do governo. O publicação descreveu que junto com os textos, havia sido postada um vídeo do Youtube com imagens das manifestações.

A publicação conta com uma foto da página da Gaviões da Fiel modificada com a invasão.

## 5.4.2 Site do PMDB é invadido<sup>59</sup>

Data: 18/06/2013

<sup>58</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/hackers-invadem-site-da-gavioes-da-fiel-para-apoiar-manifestacoes.html> – Acesso em 24/11/2013

<sup>59</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/site-do-pmdb-e-invadido.html> – Acesso em 24/11/2013



18/06/2013 02h07 - Atualizado em 18/06/2013 02h14

## Site do PMDB é invadido

Grupo Anonymous assina texto de manifesto em apoio a protestos no país. Por volta das 2h, a mensagem dos hackers ainda estava no ar.

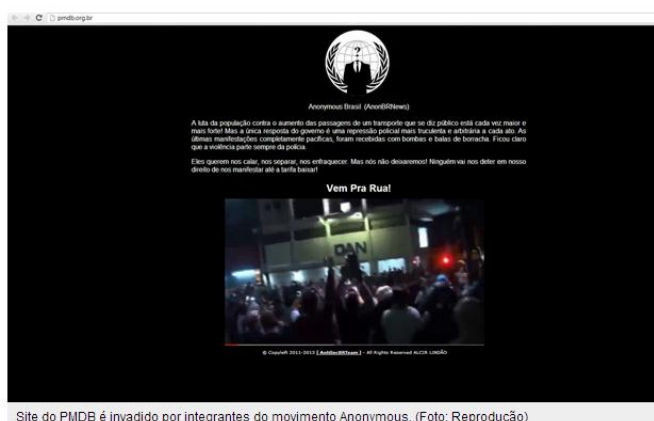
Do G1, em São Paulo

Tweetar 479

Recomendar 1,2 mil

201 comentários

O site do PMDB (Partido do Movimento Democrático do Brasil) foi invadido por integrantes do grupo Anonymous. Por volta das 2h desta terça-feira (18), a mensagem dos hackers ainda estava no ar.



Site do PMDB é invadido por integrantes do movimento Anonymous. (Foto: Reprodução)

Figura 16: Imagem da publicação do item 5.4.2

A publicação noticia a invasão pelo Anonymous ao site do Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB) no dia 18 de junho. Conforme o portal, a página foi modificada pelos *hackers*, que colocaram mensagens de apoio às manifestações pelo transporte público, com o título de “Vem Pra Rua!”. Além disso, na publicação o G1 transcreveu as mensagens que foram postadas pelos *hackers* na página, que também criticavam a violência policial com os manifestantes e afirmavam que não desistiriam dos protestos.

### 5.4.3 Site da Adepol no Maranhão é invadido<sup>60</sup>

Data: 18/06/2013

<sup>60</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/06/site-da-adepol-no-maranhao-e-invadido.html> – Acesso em 24/11/2013

18/06/2013 12h08 - Atualizado em 18/06/2013 14h54

## Site da Adepol no Maranhão é invadido

Página na internet está fora do ar deste ontem (17) à noite. É a terceira vez em duas semanas que o site é invadido, diz Adepol.

Do G1 MA

3 comentários

Tweetar 12

Recomendar 53



O site da Associação dos Delegados de Polícia do Maranhão (Adepol-MA) foi invadido na noite de segunda-feira (17) pelos grupos de hackers Curiosity Group, Learners of Curiosity e High Tech.

Ontem à noite, a página exibia um vídeo com as imagens dos protestos pelo país e, no fim, mostrava a mensagem "Caros amigos policiais, o povo saiu às ruas". Abaixo da frase, eram exibidas as hashtags #ChupaDilma Em apoio aos protestos no

Figura 17: Imagem da publicação do item 5.4.3

De acordo com o G1, o site da Associação dos Delegados de Polícia do Maranhão (Adepol-MA) foi invadido no dia 17 de junho pelos grupos de *hackers* Curiosity Group, Learners of Curiosity e High Tech. Embora o Anonymous não tenha assumido o ciberataque, as hashtags postadas pelos grupos incluíam #Anonymous, além de #ProtestoRJ, #ProtestoSP #ProtestoBH, e #OpBoicoteaCopa.

O presidente da Adepol, conforme relata a notícia, seria a terceira vez em duas semanas que o site fora invadido por *hackers* e que o caso já estava sendo apurado. As mensagens traziam conteúdo de apoio às manifestações, como vídeos e um breve texto afirmando o apoio.

E uma segunda parte da publicação, o G1 afirma que já estariam marcados dois protestos através da rede social Facebook em São Luís do Maranhão, um ("Vem Pra Rua São Luís") para o dia seguinte (19), cujas reivindicações eram a redução do transporte público e melhorias na mobilidade urbana; e (Acorda Maranhão!) outro no dia 22 de junho, contra a PEC 37, e exigindo melhorias na saúde e na educação.

### 5.4.4 Redes sociais difundem e dividem protestos no Brasil<sup>61</sup>

Data: 21/06/2013

<sup>61</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/redes-sociais-difundem-e-dividem-protestos-no-brasil-1.html> – Acesso em 24/11/2013

## Redes sociais difundem e dividem protestos no Brasil

Reuters

Tweeter 0

Recomendar 5

Por Caroline Stauffer

SÃO PAULO, 21 Jun (Reuters) - Os maiores protestos das últimas décadas no Brasil reúnem uma mistura confusa e conflitante de pessoas e mensagens. E a culpa é do Facebook.

Redes sociais como o Facebook e o Twitter propiciaram um tipo de mobilização que há mais de duas décadas não era vista no país. Mas, graças à velocidade, eficiência e anonimato do ativismo on-line, emergiu um movimento amorfo e desajeitado, fora do controle daqueles que inicialmente começaram a pedir mudanças.

"As redes sociais nos ajudaram a nos organizarmos sem termos líderes", disse Victor Damaso, de 22 anos, que participava de uma manifestação na quinta-feira à noite na avenida Paulista, em São Paulo. "Nossas ideias, nossas exigências são discutidas pelo Facebook. Não há reuniões nem regras."

Figura 18: Imagem da publicação do item 5.4.4

A matéria traz um panorama geral das manifestações, contextualizando seu início e sua articulação através das redes sociais, como Twitter e Facebook, e declara ser a maior mobilização nas últimas décadas no País. De acordo com o portal, as redes sociais teriam permitido velocidade, eficiência e anonimato ao ativismo, mas que acabara em um movimento amorfo e desajeitado.

A matéria relata a existência de vândalos e saqueadores, em meio ao 1 milhão de pessoas que foram às ruas, que trariam violência aos protestos; a polícia teria reagido, em alguns casos, de acordo com o portal, com gás de pimenta e lacrimogêneo e balas de borracha. Em depoimento, uma socióloga afirma que é natural o risco de atrair grupos divergentes e sem afinidade plena em grandes movimentos; um jovem manifestante afirma que as redes proporcionaram espaço de organização sem líderes e que as ideias e discussões acontecem no Facebook.

Ao abordar os grupos e suas divergências, O G1 refere-se ao MPL, que havia iniciado as convocações e, depois das divergências, se retirou dos protestos. A partir daí, permitiu que o Anonymous Brasil assumisse as convocações. Ao contextualizar o coletivo na matéria, fala-se da adoção das máscaras de Guy Fawkes pelo grupo e do fato de utilizarem navegadores criptografados, dificultando a identificação dos administradores das páginas pertencentes ao coletivo. De acordo com o portal, ainda com as divergências, as pessoas que estão no centro dos protestos em geral partilham de uma reivindicação por melhorias dos serviços públicos.

A notícia ainda relata que a página do AnonymousBrasil, que possuía no momento da matéria quase 1 milhão de seguidores, havia desaparecido por alguns instantes no dia 21 de

junho. O grupo teria afirmado, posteriormente, via Facebook, que sua conta do Twitter havia sido "roubada" por um dos seus próprios membros, gerando conflitos com sua plataforma associada do Facebook. O grupo afirmou, de acordo com a matéria, que contas concorrentes do Twitter, como @AnonymousBr4sil e #AnonymousFuel, estavam sendo mantidas por "usurpadores"

#### 5.4.5 Vendas de filme e HQ 'V de vingança' crescem na web após protestos<sup>62</sup>

Data: 27/06/2013

lobo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/06/vendas-de-filme-e-hq-v-de-vinganca-crescem-

27/06/2013 08h16 - Atualizado em 27/06/2013 08h16

### Vendas de filme e HQ 'V de vingança' crescem na web após protestos

'Máscara de Guy Fawkes' usada na história é vista em protestos no Brasil. HQ vende 10 vezes mais em loja de SP; filme volta a listas de 'mais vistos'.

Rodrigo Ortega  
Do G1, em São Paulo

132 comentários

Tweetar 83

Recomendar 1 mil

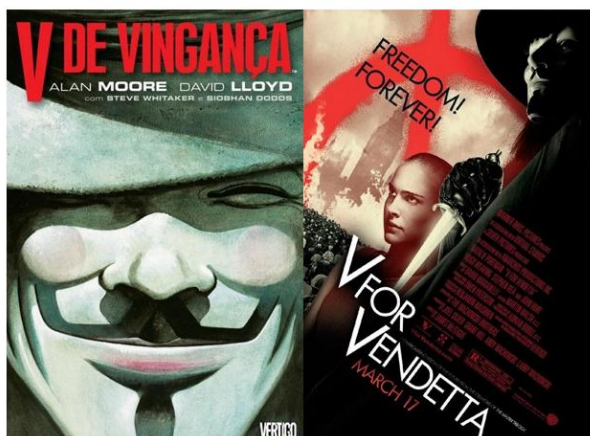


Figura 19: Imagem da publicação do item 5.4.5

Conforme a matéria do G1, houve aumento nas vendas da história em quadrinhos V de Vingança em função dos protestos no Brasil. O portal traz um breve resumo da trama da HQ, cujo protagonista, V, é um ativista que combate o governo totalitarista usando a máscara de Guy Fawkes. A matéria também conta quem foi Guy Fawkes historicamente, e que a mesma máscara utilizada pelo protagonista V fora adotada pelo Anonymous e se fez presente em diversos protestos pelo mundo. A história em quadrinhos, de acordo com o G1, foi lançado em 1988 e deu origem a um filme em 2005.

As vendas na loja HQ Comix teriam aumentado de 10 exemplares por semana, antes dos protestos, para 100 exemplares por semana, após o início dos protestos. De acordo com o

<sup>62</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/06/vendas-de-filme-e-hq-v-de-vinganca-crescem-na-web-apos-protestos.html> – Acesso em 24/11/2013

G1, as máscaras também tiveram um aumento nas vendas. Nos serviços como Netflix e iTunes, o filme já se posicionava entre os mais vistos desde o protesto do dia de 17 de junho.

A matéria é acompanhada de 3 imagens, uma delas do filme, outra uma página da revista em quadrinhos e a terceira um manifestante no Rio vestindo a máscara.

#### 5.4.6 Membros do 'Anonymous' falam sobre seus objetivos<sup>63</sup>

Data: 30/06/2013



Figura 20: Imagem da publicação do item 5.4.6

Na página da TV Globo, no programa Teledomingo da RBSTV, é exibida uma matéria, em vídeo, sobre o Anonymous, que busca esclarecer para o público quem são os Anonymous e o que eles fazem. De acordo com a matéria, a difusão de ideias vem sendo a principal ação do coletivo. Há entrevistas com jovens hackers que afirmam participarem do Anonymous e que fazem parte das sete células do coletivo no Brasil. Na entrevista, os jovens afirmam que o Anonymous não é um grupo, mas sim uma ideia compartilhada coletivamente e que lutam por um bem comum, em detrimento do que favorece somente determinadas classes.

Ao esclarecer suas atividades hackers, os entrevistados afirmam que o hacktivism funciona como divulgação e os ciberataques dariam visibilidade às suas causas. No vídeo, um dos entrevistados enumera ciberataques, mencionando a invasão e derrubada de sites e servidores, divulgação de dados e documentos e, posteriormente, disseminam a investida.

<sup>63</sup> Disponível em <http://globotv.globo.com/rbs-rs/teledomingo/v/membros-do-anonymous-falam-sobre-seus-objetivos/2664894/> – Acesso em 24/11/2013

Num segundo momento da matéria, o repórter explica a origem da máscara utilizada pelo coletivo, em conjunto com imagens do filme V de Vingança. O especialista em movimentos sociais, Felipe de Oliveira, afirma na entrevista que a máscara, marca do Anonymous, pode ser entendida como um signo de inconformidade das pessoas que vão às ruas.

Ao decorrer da matéria, o repórter menciona casos passados famosos em que o Anonymous foi atuante em âmbito internacional. No Brasil, é explicada a participação do grupo nos movimentos sociais que estavam ocorrendo havia cerca de um mês. O entrevistado afirma que participantes do coletivo se reúnem online e buscam soluções dentro das atividades de hacktivismo, como roubo de documentos, elaboração de vídeos e convocações.

Ao final, é afirmado que os hackers do Anonymous já estariam trabalhando com as próximas causas a serem propagadas na rede. Entre as causas listadas, estavam saúde, educação, o fim da corrupção. Conforme a matéria, algumas vitórias já haviam sido conquistadas, como o arquivamento da PEC 37.

#### 5.4.7 Acabar com corrupção é foco do Anonymous, contam integrantes<sup>64</sup>

Data: 01/07/2013

01/07/2013 06h00 - Atualizado em 01/07/2013 08h01

### Acabar com corrupção é foco do Anonymous, contam integrantes

Dois hackers que fazem parte do grupo contam como se organizam. Com vitórias, grupo já trabalha próximas causas para propagar na rede.

Fábio Almeida  
Da RBS TV

1 comentário

Tweetar 44

Recomendar 147



De seus computadores em casa, jovens definem algumas das causas que as multidões transformam em bandeiras nas ruas nos protestos que ocorrem no **Rio Grande do Sul**. No Brasil, o Anonymous é formado por sete células em atividade. Eles não se consideram um grupo, dizem que não há líderes e são contra hierarquias. O que se sabe é que o Anonymous tomou a frente do chamado ciberativismo ou hacktivismo: o uso da internet e das redes sociais para divulgar ideias.

Na última semana, algumas das reivindicações, foram respondidas, como o arquivamento da **PEC 37** e a aprovação no Senado da **lei que torna corrupção crime hediondo**. Com as vitórias, os hackers do Anonymous já trabalham as próximas causas para propagar na rede. Logo elas poderão estar nas ruas. "Na última reunião, falamos sobre saúde e educação, mas o foco principal é tentar destruir a corrupção, porque é ela que acaba com todo o resto", diz um jovem de 25 anos nascido em Minas Gerais, que não mostra o rosto.

Figura 21: Imagem da publicação do item 5.4.7

A matéria é a mesma que a matéria analisada no item 5.2.3.6 deste capítulo, porém, ao invés de estar exibida na sessão da TV Globo, está exposta na sessão Rio Grande do Sul, no

<sup>64</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/07/acabar-com-corrupcao-e-foco-do-anonymous-contam-integrantes.html> – Acesso em 24/11/2013

próprio site do G1. Além disso, a matéria anterior continha somente o vídeo, nesta é possível ler o texto da publicação juntamente com o vídeo. Enquanto o título apresentado na matéria anterior fala em objetivos do coletivo, o título desta destaca o fim da corrupção como causa principal almejada.

#### 5.4.8 Ativistas virtuais saem às ruas para protestar e difundir ideias<sup>65</sup>

Data: 01/07/2013

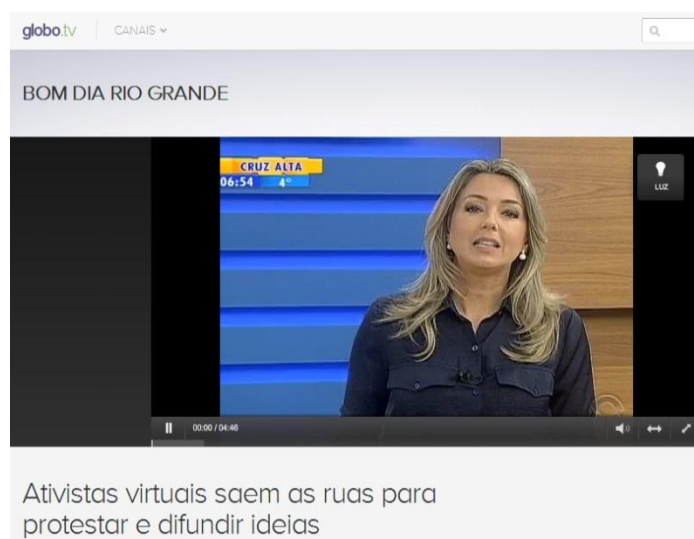


Figura 22: Imagem da publicação do item 5.4.8

A matéria é a mesma dos itens 5.2.3.6 e 5.2.3.7 deste capítulo, entretanto foi localizada na sessão TV Globo, e exibida no programa Bom Dia Rio Grande, da RBS TV. O título não menciona a palavra “Anonymous” e demonstra retratar o coletivo em si, não somente suas causas.

#### 5.4.9 Anonymous Rio convoca protesto na recepção ao papa no Palácio Guanabara<sup>66</sup>

Data: 17/07/2013

<sup>65</sup> Disponível em <http://globo.tv/globo.com/rbs-rs/bom-dia-rio-grande/v/ativistas-virtuais-saem-as-ruas-para-protestar-e-difundir-ideias/2664431/> – Acesso em 24/11/2013

<sup>66</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/anonymous-rio-convoca-protesto-na-recepcao-ao-papa-no-palacio-guanabara.html> – Acesso em 24/11/2013

## Anonymous Rio convoca protesto na recepção ao papa no Palácio Guanabara

Agencia EFE

Tweetar 0

Recomendar 4

Rio de Janeiro, 17 jul (EFE).- O grupo Anonymous Rio convocou nesta quarta-feira uma manifestação para a próxima segunda-feira na porta do Palácio Guanabara, onde a presidente Dilma Rousseff receberá o papa Francisco, para protestar contra o gasto público pela viagem do pontífice ao Rio de Janeiro.

O protesto foi convocado pela página do grupo no Facebook, na qual denuncia que a visita papal custará aos cofres públicos R\$ 180 milhões.

Até a tarde de hoje, 3.461 pessoas tinham confirmado sua presença no protesto.

O grupo também exigirá que se respeite a condição laica do Estado e protestará contra a 'violência desmedida' da polícia em manifestações anteriores, além de exigir a renúncia do governador do Rio, Sérgio Cabral, e outras autoridades.

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, sugeriu nesta semana à população que não dirija seus protestos ao papa, que passará toda a semana que vem no Brasil por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, por entender que suas reivindicações políticas não são relativas ao líder da Igreja Católica. EFE

Figura 23: Imagem da publicação do item 5.4.9

A notícia relata a convocação feita pelo Anonymous Rio para uma manifestação que ocorreria na segunda-feira, 21 de julho, na porta do Palácio Guanabara, onde a presidente Dilma Rousseff receberia o papa Francisco. O protesto teria finalidade de demonstrar insatisfação com o gasto público pela viagem do pontífice ao Rio de Janeiro, que teria custado R\$ 180 milhões aos cofres públicos.

O protesto foi convocado pela página do grupo no Facebook e até o momento da notícia, 3.461 pessoas teriam confirmado presença no protesto. Entre outras causas, o G1 destacou que o grupo também exigia que se respeitasse a condição laica do Estado, além da renúncia do governador do Rio, Sérgio Cabral. Também foi destacada a questão da violência policial como motivação para o protesto.

O portal afirmou que o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, teria sugerido que população que não dirigisse seus protestos ao papa, tendo em vista que suas reivindicações políticas não seriam relativas ao líder da Igreja Católica.

### 5.4.10 Anonymous Rio convoca outra manifestação durante visita do papa<sup>67</sup>

Data: 21/07/2013

<sup>67</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/anonymous-rio-convoca-outra-manifestacao-durante-visita-do-papa.html> – Acesso em 24/11/2013



## Anonymous Rio convoca outra manifestação durante visita do papa

France Presse

Tweeter 12

Recomendar 790

RIO DE JANEIRO, Estado do Rio de Janeiro, 21 Jul 2013 (AFP) - O Grupo Anonymous Rio convocou uma segunda manifestação, para sexta-feira, durante a visita do papa Francisco ao Rio de Janeiro.

A segunda convocatória, para sexta-feira em Copacabana, se segue a uma manifestação em frente à sede do governo da cidade na segunda, coincidindo com a reunião da presidente Dilma Rousseff com o papa, pouco depois da chegada deste ao Brasil.

'Não é contra a Igreja Católica. A ideia é aproveitar a presença do papa, dos turistas e da imprensa global', disse o grupo no Facebook, que já convocou outras manifestações de rua em junho na cidade.

O segundo chamado é para protestar na praia onde o papa rezará a Via Crucis, um dos principais atos na agenda do pontífice, que de 23 a 28 de julho presidirá a Jornada Mundial da Juventude no Rio.

'Será mais um grito contra a corrupção e por serviços públicos dignos', disse a convocatória.

As autoridades reforçaram a segurança na cidade diante de eventuais protestos de rua.

### Figura 24: Imagem da publicação do item 5.4.10

A publicação noticia outra manifestação no Rio convocada pelo Anonymous Rio durante a visita do papa, desta vez no dia 26 de julho. A convocação seria pra uma manifestação em frente à sede do governo da cidade, enquanto aconteceria uma reunião da presidente Dilma Rousseff com o papa.

O portal afirma que o grupo declarou no Facebook que a visita do papa ao Brasil, assim como dos turistas e da imprensa global, era uma oportunidade de visibilidade a ser aproveitada e que o protesto não era contra a Igreja Católica. Para falar das causas que motivariam o protesto, o portal transcreve o que foi dito pelo grupo no Facebook, como serviços públicos dignos e gritos contra a corrupção, além da critica aos gastos públicos para organizar o evento da visita do pontífice.

É mencionada na notícia ainda a questão da segurança na cidade, que estava reforçada, e sobre as manifestações que teriam ocorrido no mês anterior, junho, reivindicando, de acordo com o G1, os gastos públicos milionários para construir estádios para a Copa em detrimento de investimento em saúde e educação.

#### 5.4.11 Twitter do G1 é invadido<sup>68</sup>

Data: 22/07/2013

<sup>68</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/07/twitter-do-g1-e-invadido.html> – Acesso em 24/11/2013

22/07/2013 14h39 - Atualizado em 22/07/2013 16h20

## Twitter do G1 é invadido

Conta foi hackeada na tarde desta segunda, 22.  
Invasor publicou série de mensagens a partir das 13h24.

Do G1, em São Paulo 251 comentários Tweetar 367 Recomendar 894



A conta oficial do **G1** no Twitter (**@g1**) foi invadida por hackers na tarde desta segunda-feira (22). O grupo Anonymous Brasil reivindicou a autoria da invasão e começou a publicar mensagens a partir das 13h24. Foram 16 mensagens postadas até as 14h19, com críticas à Rede Globo, ao jornalismo brasileiro e à mídia em geral.

Logo após a invasão, o **Twitter** foi notificado e, por volta das 14h30, bloqueou as postagens na conta.

Por volta das 15h15, o **G1** retomou o controle da conta e logo depois apagou as postagens feitas indevidamente.

Tela do perfil do invadido (Foto: Reprodução/Twitter)

Figura 25: Imagem da publicação do item 5.4.11

O G1 publicou uma breve notícia sobre a invasão do seu Twitter (@G1) pelo Anonymous no dia 22 de julho. De acordo com o portal, foram 16 tuítes postados após o roubo da conta, criticando a Rede Globo, a mídia em geral e o jornalismo brasileiro. A rede social havia sido imediatamente notificada e, cerca de duas horas após a invasão, a conta foi retomada pelo G1 e as postagens feitas pelo grupo foram apagadas. A notícia é acompanhada de uma captura de tela do perfil do G1 no Twitter após a invasão, onde é possível visualizar algumas das postagens feitas pelos invasores.

### 5.4.12 Manifestantes vão aproveitar visita do papa no Rio de Janeiro para protestar<sup>69</sup>


Data: 22/07/2013

<sup>69</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/manifestantes-va0-aproveitar-visita-do-papa-no-rio-de-janeiro-para-protestar.html> – Acesso em 24/11/2013

## Manifestantes vão aproveitar visita do papa no Rio de Janeiro para protestar

Agencia EFE

 Tweetar 0

 Recomendar 11

Rio de Janeiro, 22 jul (EFE). - Vários grupos articulados através das redes sociais convocaram manifestações durante a visita do papa Francisco ao Rio de Janeiro, inclusive nesta segunda-feira, o dia de sua chegada à cidade.

O Grupo Anonymous Rio, que conta com 153 mil seguidores no Facebook, tem uma manifestação prevista para as proximidades do Palácio Guanabara, a sede do governo estadual, onde a presidente Dilma Rousseff, o governador Sérgio Cabral e o prefeito Eduardo Paes receberão o pontífice.

Além disso, uma organização de defesa dos direitos dos homossexuais convocou seus seguidores para se reunirem no Largo do Machado e depois marcharem até o palácio.

'A Igreja discrimina uma parte significativa da população por ser quem é (mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais)', afirma um panfleto divulgado em seu perfil no Facebook. Esse grupo planeja fazer um 'beijão coletivo' como sinal de protesto.

Outro grupo, que se organiza pelo Twitter com o nome '@ogiganteacordou' também convocou uma manifestação para hoje no palácio.

**Figura 26: Imagem da publicação do item 5.4.12**

A notícia relata que vários grupos articulados através das redes sociais haviam convocado manifestações durante a visita do papa Francisco ao Rio de Janeiro, inclusive no dia da sua chegada. Entre os grupos, o Anonymous Rio, que, de acordo com o portal, contava com 153 mil seguidores no Facebook no momento da publicação, já havia convocado para uma manifestação próxima ao Palácio Guanabara, onde a presidente, o governador e o prefeito iriam receber o pontífice.

Além do Anonymous Rio, grupos de defesa dos direitos dos homossexuais também estavam envolvidos na convocação, em função da discriminação religiosa aos homossexuais, conforme noticiado pelo G1. Outro grupo, que se organizou pelo Twitter com o nome '@ogiganteacordou', também havia convocado uma manifestação no mesmo dia.

Nos dias próximos ao do dia 22, outras manifestações estavam previstas, como uma no complexo de favelas de Manguinhos antes da visita do papa a uma de suas comunidades, no dia 25, e uma na estação Arcoverde, com o lema 'papa, olhe como somos tratados' no dia 26.

No dia 27, aconteceria a 'Marcha das Vadias' em Copacabana, contextualizado pelo G1 nesta notícia. O portal afirmou que não coincidiria com atos religiosos já que o papa não realizaria eventos em Copacabana naquele dia.

Através da análise das 12 publicações do portal G1, podemos perceber que:

- e) Quatro estão relacionadas a ciberataques do grupo a contas em redes sociais e websites. Os ciberataques – que envolvem invasões, deformações e ataques de

negação de serviço – foram executados contra contas de veículos midiáticos tradicionais, órgãos ou representações governamentais e contra a torcida do time Corinthians, Gaviões da Fiel.

- f) Quatro relacionadas a mobilizações online, sendo 3 delas envolvendo eventos específicos na cidade do Rio de Janeiro, onde o Anonymous Rio tomou a frente nas convocações pela rede social Facebook durante a visita do papa. Um das publicações (5.2.3.4) fala da assunção das mobilizações em geral pelo grupo Anonymous e também o aborda como objeto principal da publicação, uma vez que noticia o roubo de contas do coletivo por um de seus próprios membros.
- g) Uma publicação sobre uma consequência indireta da participação do coletivo que graças a seu amplo envolvimento com as manifestações, contribuiu para maior audiência do filme “V de Vingança” e do crescimento das vendas da HQ.
- h) Nenhuma publicação noticiou a participação do Anonymous nas ruas retratando esse fato como assunto principal da publicação – mesmo uma das publicações tendo o título de “Ativistas virtuais saem às ruas para protestar e difundir ideias”, seu conteúdo aborda as atividades do coletivo online, principalmente.

Da mesma forma que no portal Folha.com, no portal G1 o coletivo teve repercussão principalmente por suas atividades *hacker* (ciberataques) e pela mobilização online.

Em um panorama geral de análise dos dois portais juntos, sendo 21 publicações analisadas, vemos 7 publicações relacionadas a ciberataques; 7 relacionadas à mobilizações online; 2 em que a popularidade do coletivo por sua participação nas manifestações provocou consequências indiretas e não relacionadas aos protestos; nenhuma em que o Anonymous se destaque na participação nas ruas; 6 em que o grupo foi assunto principal da publicação, cuja finalidade buscava explicar a estrutura do coletivo, quem eram e em quem se inspiravam e como e por que se destacavam em meio às manifestações do Brasil em 2013.

Podemos perceber que, nos casos em que o Anonymous foi retratado como principal ator mobilizador, as publicações abordavam eventos posteriores à conquista pela redução do preço da passagem do transporte público e posterior ao dia 17 de junho (dia em que aproximadamente 1,4 milhões de pessoas foram às ruas). Antes do Anonymous, o principal ator de mobilização era o Movimento Passe Livre e, com sua saída dos protestos, vemos assumir o coletivo hacktivistas. Outro momento a ser destacado nesta mesma subcategoria é que a célula Anonymous Rio ganhou a maior repercussão como mobilizador online entre

todos as células do Anonymous, através de seus eventos criados durante a visita do papa ao Rio de Janeiro em julho.

No que concerne os ciberataques, avaliamos como ciberataques típicos do fenômeno hacktivistas, que visam principalmente chamar atenção e desacreditar a entidade atacada, do que destruir informações ou prejudicar sistemas de forma permanente. As investidas *hacker* utilizadas – roubo e publicação de dados, ataques distribuídos de negação de serviço, invasões, deformações a páginas e contas em redes sociais – causam pouco dano ao alvo, que em cerca de poucas horas já consegue retomar o controle de suas operações regulares. Neste sentido, vemos que os objetivos do coletivo foram alcançados, uma vez que conseguiram a disseminação dos ataques no âmbito da mídia tradicional e foram as atividades do grupo que mais tiveram repercussão em âmbito nacional.

É possível perceber pelas publicações onde o Anonymous é apenas citado que o coletivo se fez frequentemente presente e que as máscaras de Guy Fawkes estiveram sempre destacadas nas multidões nas ruas. Porém suas atividades nos protestos offline não obtiveram destaque singular e protagonista, provavelmente devido ao caráter diversificado das manifestações e à quantidade de pessoas que foram às ruas.

## 6. Considerações Finais

As manifestações do Brasil no ano de 2013 seguem o exemplo de tantas outras manifestações que vêm ocorrendo pelo mundo nos últimos anos, como a Primavera Árabe, nos países do Norte da África, o movimento Occupy Wall Street, em Nova York, e os Indignados, na Espanha. Os protestos que vêm ocorrendo em âmbito global são resultado das possibilidades que a rede proporciona e pela sua apropriação pela sociedade. Como falamos, as redes permitem que indivíduos se reúnam, discutam, colaborem e construam conhecimento acerca de temas que sejam de interesse em comum, já não necessitando de instituições que os representem e os intermedeiem. Portanto, sem a imprescindibilidade destas representações, os indivíduos podem não somente se comunicar com mais facilidade, melhor acessibilidade, diretamente entre si e entre muitos ao mesmo tempo, mas também manter sua individualidade, sua identidade, trazendo diversidade aos coletivos formados pelas redes.

Esta diversidade pode beneficiar o movimento ou não, conforme vimos nas manifestações do Brasil; porém, o que não se pode negar, é que a partir do momento em que há a apropriação da rede pelo ativismo – e esse passando a ser ciberativismo – não há como evitar a existência dessa diversidade de identidades. Como já citado neste trabalho, “o ativismo por meio das novas ferramentas tecnológicas surge na própria definição de padrões dessas tecnologias” (MONTARDO & ARAÚJO, 2012, p. 127), logo, o que vemos é a comunicação em rede potencializada pela internet auxiliando a construção e formação desses coletivos diversificados e plurais em termos de identidade. A ausência de lideranças é outra característica que vemos refletida nos movimentos. Eles são coordenados coletivamente, por meio de discussão e debates, acordos e consenso, todos com todos, sem líderes – assim como na rede, onde todos os nós ligam-se entre si, sem nós centrais. A colaboração, um valor de rede existente desde o princípio da internet, também permanece como motor para conquistas sociais por meio do ativismo, que convida a todos que defendam a causa para participarem e ajudarem, independente de partido político, religião ou qualquer outra preferência ou representação. A rede intensifica a reconfiguração dos processos comunicativos da sociedade e esse fenômeno é notável nos protestos recentes pelo mundo, inclusive no Brasil.

É necessário que se compreenda que, ao entender a internet como componente essencial para o acontecimento do ciberativismo, e este como colaborador para a expansão da internet, deve-se tentar enxergar os valores da rede como novas formas de organização em desenvolvimento. A ausência de líderes, o anonimato, a colaboração em detrimento da

competitividade e as divergências humanas participantes são valores da sociedade em rede que não podem ser avaliados através de conceitos da antiga sociedade industrial, onde imperavam valores adversos a estes. Há que se pensar que com o advento destas novas tecnologias, novas formas de organizações surgem e se desenvolvem e que isso, na esfera do ativismo, não invalidará a luta pelas causas. No Brasil, os movimentos ocorreram permeados por estas características e muitas das causas reivindicadas foram conquistadas. Com resultados positivo, vemos como essa reconfiguração da organização social é efetiva.

O Anonymous, como podemos perceber, é um coletivo que reflete essas características e valores da rede também, sendo, portanto, uma entidade importante para sua manutenção. No Brasil, o Anonymous teve ações ambigualmente legais e ilegais, de ciberataques a participações em protestos nas ruas, atitudes que vão do *cracking* politizado ao hacktivismo performativo (SAMUEL, 2004), tendo como principal objetivo a disseminação de informações e a mobilização em favor das causas defendidas. O grupo, comunidade, coletivo, ou simplesmente ideia, em âmbito global ou nacional, interferiu nas manifestações, deu voz às causas e agendou temas que pudessem ser relevantes à sociedade, mesmo sendo um grupo vagamente definido (VEGH, 2003). Talvez, justamente por ser um grupo vagamente definido, porém formado por brasileiros, é que suas atividades ilegais, o *cracking* politizado, foram constatadas com mais repercussão e obtiveram o apoio dos brasileiros online, garantindo legitimidade aos atos. Além disso, foram incidentes isolados contra órgãos governamentais, contra corporações midiáticas e contra instituições favoráveis ao que o coletivo julgava de interesse privado, sem causar danos permanentes ou graves, o que também contribuiu para receber apoio dos brasileiros.

Por fim, o fenômeno hacktivismo cumpriu seu papel como participante importante e de impacto nas manifestações do Brasil, seja através de atores como o Anonymous ou outros que também se fizeram presente, colaborando através do fornecimento de novas tecnologias e plataformas, ciberataques, e práticas de disseminação. Vemos que o ciberativismo e o hacktivismo estão iminentes um ao outro, e iminentes aos grandes movimentos sociais nos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fabio. **Monitoramento, vazamentos e anonimato nas revoluções democráticas das redes sociais da internet**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, São Leopoldo: Unisinos, v. 14, n. 2, p.68-76, mai./ago. 2012.

ANTOUN, Henrique. **Jornalismo e ativismo na hipermídia**: em que se pode reconhecer a nova mídia. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 16, p.135-148, ago./dez. 2001.

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fabio. **Ontologia da liberdade na rede**. A guerra das narrativas na Internet e a luta social na democracia. Multitudes. Revista Famecos, Porto Alegre, v.17, n. 3, p.184-197, set./dez. 2010.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks**: how social production transform markets and freedom. New Heaven: Yale University, 2006.

BARDIN, Laurence (1979). **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **As manifestações de junho de 2013 em SP**. Disponível em: <<http://jornalggm.com.br/blog/luisnassif/as-manifestacoes-de-junho-de-2013-em-sp-por-marilena-chau>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

COSTA, Luciano Martins. **Uma virada na cobertura**. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma\\_virada\\_na\\_cobertura](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_virada_na_cobertura)>. Acesso em: 24 nov. 2013.

DENNING, Dorothy E.. **Activism, Hacktivism, and Cyberterrorism**: The Internet as a Tool For Influencing Foreign Policy. In: ARQUILLA, John; RONFELDT, David. **Networks and Netwars**:: The Future of Terror, Crime, and Militancy. Santa Monica: Rand, 1999. p. 239-288.

FERNANDES, Nathan. **Sabem quem foi Guy Fawkes? Pois ele deu origem às máscaras que estão em manifestações no Brasil, na Malásia, na Colômbia. Tremenda história**. Disponível e: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/sabem-quem-foi-guy-fawkes-fois-ele-deu-origem-as-mascaras-que-estao-em-manifestacoes-no-brasil-na-malasia-na-colombia-tremenda-historia/>> Acesso em: 24 nov. 2013

FRANCO, Augusto. **O Poder nas Redes Sociais**. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/augustodefranco/o-poder-nas-redes-sociais-2a-versao>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

GARMAN, Tabetta. **We Are Legion**: Civil Disobedience in the Cyber Age. Blountville: Northeast State Community College, 2012.

HIMANEN, Pekka. **La ética hacker y el espíritu de la era de la información**. Buenos Aires: Destino, 2002.



KNAPPENBERGER, Brian (diretor). **We are Legion**. 2012.

LANDERS, Chris. **SERIOUS BUSINESS: Anonymous Takes On Scientology (and Doesn't Afraid of Anything)**. Disponível em: <<http://www2.citypaper.com/arts/story.asp?id=15543>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 9, n. 0, p.37-49, dez. 1998. Semestral.

LEVY, Steven. Hackers: Heroes of the Computer Revolution. Massachussets: O'reilly, 1984.

MACHADO, Murilo. **Por dentro do Anonymous Brasil: poder e resistência na sociedade de controle**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Abc, Santo André, 2013.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A Internet e a Rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Caso Wikileaks: Desafios do Historiador do Tempo Presente. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874322\\_ARQUIVO\\_ANPUH2011A.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874322_ARQUIVO_ANPUH2011A.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2013.

MILLS, Elinor. **Old-time hacktivists: Anonymous, you've crossed the line**. Publicado em: 30 mar. 2012 Disponível em: <[http://news.cnet.com/8301-27080\\_3-57406793-245/old-time-hacktivists-anonymous-youve-crossed-the-line/](http://news.cnet.com/8301-27080_3-57406793-245/old-time-hacktivists-anonymous-youve-crossed-the-line/)>. Acesso em: 20 abr. 2012.

MONTARDO, Sandra Portella; ARAUJO, Willian Fernandes; FREITAS, Ernani Cesar de. Ciberativismo como cultura de mobilização imanente à internet. In: PUHL, Paula Regina; SARAIVA, Juracy Assmann. **Processos Culturais e Suas Manifestações**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. p. 162-187.

MONTARDO, Sandra Portella; ARAUJO, Willian Fernandes. **Performance e práticas de consumo online: ciberativismo em sites de redes sociais**. In: PUHL, Paula Regina;

NORTON, Quinn. **2011: The Year Anonymous Took On Cops, Dictators and Existential Dread**. Disponível em: <<http://www.wired.com/threatlevel/2012/01/anonymous-dicators-existential-dread/>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

PILATTI, Adriano; NEGRI, Antonio; Cocco Giuseppe. **Levante da multidão**. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/levante-da-multidao/>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

ROVAI, Renato. **Saiba quem são os Anonymous**. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blog/2013/06/saiba-quem-sao-os-anonymous/>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Processos Culturais e Suas Manifestações**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. p. 116-140.

SAMUEL, Alexandra. **Hactivism and the Future of Political Participation**. 284 f. Tese (Mestrado) - Harvard University, Cambridge, Massachussets, 2004.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, n. 86, p.28-39, jun/ago. 2010.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Game-ativismo e a nova esfera pública interconectada**. Líbero, São Paulo, vol. 12 n. 24, p.131-138, dez. 2009.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **O fenômeno Wikileaks e as redes de poder**. Compolítica: Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política. IV Encontro da Compolítica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p.1-18, 13 a 15 abr. 2011.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **As políticas da sociedade informacional, propriedade imaterial e cultura digital**. Comunicação & Sociedade, São Paulo, ano 33, n. 57, p.59-78, jan/jul. 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Hackers, monopólios e instituições panópticas: elementos para uma teoria da cidadania digital**. Líbero, São Paulo, ano IX, n. 17, p.73-81, jun. 2006.

UGARTE, David de. **O Poder das Redes**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

VEGH, Sandor. **Classifying Forms of Online Activism: The Case of Cyberprotests against the World Bank**. In: AYERS, Michael D.; MCCAUGHEY, Martha. **Ciberactivism: Online Activism in Theory and Practice**. New York: Routledge-usa, 2003. p. 71-95.

VEGH, Sandor. **The media's portrayal of hacking, hackers, and hacktivism before and after September 11**. Fevereiro, 2005. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/1206/1126>>. Acesso em: 13 set. 2013.

VEGH, Sandor. **Hactivists or Cyberterrorists? The Changing Media Discourse on Hacking**. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/998/919>>. Acesso em: 13 set. 2013.

WRAY, Stefan. **Electronic Civil Disobedience and the World Wide Web of Hacktivism: A Mapping of Extraparliamentarian Direct Action Net Politics**. Disponível em: <<http://switch.sjsu.edu/web/v4n2/stefan/>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

### *Notícias de Portais*

EXAME. **Hackers derrubam site oficial do governo**. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/politica/noticias/hackers-derrubam-site-oficial-do-governo-brasileiro>> Acesso em 24 nov. 2013.

FOLHA. **'Anonymous' lidera ativismo digital nos protestos, diz estudo.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1310892-anonymous-lidera-ativismo-digital-nos-protestos-diz-estudo.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Atitudes e estilos vistos nas ruas revelam sentido do movimento.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/06/1299071-atitudes-e-estilos-vistos-nas-ruas-revelam-sentido-do-movimento.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Grupo hacker invade conta dedicada à Dilma em rede social.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296822-grupo-hacker-invade-conta-de-dilma-em-rede-social.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Contas da "Veja" no Twitter são hackeadas.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296409-conta-da-veja-no-twitter-e-hackeada.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Manifestantes de SP saem em apoio a protestos no Rio.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1316336-manifestantes-de-sp-saem-em-apoio-a-protestos-no-rio.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Manifestantes prometem ato em frente ao Palácio Guanabara.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1314390-manifestantes-prometem-ato-em-frente-ao-palacio-guanabara.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Conta do "G1" no Twitter é hackeada.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/07/1314847-conta-do-g1-no-twitter-e-hackeada.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Manifestantes marcam para amanhã novo protesto em frente à casa de Cabral.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1305416-manifestantes-prometem-voltar-a-acampar-em-frente-ao-predio-de-cabral.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Protestos alavancam vendas de máscaras na 25 de Março, em SP.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1304737-protestos-alavancam-vendas-de-mascaras-na-25-de-marco.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Manifestantes voltam a ocupar entorno do estádio do Maracanã.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1304103-manifestantes-voltam-a-ocupar-entorno-do-estadio-do-maracana.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Florianópolis terá protestos em frente à prefeitura e na casa do governador.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1301109-florianopolis-tera-protestos-em-frente-a-prefeitura-e-na-casa-do-governador.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Com apoio do Passe Livre, periferia de SP tem protestos hoje.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1300796-com-apoio-do-passe-livre-entidades-fazem-atos-na-periferia-de-sp-hoje.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Acordes dissonantes na avenida principal.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/06/1299986-acordes-dissonantes-na-avenida-principal.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Veja as reivindicações levadas às ruas durante manifestações.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298127-veja-as-reivindicacoes-levadas-as-ruas-durante-manifestacoes.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Manifestações contra o aumento da tarifa unem punks a ativistas do 'paz e amor'.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295739-manifestacoes-contra-o-aumento-da-tarifa-une-punks-a-ativistas-do-paz-e-amor.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Perfil dos detidos em protesto em SP vai de Poá a Alphaville.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294273-perfil-dos-detidos-em-protesto-vai-de-poa-a-alphaville.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Manifestações contra o aumento da tarifa unem punks a ativistas do 'paz e amor'.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295739-manifestacoes-contra-o-aumento-da-tarifa-une-punks-a-ativistas-do-paz-e-amor.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Juventude do PT engrossa protesto contra tarifas em São Paulo.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293061-juventude-do-pt-engrossa-protesto-contra-tarifa.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Grupo fecha marginal Pinheiros em protesto contra aumento de passagens em SP.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292172-grupo-fecha-marginal-pinheiros-em-protesto-contra-aumento-de-passagens-em-sp.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **Grupo promete novo protesto contra aumento de passagens em SP.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292012-grupo-promete-novo-protesto-contra-aumento-de-passagens-em-sp.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **'Anonymous' funciona como resistência política ao controle do indivíduo, diz pesquisa.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1310894-movimento-funciona-como-resistencia-politica-ao-controle-do-individuo-diz-pesquisa.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **O Rebu.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/fernandatorres/2013/07/1309577-o-rebu.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

FOLHA. **HUMOR: No covil do Exército de Libertação da Cura Gay.** Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/factoides/2013/07/1311192-humor-no-covil-do-exercito-de-libertacao-da-cura-gay.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

**FOLHA. PMs feridos em conflito no Palácio Guanabara não correm risco de morte.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1315279-pms-feridos-em-conflito-no-palacio-guanabara-nao-correm-risco-de-morte.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

**FOLHA. Ueba! O papa e o bicho-papão!.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/07/1314818-ueba-o-papa-e-o-bicho-papao.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

**FOLHA. Criador de evento que sugere 'greve geral' defende armamento e se diz de esquerda.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1299814-criador-de-evento-que-sugere-greve-geral-defende-armamento-e-se-diz-de-esquerda.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

**FOLHA. Manifestações levam 1 milhão de pessoas às ruas em todo o país.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298755-manifestacoes-levam-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-em-todo-pais.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Membros do 'Anonymous' falam sobre seus objetivos.** Disponível em: <<http://globov.globo.com/rbs-rs/teledomingo/v/membros-do-anonymous-falam-sobre-seus-objetivos/2664894/>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Acabar com corrupção é foco do Anonymous, contam integrantes.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/07/acabar-com-corrupcao-e-foco-do-anonymous-contam-integrantes.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Anonymous Rio convoca outra manifestação durante visita do papa.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/anonymous-rio-convoca-outra-manifestacao-durante-visita-do-papa.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Anonymous Rio convoca protesto na recepção ao papa no Palácio Guanabara.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/anonymous-rio-convoca-protesto-na-recepcao-ao-papa-no-palacio-guanabara.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Ativistas virtuais saem as ruas para protestar e difundir ideias.** Disponível em: <<http://globov.globo.com/rbs-rs/bom-dia-rio-grande/v/ativistas-virtuais-saem-as-ruas-para-protestar-e-difundir-ideias/2664431/>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Twitter do G1 é invadido.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/07/twitter-do-g1-e-invadido.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Hackers invadem site da Gaviões da Fiel para apoiar manifestações.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/hackers-invadem-site-da-gavioes-da-fiel-para-apoiar-manifestacoes.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Site do PMDB é invadido.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/site-do-pmdb-e-invadido.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Veja fotos da manifestação em Campos dos Goytacazes, RJ.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/fotos/2013/06/veja-fotos-da-manifestacao-em-campos-dos-goytacazes-rj.html#F840762>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Manifestantes invadem Câmara Municipal do Rio.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/08/manifestantes-invadem-camara-municipal-do-rio-1.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Exército monitorará redes sociais durante visita do Papa e Copa de 2014.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/07/exercito-monitorara-redes-sociais-durante-visita-do-papa-e-copa-de-2014.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Manifestantes vão aproveitar visita do papa no Rio de Janeiro para protestar.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/manifestantes-vao-aproveitar-visita-do-papa-no-rio-de-janeiro-para-protestar.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Veja mais fotos da manifestação no AP.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/ap/amapa/fotos/2013/06/veja-mais-fotos-da-manifestacao-no-ap.html#F844467>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Manifestantes invadem Câmara Municipal do Rio.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/08/manifestantes-invadem-camara-municipal-do-rio-1.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Papa Francisco 'não será intimidado' por manifestações no Rio, diz Paes.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/papa-francisco-nao-sera-intimidado-por-manifestacoes-no-rio-diz-paes.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Site da Adepol no Maranhão é invadido.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/06/site-da-adepol-no-maranhao-e-invadido.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Papa viaja a um Brasil com menos católicos e mais descontentamento social.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/papa-viaja-a-um-brasil-com-menos-catolicos-e-mais-descontentamento-social.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Jovens brasileiros esperam apoio do Papa e não descartam protestar na JMJ.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/jovens-brasileiros-esperam-apoio-do-papa-e-nao-descartam-protestar-na-jmj.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Redes sociais difundem e dividem protestos no Brasil.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/redes-sociais-difundem-e-dividem-protestos-no-brasil-1.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**G1. Centenas protestam em Fortaleza antes de Brasil e México.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/centenas-protestam-em-fortaleza-antes-de-brasil-e-mexico.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Vendas de filme e HQ 'V de vingança' crescem na web após protestos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/06/vendas-de-filme-e-hq-v-de-vinganca-crescem-na-web-apos-protestos.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Antes de viajar para o Rio, Papa anuncia a 'semana da juventude'.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/antes-de-viajar-para-o-rio-papa-anuncia-a-semana-da-juventude.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Milhares protestam em Fortaleza antes de Brasil e México.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/milhares-protestam-em-fortaleza-antes-de-brasil-e-mexico.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Veja imagens do protesto desta quarta-feira, no Recife.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/fotos/2013/06/veja-imagens-do-protesto-desta-quarta-feira-no-recife.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Brasileiros 'descobrem' mobilização em redes sociais durante protestos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/07/brasileiros-descobrem-mobilizacao-em-redes-sociais-durante-protestos-1.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Manifestante é preso por suspeita de pichar Palácio dos Bandeirantes.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/08/manifestante-e-preso-por-suspeita-de-pichar-palacio-dos-bandeirantes.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Após ser liberado, manifestante nega ter pichado Palácio dos Bandeirantes.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/08/apos-ser-liberado-manifestante-nega-ter-pichado-palacio-dos-bandeirantes.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Manifestação pacífica em Campos, Norte do RJ, tem até Hino Nacional.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2013/06/manifestacao-pacifica-em-campos-norte-do-rj-tem-ate-hino-nacional.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **MP quer responsabilizar movimento por quebra-quebra em São Paulo.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/mp-quer-responsabilizar-movimento-por-quebra-quebra-em-sao-paulo.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Impasse entre manifestantes e governo marca protesto no Recife.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/06/impasse-entre-pms-e-manifestantes-marca-protesto-no-recife.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Saiba mais sobre os protestos em SP contra aumentos de ônibus e Metrô.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contr-aumento-das-tarifas-do-transporte.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

G1. **Resultados das manifestações de junho.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>> Acesso em: 24 nov. 2013

**R7. Após protestos, Dilma anuncia Plano Nacional de Mobilidade Urbana.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/brasil/apos-protestos-dilma-anuncia-plano-nacional-de-mobilidade-urbana-22062013>> Acesso em: 24 nov. 2013

**R7. Principal página do Anonymous no Facebook sai do ar.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/principal-pagina-do-anonymous-no-facebook-sair-do-ar-20130621.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**R7. Anonymous invade site do governo para apoiar protesto do Movimento Passe Livre.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/anonymous-invade-site-do-governo-para-apoiar-protesto-do-movimento-passe-livre-19062013>> Acesso em: 24 nov. 2013

**R7. Ativo no Facebook, Anonymous assume liderança das manifestações pelo Brasil.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/ativo-no-facebook-anonymous-assume-lideranca-das-manifestacoes-pelo-brasil-20130620.html>> Acesso em: 24 nov. 2013

**R7. Em apoio a protestos, Grupo Anonymous derruba página da Secretaria de Transportes, PM e da PF.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/em-apoio-a-protestos-grupo-anonymous-derruba-pagina-da-secretaria-de-transportes-pm-e-da-pf-14062013>> Acesso em: 24 nov. 2013

**TERRA. Amazon cria polêmica ao expulsar WikiLeaks.** <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/amazon-cria-polemica-ao-expulsar-wikileaks,eecaeb4bddea310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>> Acesso em: 24 nov. 2013.

**TERRA. Perfil da Veja no Twitter é invadido e revista é chamada de fascista.** <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/perfil-da-veja-no-twitter-e-invadido-e-revista-e-chamada-de-fascista,4414d27e8e25f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em: 24 nov. 2013.

**TIME. The World's 100 Most Influential People: 2012.** <[http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2111975\\_2111976\\_2112122,00.html](http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2111975_2111976_2112122,00.html)> Acesso em: 24 nov. 2013.

**XIS CLUB. “Não são só os 0,20 centavos”, conheça as causas.** <<http://www.xisclub.com.br/drops/nao-sao-so-os-020-centavos-conheca-as-causas/>> Acesso em: 24 nov. 2013.

**YAHOO. Protestos contra aumento das passagens abalam São Paulo e Rio.** <<http://br.noticias.yahoo.com/protesto-aumento-das-passagens-%C3%B4nibus-re%C3%BAne-2-mil-003542632.html>> Acesso em: 24 nov. 2013.